Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Orientadora: Professora Doutora Maria Madalena Ferreira Pinto da Silva
Co-orientadora: Professora Doutora Ana Luísa da Silva Fernandes



PARTICIPAR NA UTOPIA

notas de viagem ao interior do ser

Ana João Teixeira da Mota Azevedo

-

2017-2018

Nota à edição:

Esta dissertação foi escrita em concordância com o novo Acordo Ortográfico, sendo exceções as citações. O corpo de texto desta dissertação foi escrito em português, sendo que as citações referentes a edições de língua não portuguesa foram sujeitas a uma tradução da autora. No que concerne aos livros editados no Brasil, foram também feitas pequenas alterações.
Todas as fotografias e desenhos dos *Instantes* que intercalam os capítulos são da autora desta dissertação.

À pessoa que me ensinou que *viajar é abrir as janelas do coração e deixar arejar o sótão da nossa mente.*

"Tudo se vive imediatamente pela primeira vez sem preparação. Como se um actor entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. Mas o que vale a vida se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida? É o que faz com que a vida pareça sempre um esquisso. Mas nem mesmo «esquisso» é a palavra certa, porque um esquisso é sempre o esboço de alguma coisa, a preparação de um quadro, enquanto que o esquisso que a nossa vida é, não é esquisso de nada, é um esboço sem qualquer quadro. "

Milan Kundera, *A insustentável leveza do ser*

AGRADECIMENTOS

Diz-se que somos construídos da matéria de que são feitas as memórias que temos, os dias que vivemos, as nossas experiências e os que estão presentes ao longo do nosso caminho. Percorrendo a memória daquilo que sou, dou-me conta que foram específicos instantes e pessoas que me trouxeram a esta encruzilhada em que me situo agora. É a esses momentos, e a essas pessoas, que me cabe agradecer nesta página.

Ao poema que me incutiu o lema que guiaria todos os meus passos, e à pessoa que mo introduziu tão cedo na vida, o Chico, o padrinho que, por vezes longe, se manteve muito perto, por esse pedaço de ensinamento transmitido.

À Faup, e a todos os mestres que partilharam o seu saber comigo e me fizeram acreditar que tinha encontrado um caminho. A todos os funcionários que facilitaram as burocracias, a pesquisa e a procura e que acompanharam a minha experiência na faculdade que é (quase) casa.

Ao Manuel, pelos ensinamentos e à Aida, pelo cuidado e preocupação.

À *Fap no Bairro*, ao *Just a Change*, e à *Techo*, pelas pessoas conhecidas e o saber que me permitiram adquirir. À *Gap Year Portugal*, que me deu as ferramentas que eu precisava para partir e amigos *mais malucos do que eu.*

Agradeço especialmente ao Maxim Malhado e à Viviana Lugo Alonso, por toda a disponibilidade e carinho que demonstraram, mesmo à distância. Por estarem sempre disponíveis para responder a alguma dúvida e por fazerem do mundo um lugar mais alegre. Agradeço também à Alejandra, pela sua disponibilidade, apesar de não termos podido terminar a nossa conversa. Também à Sara Neves, pelas recomendações, numa fase em que a pesquisa e as ideias eram ainda embrionárias.

Agradeço aos meus amigos, a todos os que são família escolhida. À Xana, que me acompanha desde sempre e que, mesmo a estudar *imparável* para o exame da vida dela, conseguiu ler e discutir comigo partes desta dissertação. À casa do povo, que me permitiu crescer como estudante e criar amizades para a vida e às minhas colegas de casa, a Luís, a Laura, a Bia e a Pilar, pelos seis anos tão perto. À Raquel, por ser um exemplo de organização, pelas conversas, pelos conselhos e por me chamar ao trabalho, tantas vezes. À Pipa, pela consciência num mundo cheio de inconscientes; À Jenny, pelo instante de vira-

gem; Ao Gonçalo e à Beatriz, um porque acreditou que eu era capaz de tudo, outra porque me deu exemplos incomparáveis de profissionalismo e amizade. Às minhas mexicanas, que me mostraram o que é lutar, todos os dias, por oportunidades; À Maya, pelas conversas, pelo cinema, pela arquitetura e pelos projetos. À Fer, a chilena mais *Arquitecta* de sempre, pelos conselhos; À Rita, por alinhar em todas as aventuras e mais algumas; Ao Gui, Nery e Ricardo, porque, apesar de recentes, já ocupam um cantinho bastante grande cá dentro. Ao Gizo e ao Akaki, por terem sido família num lugar tão distante quanto a Geórgia; À Filipa, por me ensinar o que é a preserverança. À Bia, que também fez parte do percurso desta dissertação. Ao André, por me salvar nos meus momentos de luta contra as tecnologias. Ao Jacek, Alice, Jamila, Michael, David, Susanna, Debo, Vera, Sergio, Isra, Ale, Camila, Martha, Victoria, Kony, Juan, Josy, Konga, Yasmine, Wendy, porque se encontram amigos em qualquer continente e pelo suporte no caminho.

Aos livros, e aos autores que me servem de exemplos, na jornada da vida. Todos os que descansam nas estantes, mas também na mente.

A todos os que, direta e indiretamente, ajudaram na construção deste trabalho.

Agradeço à professora Ana, que aceitou acompanhar este trabalho, apesar de não me conhecer como aluna, e o fez com tanto carinho e disponibilidade. Por me ter feito ver as coisas sobre outras perspetivas, me incitar a questionar, a repensar e a reequacionar.

Há pessoas que nos marcam de forma duradoura. Pelas ações, pelo que nos transmitem, pelo respeito e pelo carinho. Transformam-se em exemplos que ajudam a guiar os nossos passos. Agradeço à professora Madalena, por se ter transformado numa referência, e por ter acreditado que a viagem e a poesia também poderiam fazer parte desta dissertação e da vida. Pelos livros, pela partilha, pelos poemas, pelas conversas, o meu eterno obrigada.

Ao meu irmão, a surpresa da minha vida, com esperança de que um dia, consiga apreciar a leitura.

Aos meus pais, já que lhes devo a maior aventura de todas.

À vovó, pelo apoio incondicional.

sumário

Agradecimentos
Resumo | Abstract | Résumé

Parte I:

Sobre a memória e (in)definição do ser 21
Sobre o sentir 31
Sobre o diário de viagem 39

Parte II:

A materialidade das coisas comuns 45

Instante I ou o reconhecimento
Adobe for Women, México: os primeiros passos no refletir 59

Instante II ou o recordar
Ferreira do Zêzere: ponte para uma aprendizagem informal 77

Instante III ou a descoberta
Esteio, Uruguai: as mãos na terra 99

Instante IV ou a sensibilização
Techo, Uruguai: enfrentar realidades 119

Instante V ou o desafio
Marrocos e o chantier: os pés na terra 145

Instante VI ou o regresso
Porto: ponto de situação 179

Parte III:

Não é só de sonhos, mas também de mãos, esta Utopia 195
notas de viagem ao interior do ser 203

anexos

À conversa com Viviana Lugo Alonso 207
À conversa com Maxim Malhado 221
À conversa com Alejandra 231

Bibliografia 235
Créditos das Imagens 241

RESUMO

A oportunidade de assistir a vários momentos em que arquitetos, comunidades e voluntários se uniram para concluir uma ideia, desde o seu início até ao seu término, num processo em que cada um dos intervenientes tem algo a dizer e todos põem mãos à obra, foi um dos estímulos para a base deste estudo. Pretende-se realçar, no trabalho, alguns projetos com este caráter, em diversos contextos e países.

Os projetos com um carácter participativo, em que a participação é alargada a mais ou menos intervenientes, podem constituir-se como forma de aprendizagem, permitindo o crescimento de cada um dos participantes enquanto ser incluído numa comunidade, que se relaciona com os outros e com eles tem de colaborar para a procura e resposta de soluções.

Os projetos apresentados têm origens e intenções muito díspares: formam parte de um percurso de formação e autoconhecimento e são apresentados seguindo uma linha cronológica. Estes intercalam-se com relatos da viagem geográfica realizada durante esse período.

Acompanhando uma linha de aprendizagem que encerrará uma das suas etapas com esta dissertação, ambiciona-se que este tema permita o surgimento de vários outros tópicos de discussão: uma revisão do papel do arquiteto na atualidade, a pertinência deste género de intervenções em vários contextos; a utilização destas iniciativas como forma de melhorar situações de habitabilidade em determinados lugares.

Aproveitar tais contextos como espaço de aquisição de determinadas competências, como complemento à formação do estudante de arquitetura, será um dos objetivos que se pretende realçar.

ABSTRACT

The opportunity to witness several moments in which architects, communities and volunteers came together to conclude an idea, from the beginning to the end, in a process in which each participant has something to say and altogether put their hands to work, was one of the stimuli to start this work. The aim of this work is to highlight some projects with this character developing in several contexts and countries.

Projects with a participatory character, in which participation can be extended to more or less participants, can be a form of learning, allowing the growth of each participant while being included in a community, creating relationships with others and collaborating with them searching for answers and finding solutions.

The projects presented have very different origins and intentions. They are part of a path of learning and self-knowledge and they are presented here following a chronological line. They are interleaved with notes from the geographic travels performed during that period.

Following a path of learning that will conclude one of its stages with this dissertation, it is hoped that this theme allows the emergence of several other topics of discussion: a review of the architect's role today, the relevance of this kind of interventions in several contexts, the analysis of participatory projects throughout history; the use of these initiatives as a way to improve housing situations in certain places and to take advantage of them as a space for acquiring certain skills and as a complement to the learning process of the architecture student.

RÉSUMÉ

L'oportunité d'assister à plusieurs moments où architecte, population et volontaires se réunissent pour défendre une idée - du début jusqu'à la fin – selon un processus où chacun des participants a quelque chose à dire, à ajouter et, tous ensemble, se mettent au travail, a été une des motivations de base pour ce travail. Dans les pages suivantes, on veut mettre en exergue quelques projets avec ces particularités, que l'on trouve dans certains pays et dans des contextes différents.

Les projets avec ces caractéristiques ainsi que la participation de plusieurs intervenants, peuvent constituer un mode d'apprentissage fondamentale, car celui ci permet à chacun de grandir d' une façon autonome, comme un individu qui habite dans une communauté spécifique et qui est en relation avec les autres, et avec eux, cherche des réponses et des solutions à des problèmes particuliers.

Ces projets ont des origines et des intentions très variées: ils représentent une petite partie dans un parcours de formation, apprentissage et auto-connaissance, et sont présentés selon une ligne chronologique. Ceux-ci s'intercalent avec les récits du voyage géographique realisé pendant cette période.

Une des étapes d' apprentissage se terminera avec cet essai, mais on espère que ce thème puisse continuer à être discuté, ainsi que d'autres thèmes parallèles: le rôle de l'architecte actuel, l'importance de ce genre d'interventions dans des contextes différents, l'analyse d'autres projets participatifs qui ont eu lieu dans l'histoire de la civilisation et l' usage de ces iniciatives pour améliorer les conditions de logement dans quelques pays ou régions.

Profiter de ces contextes comme lieu d'acquisition de certaines compétences, sera un des objetifs qu'on désire souligner.



1| *Belvedere para observação das estrelas na Ciudad Abierta*, Ritoque, Chile, abril 2017.

(...)

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida,
que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.

António Gedeão, *Pedra Filosofal*
In Movimento Perpétuo, 1956



2| Visita a Innsbruck, Austria.



3| *Aqueduto*, Segóvia.

Parte I

Sobre a memória e (in)definição do ser

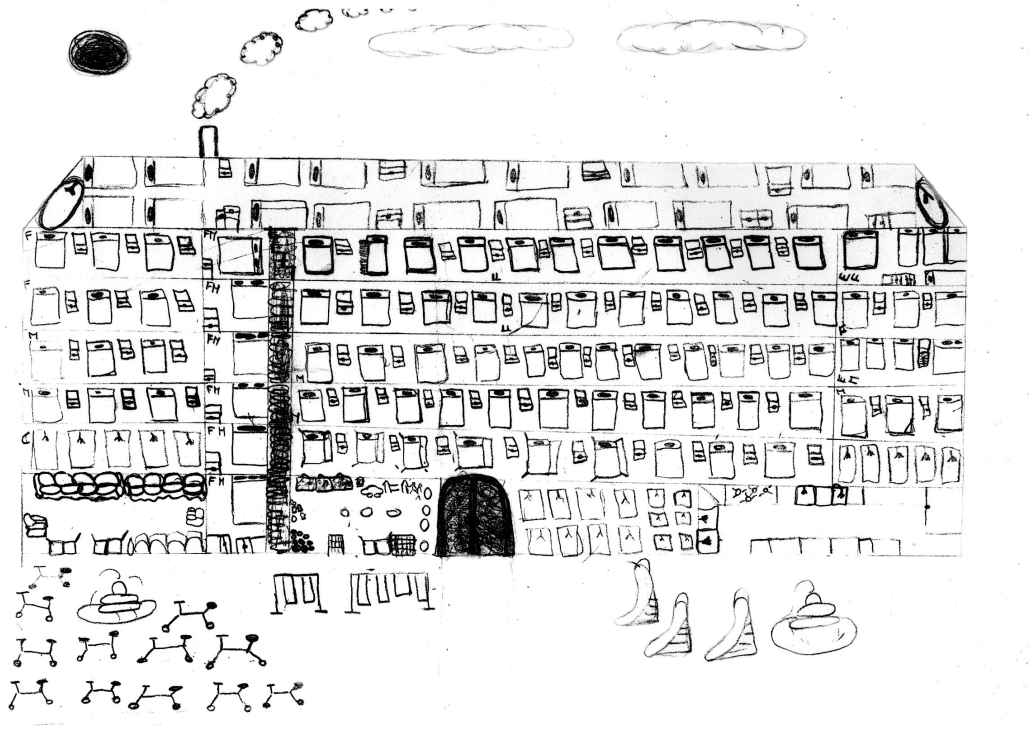
> *"Porque se viaja? Notas sobre a viagem e o limite*
> *É necessário cruzar uma frontera para que haja viagem.*
> *...*
> *O limite entre o conhecido e o desconhecido é fatalmente atractivo.*
> *...*
> *Aí temos uma razão para viajar: voltar.*
> *...*
> *Mas há mais: a viagem ajuda-nos a ver as coisas pela primeira vez.*
> *O maior inimigo do homem é o demonio do quotidiano, que deixa cair sem ruído e sem dor uma fina capa de pó sobre tudo."*[1]

"Se alguém lhe oferecesse um milhão de libras, o que faria com elas?"[2]. Esta espécie de jogo remete-me para os anos da minha infância. Desde muito cedo que repetia uma pergunta bastante semelhante a esta, a todos os meus conhecidos. Comecei a leitura do livro "*Arquitectura para os pobres*" de Hassan Fathy, de sorriso na cara, porque é precisamente com esta pergunta que ele começa a sua dissertação. Lembro-me dos primeiros desenhos de casas que esbocei. Não tinha mais que dez anos e misturava tipos de representação tão distintos como plantas, cortes e perspetivas, num mesmo desenho que, ainda que incoerente e desajeitado, tinha uma aparência muito interessante, agora que o penso, da perspetiva de uma quase-arquiteta. Na coletânea de desenhos que ainda se encontram guardados nos armários poeirentos do meu quarto, existem dois tipos classificáveis relativamente à sua temática. O primeiro era sempre a representação da minha resposta imediata à pergunta supracitada: a casa gigantesca que uma recém-milionária de quase-uma-década pensava construir, com tudo o que podia passar pelo imaginário de uma criança, representado. O segundo, estava relacionado com uma faceta mais humana, que costumava aparecer imediatamente depois das vontades mais extravagantes serem expressas: as representações dos centros sociais, orfanatos, casas comunitárias que dizia que faria para todos aqueles que necessitassem. Desde muito cedo que as desigualdades que via à minha volta me impressionavam de uma forma

---

1 MENA, Beltrán em ARAVENA MORI, Alejandro, *El lugar de la arquitectura*, Santiago de Chile: ARQ, 2002, p. 146.

2 FATHY, Hassan, *Arquitectura para os pobres : uma experiência no Egipto rural*, Lisboa, Argumentum, 2009, p. 13.



4| *Das utopias concebidas*



5| *Dos desejos extravagantes*

muito particular. Sempre tive bastante consciência de que tinha muita sorte e que havia milhões de pessoas no mundo que não tinham metade das oportunidades que a mim me foram dadas no contexto social, cultural e familiar em que cresci. Ainda assim, e durante muito tempo, nunca fiz grande coisa para melhorar uma situação pior que a minha. Suponho que me faltasse coragem de arriscar. Embora a ânsia de atuar estivesse sempre presente, o comodismo sobrepunha-se à vontade de mudar o mundo. Esta sensibilidade que sempre tive no sentido de perceber tudo o que possuía, aumentou ainda mais no momento em que saí da chamada "zona de conforto".

Nos últimos anos, tive a oportunidade de viajar para vários lugares de forma mais independente e perceber o modo como várias culturas se organizavam. As prioridades dos diferentes povos, a forma de viver e atuar em determinadas situações. Deixei de ir para conhecer os lugares e admirar a arquitetura de forma superficial, e passei a ir para conhecer o conjunto: o lugar, a arquitetura, as pessoas, as tradições, as crenças. Desapeguei-me de forma abrupta de um conceito de viagem que dependia sempre do ato de voltar. Uma viagem que, durante muitos anos, começava e terminava num mesmo ponto: uma placa de autoestrada com cinco letras escritas a negro - BRAGA - transformou-se numa viagem contínua, que só é possível porque o conceito de casa que sempre idolatrei, se alargou a tantos lugares e pessoas. A casa que Bachelard descreve como corpo e alma, *"o primeiro mundo do ser humano"*[3], deixou de ser singular. Ganhou muitas formas, em vários países. A viagem passou a ser uma espécie de novo quotidiano; a descoberta e o desconhecido transformaram-se numa outra zona de conforto, em oposição a uma ideia pré-concebida da viagem como escape esporádico de um ciclo rotineiro. Passei a identificar-me com diversas culturas bastante distintas e habitar cidades que não eram, originalmente, minhas. No entanto, será que poderei afirmar isto, sem antes parar e refletir sobre o ato de habitar um lugar? Quando é que começámos a habitar realmente uma cidade? Nas cidades que visitamos como estrangeiros *"começamos a tomar pose da cidade. O que não quer dizer que a começamos a habitar"*[4]. Tomar posse e apreender uma cidade não significa habitá-la, mas, então, em que momento atravessamos a linha que nos transforma em habitantes de um lugar? Para mim, acho que essa linha é cruzada no momento em que começo a familiarizar-me com uma rotina, num determinado lugar. No instante em que percebo as bancas mais baratas do mercado, sei de cor os autocarros para ir aqui e acolá e as pessoas vêm ter comigo e pedem direções. Creio que, nesses momentos, já me começo a sentir habitante de uma cidade.

---

3 BACHELARD, Gaston, *A poética do Espaço*, São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 26.

4 ARAVENA MORI, Alejandro, *El lugar de la arquitectura*, Santiago de Chile: ARQ, 2002, p. 37.



6| *Salinas Grandes,* Argentina, fevereiro 2017



7| *A utopia está no horizonte*, Salar de Uyuni, Bolívia, março 2017

> *"Vinte anos depois de ter deixado Barcelona, passei brevemente pela sua grande estação de Término (já começavam a convertê-la em museu) caminho de Milão. Saí à porta acompanhado pelas minhas filhas e passou pelo recém construído carril bici um tipo montado numa bicicleta. Levantou a mão e cumprimentou-me: !eh Juan!, ?que é da tua vida? Era Josep Juvé Raventós, um companheiro do curso de arquitectura. Pois bem, nunca senti maior emoção urbana, maior orgulho de barcelonês. As minhas filhas, surpreendidas, disseram-me logo:!olha! é verdade que tu és de Barcelona, como nos dizias. Um é de uma cidade quando a gente te cumprimenta pela rua."*[5]

Somos parte de uma cidade quando as pessoas nos cumprimentam na rua! Poderá ser esta uma conclusão para uma pergunta que pouco terá de simples? Recordo a semana em que revisitei Valparaíso e reencontrei pessoas na rua que não via há alguns meses. Haverá um limite mínimo de tempo para que nos possamos considerar parte de uma cidade? Vivi menos de três meses em Valparaíso, mas sinto aquele porto junto ao Pacífico como parte do meu ser. Depois de partir, e regressar, os encontros dos novos, que se tornaram velhos amigos, continuaram a repetir-se. Creio nesta história ter encontrado a definição mais elementar de pertença a um lugar.

A viagem será, portanto, um grande ingrediente desta dissertação. Em primeira instância, porque faz parte de todo o meu percurso e da minha formação enquanto pessoa e estudante. Em segundo lugar, porque a viagem é uma componente essencial à aprendizagem desta disciplina multifacetada que é a arquitetura. Foi ainda a viagem que me fez descobrir o propósito deste trabalho. A sensibilidade em relação ao mundo que me rodeia aumentou através das viagens que fiz, das realidades que conheci, das pessoas que tive a oportunidade de ouvir e admirar, nos últimos anos, e da observação dos sacrifícios que cada um faz para tornar os espaços que habitamos melhores.

A formação de um arquiteto passa por muitas fases e cada indivíduo tem o seu percurso, mas a observação é, talvez, como afirmava Rossi, a *"mais importante educação formal"*[6]. A arquitetura, como a mais plural das artes, ensina-nos a observar, as semelhanças, mas principalmente as diferenças[7]. E, mais do que observar, treina-nos na arte de experimentar os espaços.

---

5 DÍEZ DEL CORRAL, Juan, *La Ciudad: Entre la Biografia y el Objecto*, Astragalo, *Cultura de la arquitectura y la ciudad, Espacios, Migraciones, Alteridades*, Revista Cuatrimestral Iberoamericana Nº 18. Espanha, Cesleste Ediciones S.A. Setembro 2001, p. 65.

6 ROSSI, Aldo, *Autobiografia Científica*, Barcelona,Editorial Gustavo Gili, 1984, p. 49.

7 *"aquilo que o artista distingue é, fundamentalmente, a diferença entre as coisas. O vulgo é que repara nas semelhanças.*" NABOKOV, Vladimir, *Desespero*, p. 44.



8| *Profundidade*, Mesquita de Córdoba, 2015



9| *Espacialidade*, Mesquita de Córdoba, 2015

Volto atrás no tempo, pelo menos dez anos, recordando vagamente a visita ao Panteão de Adriano. Recordo-me de entrar, olhar para cima e ver os caixotões terminarem num grande círculo de luz. Lembro-me de pensar que aquele lugar tinha uma frieza e uma altivez impregnadas nas paredes imponentes. Espectadora privilegiada de algo muito superior ao meu entendimento, tirei umas fotografias desfocadas ao círculo de luz que encimava o edifício e segui viagem. Não pensei mais nele até ao dia que que entrei na Escola de Arquitetura, e comecei a treinar a mente e os olhos, para apreciar o belo e o sublime. Acerca do panteão, Baeza escreve "e os homens sentem ali, todos os dias, a tremenda emoção que apenas a mais bela de todas as Belas Artes é capaz de produzir: a Arquitectura."[8] Na altura em que visitei Roma não tinha a mais pequena ideia que, uns anos mais tarde, estudaria demoradamente a história fascinante por detrás da construção da obra.

Volto atrás mais uma vez, agora apenas um par ou trio de anos, até ao momento em que me vieram, pela primeira vez, lágrimas aos olhos perante a observação de algo magnífico. Foi na mesquita de Córdoba. Estava com um grupo, que rapidamente ficou para trás, e entrei só, a passos calmos e espaçados, com a mente vazia de expectativas, como quem observa, pela primeira vez, o sublime. Não sei quanto tempo estive lá, percorrendo aquele lugar que me pareceu o mais sagrado em que já estivera. Sei que a minha mente não estava no lugar certo, durante esses instantes. Vagueava pela pedra e pelas cores que me envolviam, numa tentativa de absorver toda a história daquelas colunas, dos arcos perfeitamente desenhados, das perspetivas que se desenvolviam frente aos olhos… Nesse momento, a minha mente, e os olhos, já estavam treinados. Só voltei a sentir-me da mesma forma recentemente, durante o amanhecer numa reserva natural da Bolívia.

Porquê este breve revisitar de experiências do meu passado individual? Porque o passado é o principal componente do presente e foram diversas situações deste passado que me levaram a querer investir numa aprendizagem mais prática da arquitetura, ligada a várias causas usualmente denominadas sociais. Aprendizagem que começou na observação das coisas mais básicas - como naquele dia em que me guiaram pela FAUP e me mostraram o corredor majestosamente desenhado pelo arquiteto Álvaro Siza, que não

8 CAMPO BAEZA, Alberto, *La idea construida. La arquitectura a la luz de las palabras*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1998, p. 45.



10| Janelas que abrigam o sonho, Ferreira do Zêzere, 2016

tem as paredes paralelas - prosseguiu para uma fase de consciencialização das lacunas de uma aprendizagem maioritariamente teórica e me levou a procurar, exteriormente, uma forma de completar essas lacunas. Foi nesse ponto do caminho que o interesse por uma arquitetura participada começou a surgir. Uma arquitetura participada como núcleo de inclusão de estudantes ávidos por conhecimento prático. Mais do que o querer ajudar, colaborar com projetos que apoiassem comunidades em necessidade, entrei no mundo do voluntariado pelo desejo tão simples de aprender, para além daquilo que a faculdade já me tinha ensinado. Foi em busca desse complemento a uma formação que sentia como demasiado teórica, que me inscrevi no campo de verão da associação portuguesa *Just a Change*. O dia em que decidi inscrever-me para participar naquele projeto foi um dia que me abriu muitas portas, e a mente.

> *Fui, no verão de 2016, depois de completar o quarto ano do curso, e de malas começadas para um intercâmbio no Uruguai, para Ferreira do Zêzere, ajudar na reabilitação de uma casa numa das muitas aldeias esquecidas da zona. Nunca tinha sentido as dores físicas da construção no meu corpo. Não estava preparada para o que vivi. Foram doze dias de bolhas nas mãos, suor escorrido, cabelos impregnados de cinzas e sentimentos despertados. Nesses dias, criei uma ligação fortíssima com as pessoas que habitavam aquela casa. Nunca esperei que tal acontecesse. O senhor Manuel e a Dona Aida entraram no meu coração, sem pedir permissão e alojaram-se num cantinho bem profundo do meu ser. O trabalho de seis miúdos, durante doze dias, deu vida a uma casa que estava incompleta. Foi a primeira vez que vi como se construía um piso, como se reparavam umas sapatas ou toquei num rolo de lã de rocha (e fiquei a hora seguinte com comichão!). Foram dias de trabalho árduo e muitas conversas com o senhor Manuel, que nos fazia companhia e ensinava algumas técnicas básicas de construção. Nessa semana aprendi que o conhecimento prático e o conhecimento empírico acumulado pelas pessoas e transmitido com paciência me podia inspirar mais do que muitos livros.*



11| *Isla de la Luna*, Lago Titicaca, Bolívia, maio de 2017

Sobre o sentir

> *"Todos os dias tocamos as casas e os objectos e raramente, sem grande noção ou consciência, nos apercebemos que o tacto é um dos mais interessantes sentidos na percepção da arquitectura.*
> *Pôr a mão num corrimão ou pisar um pavimento irregular são experiências onde o nosso corpo é confrontado com o corpo do edifício.*
> *(...) O arquitecto finlandês Juhani Pallasmaa diz que "o puxador da porta é o aperto de mão do edifício" e, de facto, a firmeza com que este se nos dá, a forma como se deixa agarrar ou nos encaminha a mão, assegura-nos da solidez da construção mas também da "franqueza" e do carácter do próprio edifício." [9]*

Tenho por hábito o estranho costume de tocar nos materiais, quando me apresentam um novo edifício. É uma das formas que utilizo para descobrir a obra que está perante mim - o sentir da sua materialidade. Desde muito cedo, durante o decorrer do curso, senti a necessidade de ser parte do processo de construção. Sair do teórico e "arregaçar as mangas" para uma experiência prática. Foi através de múltiplos projetos que integravam participantes de diversas origens, que tive um primeiro contacto com uma vertente mais real e humana da arquitetura.

No dia em que ajudei a construir, pela primeira vez e em Ferreira do Zêzere, uma parede, *senti-me com superpoderes*. As minhas mãos, frágeis, magras e cheias de dedos roídos, iriam ter um papel fundamental na construção da casa de alguém. O processo de construção de uma casa é uma coisa muito íntima. Ou deveria sê-lo, penso. A casa é um conceito diferente para todos, mas creio que, como seres humanos privilegiados que vivem num país desenvolvido, é fundamentalmente um lugar que protege a nossa intimidade. As paredes, quando erguidas, passam a guardar segredos, memórias, histórias, discussões, ilusões. A construção de uma casa é, na maior parte das vezes, um trabalho impessoal, feito por pessoas demasiado mal pagas para o trabalho que fazem. Quantos de nós sabemos quem tomou parte na construção daquela estrutura que, pouco mais tarde, se tornou o nosso lar?

---

9 RODRIGUES, Sérgio Fazenda, in *A sedução do toque*, A *casa dos sentidos : crónicas de arquitectura*. [S.L] : Arqcoop, 2009.



12| *Hierve el Agua I*, Oaxaca, junho 2017



13| *Hierve el Agua II*, Oaxaca, México, junho 2017



14| *Os pés pisam sal*, Argentina, fevereiro 2017

Sempre me fascinou que um lugar tornado casa, com a intimidade que lhe costuma ser característica, pudesse ser construído com as mãos que farão dessa construção um lar, posteriormente. A casa mais bela, para mim, é a casa habitada. A casa que guarda memórias até da sua construção. "*Uma casa sem memórias de casa só tem o nome*."[10]

O processo de construção de um edifício pode ser um grande acontecimento. E é-o, muitas vezes. Um evento que junta forças e vontades de várias gentes. Relembrando a conferência de Francis Kéré no Fórum do Futuro de 2017, sublinho uma ideia relativa à construção do Lycée Schorge, no Burkina Faso: *"Construir é um evento, e as pessoas vêm para ver"*[11]. Kéré referia-se ao processo de construção coletivo que se levou a cabo nesse projeto. Utilizando os recursos que tinha disponíveis, engendrou soluções que pudessem facilmente ser testadas, elaboradas e finalizadas pela comunidade local. *"As pessoas juntam-se para arranjar, para construir"*[12]. É essa coletividade, no processo construtivo, que se pretende seguir, neste trabalho. Para tal, recorrerei às memórias e análise de projetos em que me envolvi e que tiveram grande influência na forma como encaro o futuro enquanto profissional. Evocarei também projetos que fizeram parte do meu percurso enquanto estudante de arquitetura e que fui acompanhando à distância. Um projeto que me serve de base para esta vontade é o *Adobe for Women*, no qual colaborou o arquiteto português, sediado no México, João Boto Caeiro, que tive a oportunidade de conhecer no México, em 2017. Este foi um projeto de intervenção num dos estados mais pobres do México, Oaxaca. Num processo participativo de entreajuda entre arquitetos, voluntários e os posteriores habitantes das casas, neste caso específico, mulheres mexicanas em situações vulneráveis, foram construídas diversas casas que, para além de terem um custo de produção bastante reduzido, recuperam algumas técnicas de construção esquecidas. Interessa-me focar, perceber e estudar este género de iniciativas.

Também a associação portuguesa *Just a Change* tem vindo a desenvolver um trabalho exemplar no âmbito dos projetos participativos de construção no nosso país. Foi através desta associação que as minhas vontades cresceram e ganharam forma.

Reiterando uma vontade de um ensino de arquitetura um pouco mais direcionado para a prática, volto a citar Francis Kéré: *"Estou a levar os estudantes para África*

---

10 DE ANDRADE, Eugénio

11 KÉRÉ, Francis, na conferência *Mais com menos: arquitetura como ato social*, Rivoli, Palco do Grande Auditório MO, fórum do Futuro, 8 de novembro de 2017.

12 ibidem.



15| *Individualismo*, Mc Donalds, Tóquio, Japão, 2015

só para os deixar tocar nos materiais (...) trazê-los de volta à realidade"[13]. Com este pragmatismo, o arquiteto originário do Burkina Faso pretende afastar-se de métodos de ensino que têm vindo a ser seguidos, religiosamente, há muitas décadas. Creio que os conhecimentos que adquiri no momento em que comecei a explorar este lado mais prático da disciplina, complementaram em muito todas as aprendizagens teóricas que fui tendo ao longo do percurso escolar.

> *"Numa sociedade primitiva é possível que cada um construa a sua própria casa extraíndo os materiais da natureza: a profissão do arquitecto nesse caso não se tinha constitído ainda. Mas numa sociedade mais avançada a figura do arquitecto aparece em cena: o homem que constrói casas que serão habitadas por outros. (...) Desde o momento en que o papel do arquitecto está referido à função intermédia da totalidade do processo, há um grande perigo que ele possa perder de vista o panorama geral da função da casa,"*[14]

A perda da objetividade da função essencial do arquiteto sempre me incomodou. Um arquiteto trabalha para a sociedade, consequentemente toda a arquitetura deveria ser denominada de social. Por vezes *"A realidade parece ter escapado à arquitectura, e a arquitectura, desertado a realidade"*[15]. Este tipo de evolução, que se foi perpetuando nas últimas décadas, deve ser questionada. Penso que esta forma de encarar a profissão deve ser analisada. Retomar as origens da profissão seria uma posição talvez demasiado extremista, voltar ao tempo em que esta ainda não era sequer nomeada, mas pode ser uma hipótese a colocar em cima da mesa. O debate do papel do arquiteto e das suas funções enquanto profissional também será aqui problematizado.

Sendo que muitos processos participativos procuram aliar um sistema de construção coletiva com o retomar de alguns métodos tradicionais esquecidos, procurarei incorporar no debate alguns projetos que contemplem a construção em terra. A terra é um material milenar, remontando aos primórdios da construção da casa. Nas últimas décadas, têm sido retomadas as conversas a respeito da funcionalidade e utilidade da construção com terra seja como material sustentável, na medida em que pode retirar-se diretamente dos locais de construção, seja como forma de inovação ou ex-

---

13 KÉRÉ, Francis, na conferência *Mais com menos: arquitetura como ato social*, Rivoli, Palco do Grande Auditório MO, fórum do Futuro, 8 de novembro de 2017.

14 VAN DER LAAN, Dom Hans, *Naturaleza y arquitectura* em ARAVENA MORI, Alejandro, *El lugar de la arquitectura*, Santiago de Chile: ARQ, 2002, p. 101.

15 FREITAG, Michel, *Arquitectura e Sociedade*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2004, p.12.



16| *Addiction no metro*, Nova Iorque, setembro 2015



17| *Mãos ao ar,* Oslo, 2014

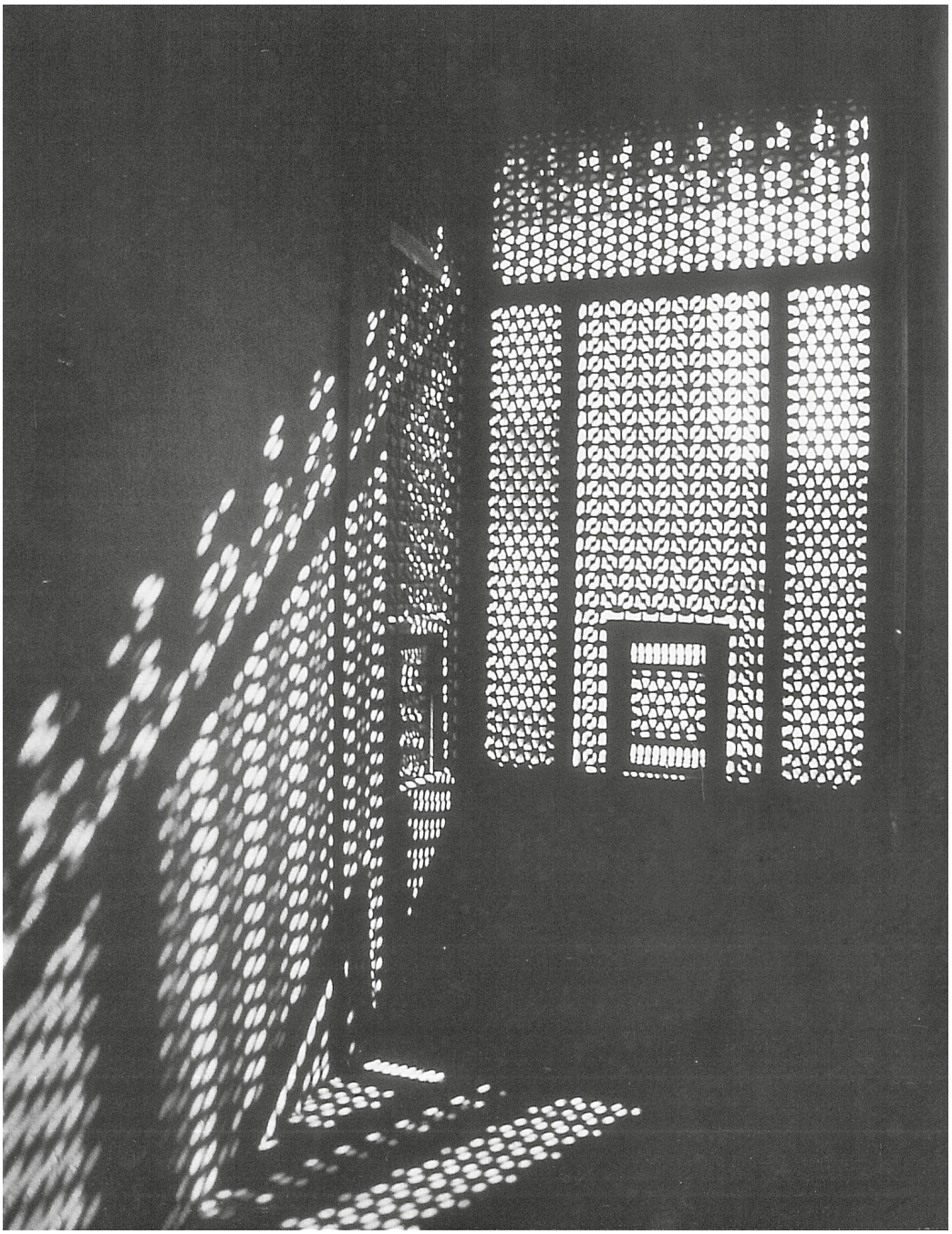
ploração de novas oportunidades no mundo da construção.

A construção com terra provou ser, na minha experiência, uma solução bastante sentida, na medida em que nos faz retomar, enquanto homens, as nossas origens e tradições ancestrais. Construção palpável, que se sente com as mãos e com o coração. Um ano pela América do Sul proporcionou-me um contacto efetivo com diversas formas de construção deste material elementar e bastante acessível nesse lado do mundo. Também me alertou, ainda mais, para as diferenças sociais que são muito divisórias, na maior parte dos países pelos quais tive a oportunidade de viajar. Alguns processos participativos provêm da procura de soluções de habitação para pessoas com pouco poder económico. A construção é facilitada através da ajuda das comunidades locais e muitas vezes de voluntários, diminuindo em muito o investimento necessário para um projeto. A utilização de materiais locais reduz igualmente o orçamento, uma vez que a quota do seu transporte para o local onde serão utilizados fica bastante reduzida. Numa sociedade em que as diferenças são muito acentuadas, este género de iniciativas, por parte dos arquitetos, são imprescindíveis. Pretende-se questionar, analisar e perceber o impacto efetivo que ações deste tipo possam ter, a curto e longo prazo, no desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária.

> *"A cidade moderna, na realidade, se somos honestos, só pode ser o lugar onde se visualiza o fracaso da utopia social, onde a ordem da injustiça humana se dá a conhecer, convertida em espectáculo."*[16]

Uma utopia social é um conceito difícil de conceber numa sociedade já existente. Podem sim, conceber-se mudanças de paradigmas e lutar por uma organização mais justa das sociedades já edificadas. Incluir-se-ão, os vários modelos e exemplos de arquitetura participativa, num caminho que nos levará a um melhor entendimento das necessidades reais das pessoas e a uma procura efetiva de implementação de soluções para suprir as carências mais básicas?

16 R. DE LA FLOR, Fernando, La Ciudad Herida em Astragalo*: Revista Cuatrimestral Iberoamericana* Nº 18. Septiembre 2001 Cesleste Ediciones S.A., p.150.



18| *"Mashrabiya, ou uma tela de treliça de madeira."*

Sobre o diário

> *"(...)Ou, por outras palavras: são precisamente as perguntas para as quais não há resposta que marcam os limites das possibilidades humanas e traçam as fronteiras da nossa existência"*[17]

O espaço do diário será um espaço de reflexão sobre aventuras vividas nas viagens que fiz durante o período do curso. Um espaço-casa e diário de aventuras que justificará e acompanhará tudo aquilo que irá sendo discutido na dissertação. Estes momentos textuais, concebem-se como reflexões num registo discursivo mais coloquial e justifica-se ao ser incorporado ao longo do trabalho, porque se pretende que seja um componente paralelo, mas complementar, ao discurso.

"Quem quer deixar o lugar onde vive é porque não é feliz."[18] Esta frase de Milan Kundera persegue-me há muitos anos. A felicidade não é uma coisa garantida para todos, a toda a hora. Se refletir bem, contam-se com os dedos dos pés e das mãos os dias em que fui genuinamente feliz. Isto tem, necessariamente, a ver com a alma insaciável que tenho. Não é por não ser feliz no lugar onde vivo que, a cada passo, anseio partir. É porque a minha alma é inquieta, como a de quase todos os seres humanos. É o facto de saber que existem perguntas para as quais quero ter respostas. É desta condição que vem a vontade de viajar, do descobrir, da procura ininterrupta pelo desconhecido.

> *"Para escrever, para meditar é preciso recolher-se no interior, reconcentrar-se, voltar a atenção de costas para o mundo e operar sobre a presa que temos cá dentro. Mas quando se viaja, o nosso organismo adopta a atitude inversa: anula toda a actividade interior e envia a sua atenção para a periferia. Somos puros olhos, puros ouvidos, pele, pituitária. Vivemos apenas na linha das nossas fronteiras com o mundo do qual aspiramos receber a maior quantidade possível de dados. Solicitado, atraído pelo contorno, aquele que viaja sente-se intimamente vazio, sem peso, com uma inesperada capacidade de flutuação, docemente entregue a delícias aerostáticas."*[19]

Costumava dizer que só depois de viajar por todo o mundo é que poderia escolher um lugar para trabalhar, para assentar; um sítio onde valesse a pena o investimento do meu tempo e das capacidades que iria adquirindo ao longo do caminho. Depois de ver tudo aquilo que o mundo tinha para oferecer é que poderia tomar uma decisão tão importante. Fui percebendo, inconscientemente, que nunca me seria possível ficar a conhecer o mundo antes de assentar e que, mesmo que passasse a vida com a *casa às costas,* nunca teria respostas para todas as inquie-

17 KUNDERA, Milan, *A insustentável leveza do ser*, Alfragide,Leya, 2011, p. 174.

18 idem, p. 38.

19 ORTEGA Y GASSET, José, *Notas de andar e ver: Viagens, gentes e países*, Lisboa, Fim de Século, 2007, pp. 175/176.





19 e 20| *Olafur Eliasson no ARoS Aarhus Art Museum*, Aarhus, Dinamarca, agosto, 2015

tações. Assim como jamais será possível terminar a lista interminável de livros que quero ler, ou mesmo a imensa lista de obras e edifícios que quero percorrer até ao meu último suspiro. *"A nossa cultura arquitectónica, na impossibilidade de visitar todos os edifícios do mundo, é maioritariamente construída através do olhar de outros."*[20] Através do olhar de tantos peritos, viajantes, escritores, académicos, apreendemos a essência do mundo. Os outros são os nossos olhos e os nossos ouvidos, durante grande parte do nosso tempo. Sempre me cultivaram o gosto pelo saber transmitido por outrem, mas mostraram-me também a necessidade de acrescentar a esse saber um outro resultante da experiência pessoal e captado por todos os meus sentidos.

Aprendi a ser espectadora do mundo, desde muito cedo. Aprendi a captar a sabedoria escondida entre as pedras graníticas das aldeias espanholas; os sons das crianças que me falavam em Francês, algures num dos parques infantis de Carcassone ou Avignon; a observar lugares que não compreendia, mas que me ficariam guardados na alma, como a muralha de Adriano que percorremos num dia de ventania incontrolável, uma Berna que ficou gravada pela recordação de alguns suiços a descer com a corrente do rio Aar, de cerveja na mão, ou ainda a cidade de Aarhus que recordo através da experiência a 360 graus, em tons arco-íris[21], do artista dinamarquês Olafur Eliasson. Essa aprendizagem, como tantas outras, devo-a aos meus pais, que me incutiram o gosto pelo desconhecido e pela viagem.

A viagem foi, assim, um complemento indissociável a esta jornada que tem sido a Arquitetura.

Algumas partes deste compêndio de ideias, recoletadas entre e durante viagens, foram escritas nos meses que passei na América do Sul e no México. Outras, são anteriores. São memórias de uma viagem ao Japão e aos países nórdicos. Alguns dos instantes pensaram-se até na Geórgia, o país do Cáucaso ao qual anseio regressar, ou em Marrocos, o império cor-deserto que me reserva, ainda, inúmeras surpresas.

Dividirei este aglomerado de pensamentos, escritos em mais cadernos do que me consigo lembrar, em instantes, que acompanharão o desencadear dos temas desta dissertação. Os instantes antecedem os capítulos, de forma a dar uma contextualização pessoal sobre as motivações para a participação, direta ou indiretamente, em cada um dos projetos que serão apresentados.

"A minha mente continua a conter um grande número de cidades que não vi nem verei, nomes que trazem consigo uma figura ou fragmento ou o deslumbramento de uma figura imaginada"[22]. Desvendar o desconhecido e dar forma às figuras imaginadas que povoam a minha mente, foi o que moveu todas as viagens que fiz.

---

20 URBANO, Luís em GUERRA, Fernando - *Mundo perfeito*. Porto: Faup publicações, 2008, p. 6.

21 Obra de 2011, que consiste num percurso panorâmico situado no telhado do ARoS Aarhus Art Museum, na cidade de Aarhus, que permite uma vista privilegiada sobre a cidade, marcando o percurso a 360 graus com uma sequência de cores que sintetizam um arco-íris no vidro que envolve o miradouro.

22 CALVINO, Italo, *As cidades invisíveis*, Alfragide, teorema, 2011, [primeira edição 1972], pp. 103/104.

AS MÃOS

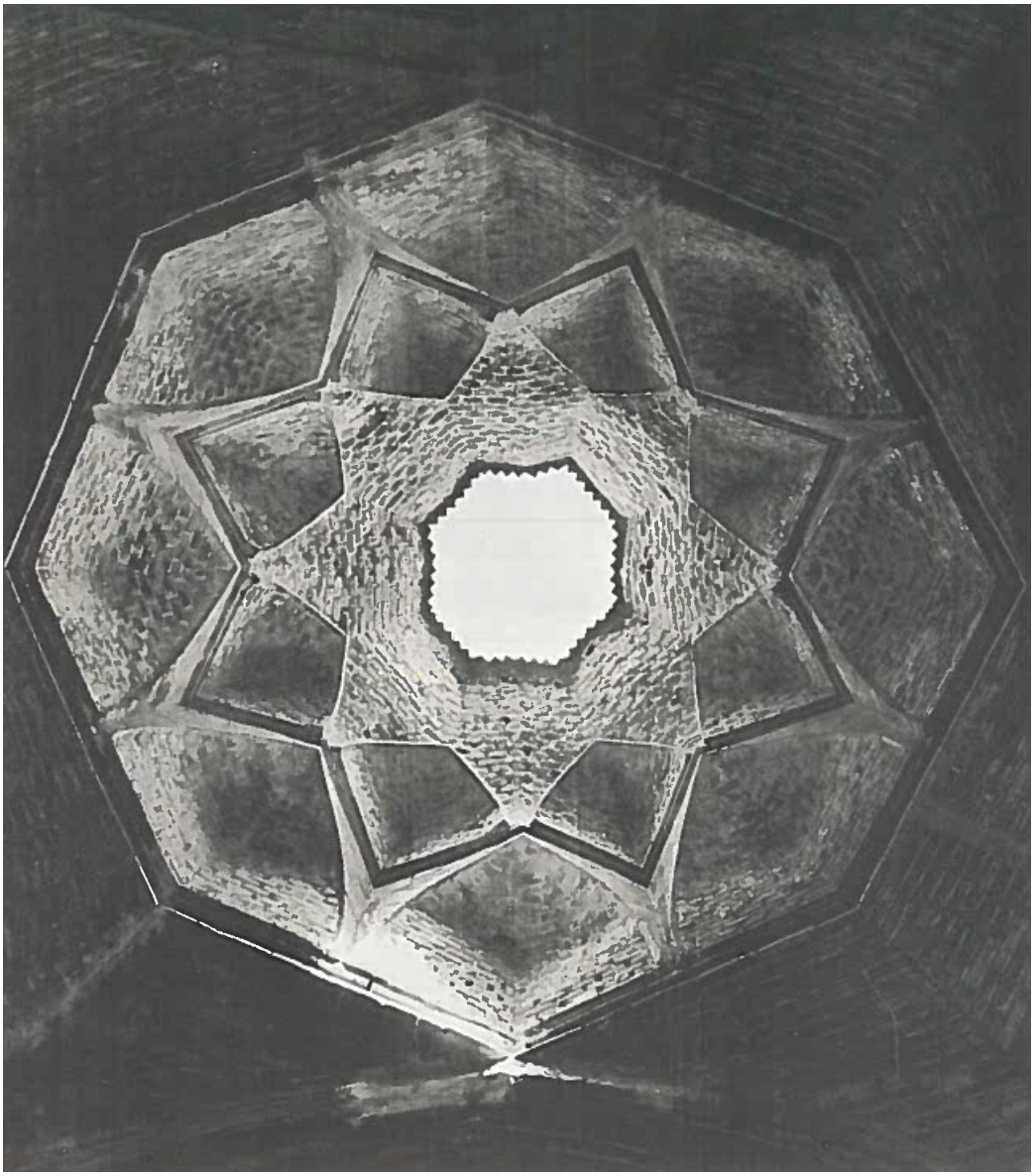
Com mãos se faz a paz se faz a guerra.
Com mãos tudo se faz e desfaz.
Com mãos se faz o poema - e são de terra.
Com mãos se faz a guerra - e são a paz.

Com mãos se rasga o mar. Com mãos se lavra.
Não são de pedras estas casas mas
de mãos. E estao no fruto e na palavra
as mãos que são o canto e são as armas.

E cravam-se no Tempo como farpas
as mãos que vês nas coisas transformadas.
Folhas que vão no vento: verdes harpas.

De mãos é cada flor cada cidade.
Ninguém pode vencer estas espadas:
nas tuas mãos começa a liberdade.

Manuel Alegre em
País de Abril, Uma Antologia



21| "Dá a um pedreiro tijolos e argamassa", escreve Jamshid Kooros, um arquiteto Persa formado no M. I. T, "e diz-lhe para cobrir um espaço e deixar entrar a luz, os resultados são surpreendentes. O pedreiro, dentro das suas limitações, encontra intermináveis possibilidades, existe variedade e harmonia; enquanto que o arquiteto moderno, com todos os materiais e sistemas estruturais disponíveis, produz monotonia e dissonância, e isso em grande abundância."

Parte II

A materialidade das coisas comuns

> *"Há muito a aprender da arquitetura antes de se tornar uma arte de especialistas. Os construtores incultos no espaço e tempo – os protagonistas deste espetáculo – demonstraram um admirável talento para integrar os seus edifícios no ambiente natural.*
>
> *(...) Parte dos nossos sarilhos resulta da tendência para atribuir a arquitetos – ou já agora, a todos os especialistas – visão excecional para problemas do viver quando, na verdade, a maioria está preocupada com problemas de negócios ou prestígio.*
>
> *(...) A beleza desta arquitetura, tem sido descartada como acidental por muito tempo, mas hoje, devemos ser capazes de reconhecê-la como o resultado do raro bom senso no trato dos problemas práticos.*
>
> *(...) Acima de tudo, é a humanidade desta arquitetura que nos deve trazer algumas respostas."*[23]

O denominador comum a todos os projetos que se pretendem analisar nesta parte do trabalho é a identificação destes com uma vertente participativa da arquitetura. São iniciativas cujo resultado só foi concluído através do trabalho de vários profissionais, voluntários e comunidades envolvidas. Todos eles foram pensados e executados em lugares distintos, inclusivamente em continentes diferentes. Como é de esperar, os contextos sociais em que foram desenvolvidos também são múltiplos.

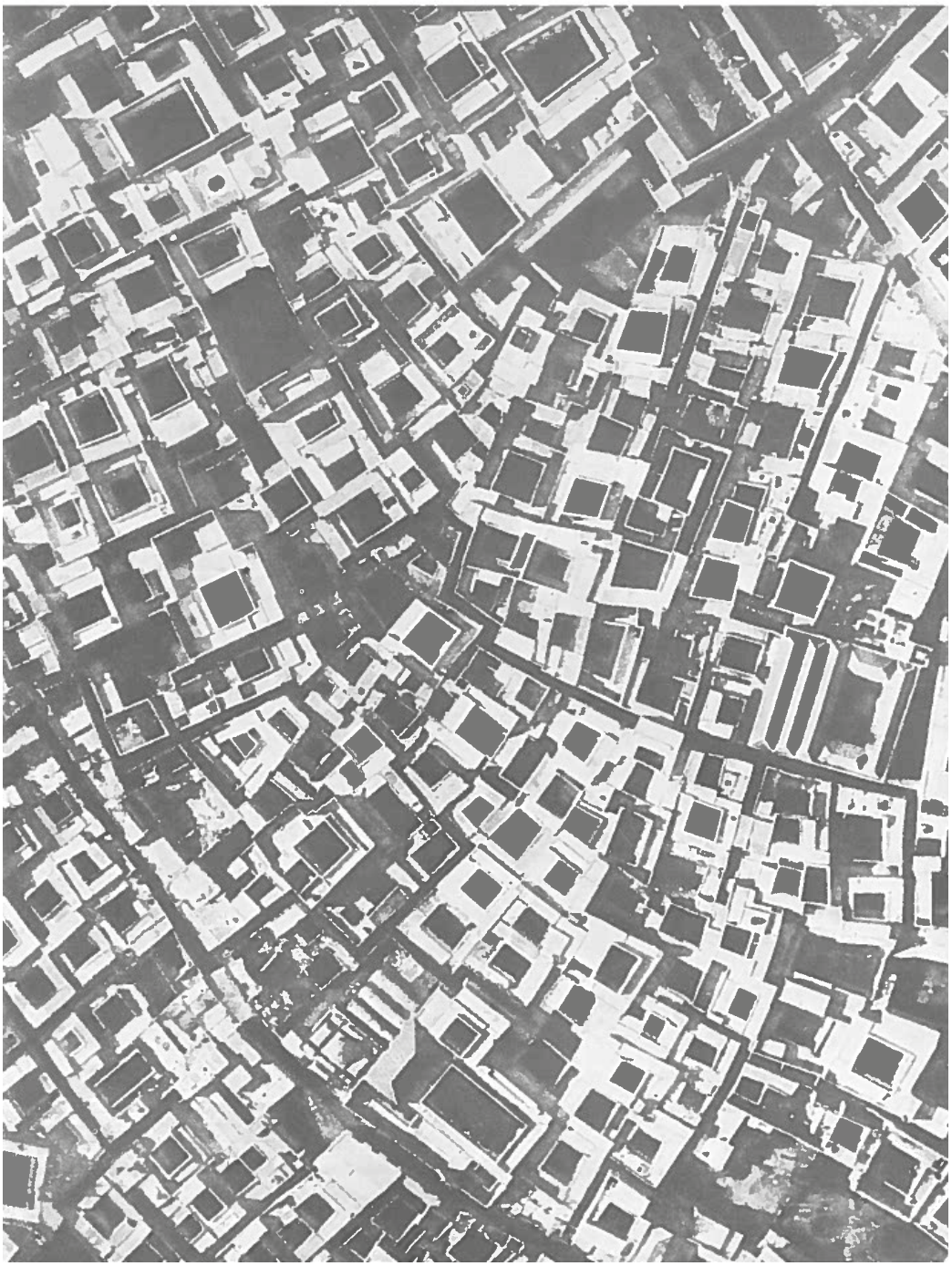
Nas conversas de arquitetura, a *participação* surge, como conceito moderno, durante a década de 60. Surge associada a várias áreas e, inquestionavelmente, ligada à política e aos fenómenos sociais. Aparece como representação de uma vontade de ver a sociedade a intervir nos assuntos que lhe diziam respeito. Questionar os modelos passados, as formas de organização da sociedade, os regimes, os direitos e deveres de cada um, enquanto ser inserido num todo, eram alguns dos pontos que se privilegiavam. Este género de iniciativas eram, na época, considerados deveres cívicos, que todo o cidadão consciente deveria acompanhar.

"A arquitetura, como produto e processo, está sempre integrada em dinâmicas sociais"[24]. A arquitetura está, portanto, sempre e inquestionavelmente vinculada à sociedade, aos fenóme-

---

23 RUDOFSKY, Bernard, *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture*, Albuquerque: University of New Mexico, 1995, p. 8.

24 TILL, Jéremy, *Prefácio* em *Architecture, participation and society*. Londres: Routledge, 2010, p.11.



22| *"Estruturas de cidades. Marraquexe é o arquétipo de uma cidade islâmica com as suas casas quadrangulares organizadas em redor de pátios interiores. Não existem artérias de tráfico que valha a pena mencionar; as fascinantes e estreiras ruelas regularmente levam a becos sem saída."*

nos que movem as comunidades, aos problemas que surgem a cada passo, e que têm de ser resolvidos. Uma das definições mais debatidas sobre este conceito relaciona-se diretamente com a questão da pró-atividade. O envolvimento de cada um nas decisões do ambiente em que está inserido, normalmente, em pequena escala: na casa, na escola, no bairro, na freguesi. O livro *Handmade Urbanism, From Community Initiaves to Participatory Models*[25], apresenta-nos uma série de projetos, quinze na totalidade, realizados em cidades tão díspares como Mumbai, Istambul, São Paulo, Cidade do México ou a Cidade do Cabo, em que a população local se reuniu e organizou melhorias significativas na urbanidade dos espaços em que habitavam. O termo *handmade urbanism,* representa a concretização das vontades destes indivíduos que, em situações de carência de algum tipo de infraestrutura, se juntam e constroem urbanidade em conjunto, e com os recursos que conseguem entre si e que são de fácil obtenção, procurando formas de desenvolver melhorias nos locais onde passam a maior parte do seu tempo.

"As cidades são a expressão das necessidades humanas"[26] ou deveriam sê-lo. Muito do que o ser humano necessita, não se encontra, de modo imediato, nas cidades, nos centros urbanizados. E, porque "*a pessoa dentro da cidade tem de se sentir em casa"*[27], cabe a cada um, como ser humano consciente e com poder de decisão e autonomia, fazer o possível para intervir nos espaços que habita. O livro mencionado no parágrafo anterior, é um exemplo curioso de várias iniciativas que se conseguiram implementar com sucesso, em vários contextos distintos.

"*Para Lefebvre, o espaço urbano é, manifestamente, uma construção social, fruto de práticas sociais e de decisões políticas tecidas pela história dos lugares. O espaço das cidades, incluindo as suas centralidades, não pode ser concetualizado como estrutura monolítica e inalterável, mas antes como objeto de negociação social*"[28]. Sendo assim, torna-se necessário continuar a criar consciência nos habitantes do seu papel enquanto arquitetos das suas próprias vidas. O conceito da *Architecture of Empowerment*[29] surge como catalisador desta ideia. Incentivar a população a ganhar responsabilidades no domínio da cidade, dos bairros

---

25 Referência ao livro *Handmade urbanism : from community initiatives to participatory models*. Berlim: Jovis Verlag, 2013

26 VERLAG, Jovis [edit.], idem, p. 202.

27 SIZA, Álvaro, em *VICINI,* documentário que pode ser consultado em https://player.sicnoticias.pt/2016-05-28-Vizinhos-A-revolucao-e-as-casas-de-Siza-na-Bouca# da autoria de Cândida Pinto, Produção de Madalena Durão, Filmado em janeiro de 2016, S.I.C.

28 FORTUNA, Carlos em LEFEBVRE, Henri, *O Direito à cidade*, Lisboa, Estúdio e Livraria Letra Livre, 2012, [primeira edição 1968], p. 13.

29 Conceito que foi inicialmente divulgado por John Turner e que foi desenvolvido em vários projetos, um pouco por todo o mundo, que foram reunidos e debatidos no livro The *Architecture of Empowerment*, *People, Shelter and Livable Cities*, editado por Ismail Serageldin, e publicado, pela primeira vez, em 1997.









23-26| "*Arquitetura móvel. Muitos povos chamados primitivos deploram o nosso hábito de mudança (com todos os nossos pertences) de uma casa, ou apartamento, para outro. Aliás, o pensamento de terem de viver em quartos que já foram habitados por estranhos parece-lhes tão humilhante quanto comprar roupas em segunda mão. Quando se movem, preferem construir novas casas ou levar com eles as antigas.*"

onde vivem, dos espaços públicos que habitam[30] é uma das premissas deste livro e vai de encontro àquilo que procuro explorar nos projetos que se seguem.

O papel do arquiteto não fica, de modo algum, comprometido com estas iniciativas, já que o apoio de um profissional continua a ser necessário. Este modelo só acrescenta valor ao trabalho do arquiteto e permite às pessoas a participação nas decisões que impactam diretamente o seu dia-a-dia.

A architecture of empowerment não é um abandono do papel tradicional do arquiteto como formador, ou do urbanista como um especialista do uso do território, é um enriquecimento dessas profissões. Tal como a mais profunda preocupação por questões ambientais não restringe a criatividade dos arquitetos, só acrescenta uma dimensão extra ao trabalho deles.[31]

Esta pode parecer uma ideia utópica e difícil de alcançar, mas*, "como disse Jaime Ravinet, Mayor de Santiago: A única forma de desenvolver uma cidade à escala humana é com a participação das pessoas"*[32]. Este é um processo que, claramente, precisa de ser incentivado e acompanhado, não se pode esperar resultados a curto prazo. A gestão de uma cidade gera discussões, conflitos, está sempre conectada com interesses políticos e económicos, mas como a "*humanidade só se coloca problemas que pode resolver, escreveu Marx"*[33], espera-se que o tempo e a atividade cooperativa das pessoas, em cada cidade, com ajuda de profissionais, possa permitir gerar cidades mais agradáveis e habitáveis, que funcionem como elemento integrador de todos os membros da sociedade. Ainda que difícil, poderá ser uma realidade, *"havendo mundo, tudo poderá suceder, Havendo mundo"*[34].

---

30 «*The ability of the community to take charge of the physical space between buildings, the public space, not just that of the home, is a central part of the architecture of empowerment*.»,SERAGELDIN, Ismail [editor], *The architecture of empowerment: people, shelter and livable cities*, Londres, Academic, 1997, [primeira edição 1964] p. 10.

31 idem, p. 8.

32 idem, p.26.

33 LEFEBVRE, Henri, *O Direito à cidade*, Lisboa, Estúdio e Livraria Letra Livre, 2012, [primeira edição 1968], p. 142.

34 SARAMAGO, José, *A Viagem do Elefante*, Editorial Caminho, 2008, p. 112.

Instante I
ou o reconhecimento

O tempo passa à frente dos nossos olhos com uma velocidade inacreditável. Passam as viagens, as experiências gastronómicas, as andanças com a mochila para cá e para lá. Passa a pressa de chegar, os sonhos cumpridos e os encontros de novas moradas em portos tão distantes. Passam as saudades daqueles que são teus - os que serão sempre os teus, a tua gente, a tua faculdade, a tua CASA - porque com maiúsculas só há uma. E poderás colecioná-las pelo mundo; sei que o continuarás a fazer. Mas, voltar aos teus, será sempre significativo. Espera ter sempre algo teu, que te aguarde no regresso.

Passou-se mais uma viagem: três meses. Tanto e tão pouco tempo; três meses em que andei com a casa às costas, subi montanhas, mergulhei em cenotes e acampei em frente à praia...três meses de cruzar fronteiras, de história e histórias e um sofá-cama perto do metro de Mexicaltzingo; três meses do botão do desenrasque constantemente ligado; meses de não ter poiso, e ter tantos ao mesmo tempo; meses de uma viagem que termina no México!

Playa del Carmen, 8 de julho de 2017



Pirámide del sol, Teotihuácan, Estado de México,2017



Cascatas Petrificadas do hierve el água, Oaxaca , 2017



Espacio escultórico, UNAM, Cidade do México, 2017

México:

De las leyendas y historias;
De las ruinas que se extienden por todos los estados;
De los tacos dorados con queso doble crema;
De las calendas, la simpatía de la gente y el mezcal;
De las horas perdidas en el metro, mientras se comen churros de un peso;
De las quesadillas y agua de Jamaica y el jumex;
De las aventuras en mazunte;
De los miles de museus en el monstro que es la ciudad de México;
De Chacauhua, el lugar que quedará por siempre en mi memoria!
De las idas a la Cineteca, y que la persona que te acompaña se quede dormida (un clásico!!)
De coyoacan, Oaxaca, zicatela, San Cristóbal, Mérida (...)
De todos los lugares que no logré ir pero están en la lista!!
De los reencuentros y las nuevas amistades;
De las gentes más chingonas!!!
De las tempestades más inesperadas;
De los chocolates calientes y quesillo oaxaqueño;
De los cenotes, grutas y playas de arena blanca;
De pasar por mexicana (o a veces no!!!);
De las olas, carpas junto al mar y comidas improvisadas;

México: el lugar donde realmente encontré una casa!



Sport City Oaxaca, México, 2017



Destilería los Amantes, México, 2017



Destilería los Amantes II, México, 2017

Na viagem que fiz ao México, havia um arquiteto que eu queria conhecer, especificamente, porque tinha andado a seguir o seu trabalho há vários anos. As oportunidades não se desperdiçam e não se vai ao México todos os dias, daí que, quando cheguei à Cidade do México, diretamente de Bogotá, enviei um e-mail ao arquiteto João Boto Caeiro, para saber se poderia falar com ele e tentar perceber, localmente, o desenvolvimento e o impacto que o projeto Adobe for Women, tinha tido no lugar em que foi construído. Viajei até Oaxaca, onde uma colega de intercâmbio estava a viver na altura e, para surpresa das duas, ele convidou-nos para ir jantar à casa/estúdio dele, num evento que reunia toda a equipa que com ele trabalhava. Tivemos a oportunidade de ver o estúdio onde se desenrolavam os projetos, conhecer a equipa que trabalha no RootStudio e, no dia seguinte, na impossibilidade de nos acompanhar e mostrar alguns dos seus projetos, sugeriu que acompanhássemos a Alejandra, uma arquiteta responsável pela gestão de alguns projetos, na visita a uma das mais recentes intervencões do grupo: um projeto chamado Destilería los Amantes, situada em Tlacolula de Matamoros. A Alejandra, para além de nos levar a visitar todo o projeto, ainda por inaugurar, mas já em fase terminal, e de nos explicar e apresentar o trabalho atual do estúdio, também nos deu a sua perspetiva pessoal sobre o projeto que mais me interessava, o que tinha impulsionado toda a carreira do João Boto, no México. Explicou-nos como tinha funcionado o projeto Adobe For Women em campo, com a sua visão de voluntária.

Braga, abril de 2018

A natureza, pelo contrário, como mãe previdente e amante, oferece a descoberto as coisas melhores e mais necessárias: o ar, a água e o próprio solo. E escondeu no seu seio os produtos vãos e inúteis.

Thomas More, *Utopia*



27| Será um portal no tempo?, Stonehenge



28| Verona Revisitada, Verona



29| Piazza del campo, luz e contraluz, Siena

ADOBE FOR WOMEN, MÉXICO

primeiros passos no refletir

> *"Cada lugar é recordado na medida em que se torna um lugar de afeição ou que com ele estamos identificados."*[35]

Os lugares que visitamos tornaram-se lugares com história. Com a história que construímos no tempo em que por lá passamos. Por tal merecem ser recordados, tal e qual como os vivemos, nos momentos que foram os certos e, talvez, únicos. Rossi afirmava que "*são melhores as coisas vividas e abandonadas*, que é *impossível repetir a atmosfera"*[36]. Esta ideia terá tanto de verídica, quanto aquilo em que se baseia a nossa experiência. Um determinado momento é impossível de reproduzir e, talvez por isso, esta efemeridade de cada instante que vivemos, seja a condicionante mais essencial da vida. Somos, por tal, estimulados a aproveitar todas e cada uma das nossas experiências, pela certeza de que nunca tornaremos a vivê-las. Num ciclo de rotina, esta ideia é válida, mas é atenuada pelo facto de a ação se desenrolar num mesmo cenário, mais ou menos alterado, ao longo dos dias, semanas e meses. O conjunto de pessoas que fazem parte do dia-a-dia tende a ser regular, durante vários dias e, apesar de cada momento vivido durante cada dia ser único, o contexto e ambiente em que se desenrolam as ações é parecido. Quando se viaja, esta envolvente está em perpétua alteração, o que faz com que todas as experiências se sintam como muito mais efémeras. Para além de nunca se voltarem a repetir os instantes, provavelmente também nunca voltaremos àqueles lugares, nem conheceremos as mesmas pessoas. Esta ideia torna a viagem muito mais emocionante e leva-nos a querer aproveitar ao máximo todos esses momentos em que se desenrola uma viagem.

> *"Em Cloé, grande cidade, as pessoas que passam pelas ruas não se conhecem. Ao verem-se imaginam mil coisas umas das outras, os encontros que poderiam verificar-se entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as ferroadas. Mas ninguém dirige uma saudação a ninguém, os olhares cruzam-se por um segundo e depois afastam-se, procurando novos olhares, não param."*[37]

Em viagem, sobretudo quando se está só, sentado em algum banco, meramente a observar as ações que se vão desenrolando à nossa frente, damos por nós, incontáveis vezes, a imaginar possibilidades e histórias sobre a vida de cada um dos indivíduos que vai entrando e saindo de cena. O olhar pouco se move e, numa quase-imagem emoldurada perante os olhos, vão passando figuras animadas, que fazem parte de um todo citadino, que se me-

---

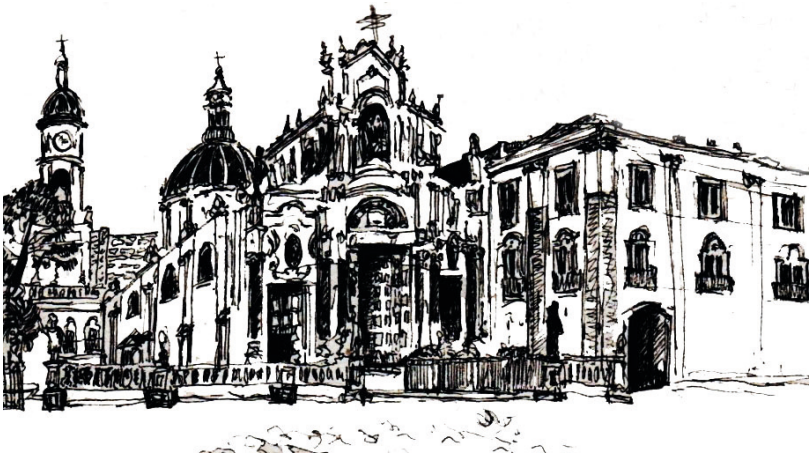
35 ROSSI, Aldo, *Autobiografia Científica*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1984, p. 70.

36 idem, p. 29.

37 CALVINO, Italo, *As cidades invisíveis*, Alfragide, Teorema, 2011, [primeira edição 1972], p. 61.



27| Casas num canal, Milão, ROSSI, Aldo



28| Vista para Cattedrale di Sant'Agata, Catânia, 2018

xem, que correm, que gritam, e sobre as quais nada sabemos nem saberemos. Quase como na cidade Cloé, de Italo Calvino, imaginamos mil coisas sobre esses seres que passam e seguem, sem nunca ficarem gravados na memória.

Mas viajar é, também, sair do nosso espaço confortável. Procurar desafiar-nos e conhecer aquilo que nunca teríamos oportunidade de ver durante o tempo em que não viajamos. Falar com pessoas que jamais encontraremos de novo. Sobretudo quando se viaja sozinho, ficar com a recordação daquilo que imaginámos sobre alguém, não chega. Somos incentivados a ir ter com as pessoas e conhecê-las. A guardar uma pequena história sobre elas, pelo menos.

> *Recordo um dia em que estava sentada num degrau da Fontana dell' Elefante, na Piazza del Duomo, na cidade siciliana de Catânia. O meu olhar percorria a fachada da Cattedrale di Sant'Agata e a minha mão direita rabiscava uns traços, num caderno com as folhas acastanhadas. Dei por mim rodeada por um grupo de senhores já com uma certa idade, que aproveitavam aquele final de tarde agradável para discutir assuntos polémicos da atualidade, da forma como só os italianos sabem fazer, com uma teatralidade nos gestos exageradamente propositada. Um dos senhores que estava sentado ao meu lado começou a conversar comigo. Com o meu italiano tosco e destreinado, lá conseguimos ir desenrolando um diálogo. Ele elogiava o meu traço e eu explicava-lhe o que fazia por paragens sicilianas. Dois dias mais tarde, depois de visitar Siracusa, regressei a Catânia e tornei a encontrá-lo, numa paragem de autocarros. Recomeçámos a nossa conversa e ele fez questão de pedir para eu mostrar os meus desenhos ao resto do grupo que esperava naquela paragem. Fiquei com vontade de lhe oferecer o desenho que ele me tinha visto a fazer. Enquanto fui pedir uma informação a um posto de bilheteiras que havia mais adiante, passou o autocarro dele e partiu. Não tornei a vê-lo. Também eu partiria, naquele dia, para outras paragens.*

Em viagem e, sobretudo sempre que viajo sozinha, conheço pessoas que passam por mim e não deixam nada; outras, que passam pela minha vida e ensinam-me alguma coisa, ou não me ensinam nada, mas a recordação de que elas se cruzaram comigo fica gravada no meu ser, porque partilhámos um ou vários momentos que genuinamente importaram. Existem, ainda, aquelas que, mesmo que a passagem tenha sido curta, ficam de tal modo enraizadas no nosso ser, que as recordamos com carinho inevitável, para sempre.

Este senhor, e tantas outras pessoas que conheci em viagem, ensinaram-me que a timidez é inimiga do viajante, e que conhecer os lugares sem as pessoas que os habitam é viver apenas uma pequena parte de toda a experiência. Por isso, os outros são uma parte fundamental da viagem. Os que se conhecem sem contar, e aqueles que queremos e procuramos conhecer em viagem.



32| *"Casa da Rosa"*



34| *"Após um mês de trabalho as mulheres já produziram mais de 30,000 adobes utilizando terra dos terrenos envolventes.""Este é o primeiro passo num longo caminho."*



33| "Casa da Viviana"



35| Oaxaca, México



36| "Casa da Ofélia"

O viajante também pode deslocar-se com o intuito de procurar aumentar o conhecimento na sua área profissional. Procurar adquirir novas noções em diferentes paragens. Foi precisamente em busca de algumas referências sobre um projeto que tinha vindo a acompanhar durante alguns anos que, em 2017, estando no México, contactei o arquiteto João Boto Caeiro, um dos grandes impulsionadores do projeto *Adobe For Women*.

> *"o indivíduo vira-se para a natureza «selvagem», «virgem», ou para modos de vida bucólicos em comunhão com ela e que domesticaram na doçura e na harmonia; orienta a sua nostalgia na direção das formas passadas de comunidade, para buscar as suas raízes na tradição nacional-cultural, doravante concebida como oposta às formas de dominação exteriorizadas."*[38]

O projeto *Adobe For women* foi a resposta a um pedido de um conjunto de mulheres, originárias do estado de Oaxaca, no México, que se organizaram e pediram auxílio para que as ajudassem na construção das suas próprias casas.[39] O projeto consistiu na construção de 23 casas de adobe, desde 2011 até 2015, com a ajuda de vários voluntários.[40] Foi desenvolvido pelos escritórios dos Arquitectos Artesanos, Rootstudio e Blaanc. Cada uma das mulheres, e as suas famílias, estavam em situações precárias e não poderiam ter concluído a edificação de um lar sem a ajuda dos intervenientes desta iniciativa.

> *"Em 1960, ainda jovem ou quase, tinha escrito, aplicando-a ao trabalho do homem e também da arquitectura, uma frase de Nietzsche «Onde estão aqueles para quem estes trabalham?»*
> *Pelo que estou contente por não ter, com frequência, construído para gente que não sabe onde esteja, ou quem seja."*[41]

Esta ideia apresentada por Aldo Rossi corrobora alguns dos princípios da arquitetura que envolve a participação - *"se há grandes arquitectos, são apenas os que estão ligados ao povo ou à nação"*[42]. A noção do envolvimento das pessoas que utilizam o lugar, na construção e melhoramento desse lugar, pode ser uma das muitas definições de participação.

A participação pode ter várias formas e pode alargar-se a vários intervenientes. No caso específico do projeto em Oaxaca, houve vários tipos de participação: a participação efetivada pelos estudantes, que colaboraram com todo o desenvolvimento do projeto, sendo, essencialmente, a mão-de-obra deste; a participação dos arquitetos e responsáveis de obra, que foi completamente voluntária; a participação da parte das mulheres que habitariam as casas que se estavam a construir, que funcionou de diferentes formas, em cada um dos casos de construção.

---

38 FREITAG, Michel, *Arquitectura e sociedade*, Lisboa, Dom Quixote, 2004, p. 45.

39 Informação disponível em http://www.adobeforwomen.pt/, [consultado em setembro de 2018].

40 ibidem.

41 ROSSI, Aldo, *Autobiografia Científica*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1984, p. 81.

42 idem, p. 78.



37| *"Rainha Hatshepsut a fazer um tijolo de terra em Arquitectura para os Pobres"*, FATHY, Hassan

A construção das casas, como o nome do projeto indica, foi feita com adobes, tijolos de terra comprimida e seca. As mulheres colaboraram durante as várias fases do processo de construção, sendo salientado que elas próprias se organizaram "*em pares ou em equipas de 3 para fazer os adobes e em média cada uma conseguiu fabricar mais de 100 por dia."*[43]

Enfatiza-se a importância deste projeto na comunidade em que esteve inserido, bem como para os voluntários que nele colaboraram. Num estado onde a pobreza ainda abrange grande parte da população e onde as mulheres são alvos visíveis dessa pobreza, esta iniciativa vem ao encontro das soluções de habitabilidade com condições para estas mulheres que têm terrenos[44], mas não casas.

Os trabalhos desenvolveram-se durante vários anos porque as construções eram maioritariamente realizadas durante os fins-de-semana, sendo que, durante a semana, as mulheres aproveitavam o tempo que tinham disponível para fabricar os adobes. Cada casa do projeto teve um custo de 3.830,84 euros[45], sendo que o dinheiro para a construção foi angariado através de vários processos e inúmeros intervenientes.

As casas constituíam-se numa planta retangular e dividiam-se numa zona social, onde se situavam a sala e a cozinha, e uma zona privada, em que se inseriam os quartos e a casa de banho[46]. O desenho dos pormenores, por exemplo das aberturas, poderia variar, "*dependendo da orientação, da envolvente de cada lote e das exigências de cada uma das senhoras."*[47]

No desenho das casas valorizou-se o valor ecológico destas, integrou-se um lugar para a compostagem, a cerca do terreno seria composta por cactos, integrar-se-ia uma horta no terreno e, seguindo um princípio de eficiência energética, instalar-se-iam painéis solares. A integração de um banho seco, de uma estufa lorena e de um depósito de água[48], foram outros detalhes que constituíram as casas de adobe.

Realça-se, ainda, a sua importância pela tentativa de preservar técnicas tradicionais de

---

43 Informação disponível em http://www.adobeforwomen.pt/p/evolucao-da-construcao_24.html, [consultado em setembro de 2018].

44 A maioria das mulheres que fizeram parte do projeto tinham, previamente, terrenos que lhes pertenciam. Na impossibilidade de erguer uma casa, viviam, grande parte destas, em casa de familiares. ibidem.

45 ibidem.

46 ibidem.

47 ibidem.

48 "*O "banho seco" é um sistema que se utiliza nas instalações sanitárias onde, em vez de se utilizar descargas ou sistema de esgotos, se armazena fezes e urina, transformando-as num produto para nutrir o solo. É chamado seco porque não utiliza água, não a desperdiça e evita contaminá-la.*" "*Estufa Lorena é um fogão artesanal energeticamente eficiente que utiliza menos madeira para cozinhar que os típicos fogões a lenha*." "*Através de um depósito de água, será possível recolher as águas da chuva provenientes do telhado, e reutilizá-la para fins de rega, cozinha e banhos. Assim, diminui-se a dependência dos fornecimentos externos de água. Além da reutilização de água, um sistema de tratamento desta irá ser implantado através de um filtro de águas cinzentas, feito com cascalho, plantas e carvão, para a rega da horta.* " ibidem.



38| *"Carmela",* Projeto *Mujeres de Arcilla,* TABOADA, Marcela



39| *"La Construcción",* Projeto *Mujeres de Arcilla,* TABOADA, Marcela

construção mais esquecidas: "*a Tradição representa o resultado acumulado de uma evolução contínua, e está vagamente conectada aos complicados ciclos dentro de cada cultura individual.*"[49]

Este projeto nasce com a colaboração do arquiteto Santibáñez, figura importante no estado de Oaxaca, que havia sido o responsável pelo projeto *Mujeres de Arcilla.*[50], uma iniciativa do final dos anos 90 de raiz bastante similar a este projeto mais recente.

> *"Aqueles que supõem que as casas indígenas são inflexíveis deviam ver quão bem a maioria das estruturas tradicionais responderam à mudança das necessidades das gerações de utilizadores."*[51]

As infraestruturas que seguem modelos de construção tradicionais revelam-se muito eficientes, já que resistiram ao maior teste de que poderiam ser alvos: a experimentação.

"Grandes organizações não podem utilizar recursos pessoais e locais sem estandardizá--los e desumaniza-los."[52] Acredita-se que projetos em pequena escala, tal como o *Adobe For Women*, possam ter um impacto catalisador na vida dos futuros beneficiários.

---

49 STEELE, James, *An Architecture for people, The complete works of Hassan Fathy,* London, New York, Whitney Library of Design, Watson-Guptill Publications, 1997, p. 20.

50 "*No ano de 1999 um grupo de dezasseis mulheres da comunidade de San Miguel Amatitlán, do Estado de Oaxaca, apresentaram-se no estúdio do arquiteto Juan José Santibánez com o propósito de pedir ajuda e formação para construírem as suas casas. Com a ajuda do pároco da sua comunidade, Padre Santiago Rojas, tinham recebido um modesto financiamento por parte do "Populorum Progressio" do Vaticano para investir na construção das suas vivendas. (...) A partir desse encontro nasceu um projeto em conjunto, que consistiu na construção das vivendas das dezasseis mulheres, durante cerca de dois anos, utilizando recursos, materiais e técnicas de construção locais, com um pressuposto mínimo. Desenvolveu-se um método de colaboração adequado às necessidades e condições do projeto e implicou um trabalho de equipa entre o arquiteto, que teve a função de desenhar, dirigir e supervisionar a obra, e a comunidade de mulheres, que decidiram a sua própria organização e realizaram os trabalhos de construção das suas casas.*" Informação disponível em http://arquitectosartesanos.org/site/obras/, [consultado em setembro de 2018].

51 TURNER, John, *Housing by people*, Marion Boyars Publishers, 1991[primeira edição 1974], p 48.

52 ibidem.

Instante II

ou o recordar

O negro destas árvores é o único tom que sobressai na paisagem. Andamos pelas estradas nacionais há vários dias e a cada passo surge o negro das árvores queimadas que entristece a paisagem…. As pessoas contam-nos relatos de como foi viver esse dia. O em que o país ficou com o coração nas mãos.

RoadTrip da GapYear Portugal, março de 2018

Viana sabe-me a mar e a vento. Sabe-me a praia e a dias de verão com a água demasiado fria. Sabe a cidade do Norte, com toda a sua simplicidade e beleza, nas ruas tipicamente portuguesas e nos passeios à beira rio. Sabe a tradição, a bolas de berlim e ao carnaval. Sabe a surf e a canoagem pelo rio Lima fora; sabe a "bicicletar" pelas ruelas desajeitadas que vão dar às praias…Sabe a tudo isto e muito mais. Para mim, Viana sempre foi uma espécie de casa, um repouso de alguns fins-de-semana sem muito para fazer.

Recordar Viana do Castelo a 26 de abril de 2016



Pela estrada fora, o negro sobressai..., março 2018



Enquanto se espera, admirar a história, Braga, maio 2018

As ilhas de Bruma envolvem-se numa aura inexplicável. Por muito que se tente transmiti-lo, o ambiente que nos acolhe nestes lugares só se consegue captar in loco.

Sobre as ilhas de Bruma, 2 de janeiro de 2016



Entre intervalos, Sintra, outubro 2017



Re-visitar, Guarda, março 2018

O Japão é um país deveras estranho.

As pessoas são imensamente prestáveis: levam-nos aos lugares que procuramos através da mímica e com um enorme sorriso na cara. São muito honestas e ninguém se apodera do que não é seu. O visitante encontra objetos perdidos e intocados, ainda que valiosos, em diversos lugares públicos. As ruas apresentam-se aprumadas e limpas, mas não se veem caixotes do lixo em nenhum lado no exterior. Nos mercados, a comida pode parecer estranha, à primeira vista. Passado uns dias,habituamo-nos. A fruta é caríssima. No metro, os que regressam a casa agarram-se às tecnologias de olhar vidrado. Em Nara os veados passeiam-se livres pela cidade, aceitando comida dos turistas que deambulam pelas ruas e parques. Em Quioto, os templos surgem a cada 100 metros, maravilhando o visitante. Nas cidades, os edifícios não se constroem encostados uns aos outros - existe sempre um espaço entre eles.

Ouvi dizer que em Tóquio, a terra treme 20 vezes ao dia. *"O Japão é um lugar estranho."*

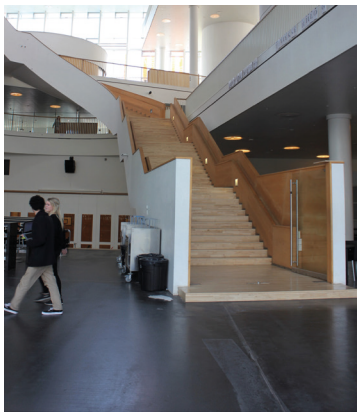
Sobre um país muito estranho, 9 de novembro de 2015



Sobre a água, Quioto, Japão, setembro de 2015

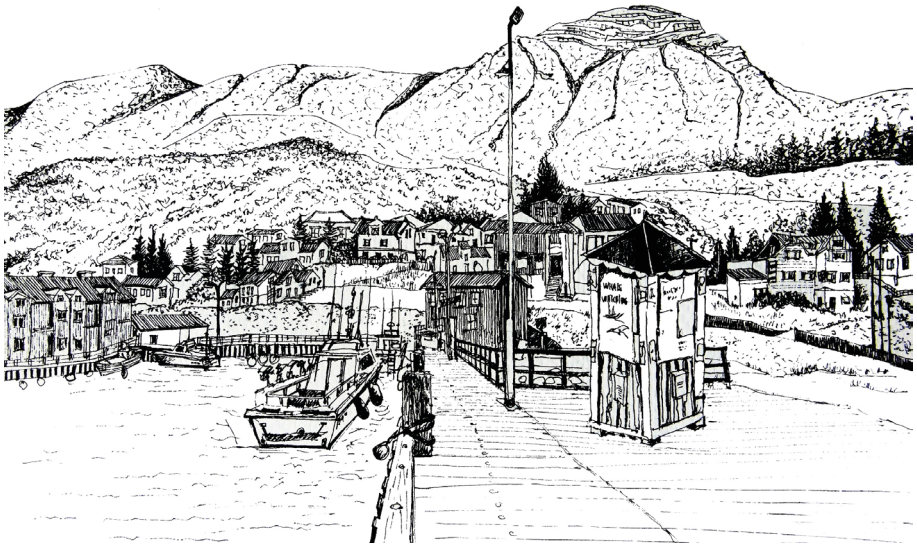
Recordo a visita à área de Ørestad, nos arredores de Copenhaga. Saímos de bicicleta, em direção à periferia. Percorremos largas avenidas, cuidadosamente distribuídas e com espaço para a circulação de bicicletas. A área foi planeada para abarcar um grande número de habitantes e estudantes, mas a grande maioria das pessoas nunca vieram habitá-la e esta permanece, em grande parte, inabitada. Na visita ao bairro, entramos num edifício que pensávamos ser uma biblioteca. O edifício apresentava um pé-direito altíssimo, sendo que os vários andares se iam organizando, como pequenas prateiras, nesse espaço geral e aberto. Resolvemos sentar-nos num desses andares, entre umas estantes de livros, onde também estavam jovens a ler distribuídos pelas mesas. De repente, um senhor levanta-se e dirige-se a nós dizendo que não nos poderíamos sentar e que aquilo era uma sala de aulas. Sem chave, sem porta...,em tudo diferente daquelas a que estamos habituados. Foi uma surpresa, para nós. Desculpamo-nos e viemos embora surpreendidos por aquilo ser, afinal, uma Escola Secundária.

Sobre uma viagem aos países nórdicos, agosto de 2014





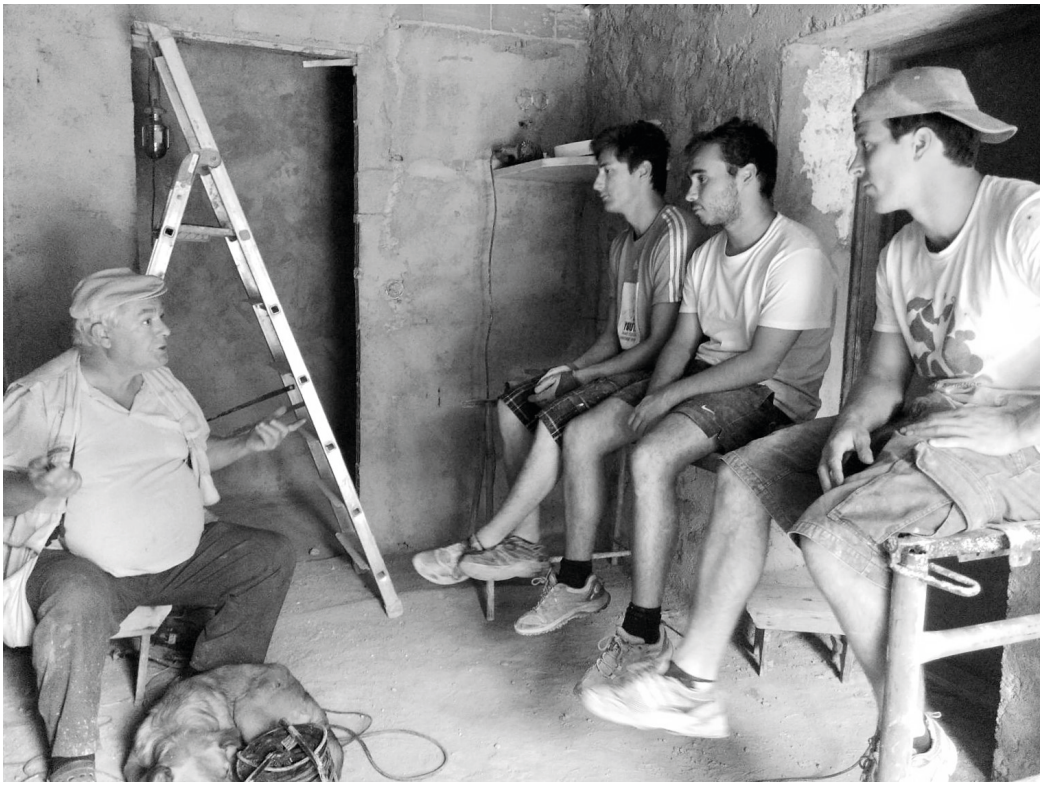
Ørestad,Copenhaga agosto de 2014



Siglufjörður, Islândia, agosto de 2018

A casa oferece proteção ao sonhador, mas são as janelas que lhe permitem sonhar.

Juhani Pallasmaa, *Habitar*



40| *Aprender a ouvir,* Ferreira do Zêzere, 2016



41| *Primeiros passos do visitar,* Ville Savoye, Poissy, 2014

FERREIRA DO ZÊZERE
ponte para uma aprendizagem informal

> *"Marco Polo descreve uma ponte, pedra a pedra.*
> *-Mas qual é a pedra que sustém a ponte? - pergunta Kublai Kan.*
> *-A ponte não é sustida por esta ou por aquela pedra-responde Marco-,*
> *mas sim pela linha do arco que elas formam.*
> *Kublai Kan permanece silencioso, refletindo. Depois acrescenta:*
> *-Porque me falas das pedras? É só o arco que me importa.*
> *Polo responde: - Sem pedras não há arco."*[53]

Todos os componentes de uma receita são importantes para o produto final; cada etapa da nossa vida é relevante para a nossa formação. A formação do homem, enquanto ser humano, consciente, pensante, crítico e também profissional, é muito mais um caminho, do que um objetivo definido. O agregado das experiências que vivemos é um somatório contínuo que não culmina num único ponto estático; continuamos a aprender até ao dia em que deixamos de ter essa capacidade. Sendo assim, é o percurso que nos define, enquanto profissionais e seres humanos com características singulares e histórias individuais.

A aprendizagem é essencial na vida do ser humano. A capacidade e a curiosidade de aprender é algo que nasce connosco, e que que utilizamos durante todo o nosso percurso. Há seres humanos mais ou menos curiosos: uns mais dispostos a investir tempo para saciar a curiosidade, outros com menos possibilidade de lhe dedicar tempo… De uma forma ou de outra, todo o Homem anseia por aprender. A atração pelo que desconhecemos é-nos intrínseca e aprender é sempre uma aquisição de algo que não nos era familiar, antes.

Nos primórdios da humanidade, o homem aprendia através da observação da Natureza. Assistia à mudança das estações, ao ciclo do nascer e do pôr-do-sol, estudava os céus. Aprendia através da forma mais elementar que há para aprender: através da observação e de um olhar atento.

À medida que a evolução foi seguindo o seu curso, os homens foram aprendendo com os seus semelhantes, com o legado deixado pelos antepassados ou com os seus contemporâneos, e, paralelamente, continuaram a observar, os outros, e a Natureza.

A partir de um certo ponto na história, o aprendiz surgiu como uma das primeiras formalizações da aprendizagem, normalmente associado a um ofício. O aprendiz adquiria o conhecimento através da observação, auxiliado pelo mestre e pela prática. Melhorava o seu desempenho mediante uma experimentação intensiva e por meio de um dos processos mais antigos da humanidade: a tentativa e o erro.

---

53 CALVINO, Italo, *As cidades invisíveis*, Alfragide, teorema, 2011, [primeira edição 1972], p. 93.



42| *Alinhar o percurso,* Caja Granada Savings Bank, Projeto do arquiteto Alberto Campo Baeza

"*O conhecimento das sociedades tradicionais é armazenado diretamente nos sentidos e nos músculos; não se trata de um saber moldado em palavras e conceitos. Aprender uma habilidade não depende do ensino verbal, mas da transferência da habilidade dos músculos do mestre diretamente aos músculos do aprendiz por meio da percepção sensorial e da mimese*"[54]. As sociedades tradicionais ainda se regem por esta forma de transmissão do conhecimento, passado através da repetição dos gestos, que se incorporava na mente e no corpo por meio do tato e das sensações físicas.

Mais adiante, na evolução da história universal, surgem as primeiras instituições. No início, limitadas a determinados grupos, classes sociais e géneros, foram evoluindo até às múltiplas opções que temos à nossa disposição na atualidade e por todo o mundo: escolas, politécnicos, universidades, institutos de idiomas.

Continuamos a aprender com a natureza e com os nossos semelhantes, mas habitualmente de um modo indireto, mais distante. Poderia arriscar-se, quase impessoal.

Num formato institucional que vai desde os cinco/seis anos até aos dezassete/dezoito, no que concerne ao modelo de Escola do Sistema de Ensino Português, somos impulsionados para a aprendizagem através de métodos formatados e circunscritos a determinados paradigmas, eventualmente um pouco redutores para permitirem uma descoberta pessoal e exploração das capacidades e aptidões individuais de cada um. É entendido como acertado, um modelo de avaliação generalizado para um coletivo que é composto de indivíduos que ainda não formaram, totalmente, a sua personalidade.

Para além de, geralmente, atuar sobre este princípio genérico, a escola também acaba por se resumir a um processo de "*imposição de conceitos*"[55], uns atrás dos outros, sem deixar grande espaço para a dúvida, para o debate, para todos os "porquês" que o aluno acumula. Estes vão ficando guardados, encolhidos, no fundo da mente, ofuscados pela atitude acrítica à qual somos incitados/constrangidos, inconscientemente.

Não obstante estas constatações, parece-nos que se tem procurado implementar estratégias diferentes que permitam preparar os alunos da escolaridade obrigatória para a *vida real,* no sentido de serem mais autónomos e conscientes das várias possibilidades que têm à saída dessa primeira grande fase.

> *"CREEM os mayas que no princípio da história, quando os deuses nos criaram, nós, os humanos, éramos capazes de ver mais além do horizonte. Estávamos então recém fundados, e os deuses atiraram-nos pó para os olhos para que não fôssemos tão poderosos."*[56]

---

54 PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2017, p.77.

55 PORTAS, Nuno, *Prefácio à edição de 1982*, Madrid, dezembro, 1981 em TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, prefácio de Nuno Portas, Porto, Edições do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P., 1982, p. 15

56 GALEANO, Eduardo, *Envidias del alto cielo* em GALEANO, Eduardo, *El Libro de los Abrazos*, Ma-



43| *Desenhar de olhos fechados, a memória da mão,* Aulas de desenho II, Faup, 2013



44| *O ser curioso,* Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas, Ribeira Grande



45| *Povoar o espaço,* Museu nacional de Arte Romana de Mérida

Chega-se ao ensino superior e a vista para o horizonte é alargada, em certa medida. Quando o aluno ingressa numa faculdade, vê-se confrontado com outros desafios, outra instituição com métodos de atuação muito díspares daqueles com que este estaria já conformado.

O ensino de uma faculdade encara-o como um adulto, responsável e consciente das suas ações. Não existe o constrangimento dos Exames Nacionais, e a pressão para manter uma determinada média de classificações, é desvanecida.

Na prática do ensino da arquitetura, o estudante é deixado bastante mais livre, para explorar as suas preferências e escolher um caminho. Dependendo da faculdade, sendo algumas mais teóricas e outras mais técnicas ou ainda artísticas, existe um leque abrangente de disciplinas que possibilitam uma instrução em vários campos fundamentais para o ensino da Arquitetura.

Encarando-se a Arquitetura como uma disciplina plural, a multiplicidade de campos de exploração que o aprendiz tem à sua disposição é o pilar essencial para o início e progressão da sua formação. E, ainda assim, uma instituição termina sempre por formatar o estudante, com mais, ou menos evidência.

Considera-se inevitável uma formatação do estudante. Esta está associada a um modelo de ensino, base sem a qual a escola não poderia funcionar. A imitação continua a ser um método eficaz para desenvolver a sabedoria, quer esta seja transmitida através da prática, ou da teoria.

Nas palavras de Nuno Portas, a "*educação que não pode ser entendida como "imposição de conceitos" mas antes como troca, pela qual se poderão entender e interpretar as necessidades culturais e sociais, o modo como a arquitectura se pode adaptar às pessoas, aos sítios, às tecnologias e, do mesmo golpe, agir sobre elas tendo em conta os seus desejos e vontades*."[57] No que concerne à aprendizagem da arquitetura como profissão, esta está sempre vinculada com a sociedade que rodeia o aprendiz. Deve relacionar-se com ela, procurar meios de integrar no estudo da história, da teoria e na conceção de projetos.

"*Reconhecido o facto, com todos os seus inconvenientes, apresenta-se a educação como um dos meios que hoje se oferecem para integrar, para unificar, para reestruturar o caos em que o homem e a sua sociedade se encontram e daí o papel extraordinário de que ela se reveste, papel que leva um autor a chamar-lhe «a actividade básica da sociedade», acrescentando: «Ela condiciona e é condicionada por todas as outras actividades – políticas, económicas, industriais, sociais, religiosas, pessoais», para concluir que a educação «não é apenas uma parte integrante do sistema social», mas «a grande fonte da sua*

drid, Siglo XXI de España Editores, S.A., 1999, p. 196.

57 PORTAS, Nuno, *Prefácio à edição de 1982*, Madrid, dezembro, 1981 em TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, prefácio de Nuno Portas, Porto, Edições do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P., 1982, p. 15.



46| *Continuar a viver, Índios da meia praia,* imagens retiradas do Documentário de António da Cunha Teles de 1976



47| *Vista aérea do aglomerado de casas onde se insere a propriedade do senhor Manuel e da dona Aida*

força ou da sua fraqueza»."[58]

> *"Mas para que seja verdadeiramente integradora, a educação não deve destruir o que de positivo exista nos indivíduos ou nas sociedades e não deve, portanto, constituir um processo de imposição de conceitos, mas antes um processo de troca de conceitos, um dar e receber que não destrua mas valorize, tendo como intenção criar uma sociedade unitária, embora diversificada, una mas não uniforme, em que o indivíduo seja tão livre como integrado numa comunidade de interesses; caso contrário a educação transformar-se-á em mais uma máquina que o homem cria para se cilindrar a si próprio."*[59]

As pessoas movem-se sempre que há necessidade. Quando se estagna num ponto de paragem, sem grandes acontecimentos propulsores na cidade, a sociedade parece estagnar também. As escolas acomodam-se e os seus estudantes também. Até ao dia em que sucede algo. No entanto, considera-se que, mesmo não havendo eminência de fenómenos anormais no desenvolvimento da cidade, um estudante possa procurar conhecer e intervir na sociedade para a qual, um dia mais tarde, irá trabalhar.

> *"Pela escassez e pouco brilho das realizações, mas também e sobretudo por comodismo e hipocrisia, a simples menção de "projecto participado" é hoje em dia e em geral associada a um juízo de deficiente qualidade, de incompetência ou oportunismo ou ingenuidade; decididamente não interessa ou é considerada com suspeição pelos profissionais bem-pensantes. Em resumo, e por diferentes razões, passou de moda falar de "projecto participado", ou admitir a bondade do conceito."*[60]

Recua-se no tempo, até à implementação do Serviço de Apoio Ambulatório Local, em 1974. *"O restabelecimento das condições democráticas em Portugal após quase meio século de ditadura conservadora e colonial, veio pôr o problema da habitação da maioria das famílias urbanizadas na primeira linha das reivindicações com que se tiveram de defrontar os primeiros governos provisórios."*[61]*"É, portanto, no contexto de um processo político cujas transformações eram, em 74, imprevisíveis que se faz, entre outras medidas*

---

58 Referência a H. C. Dent - «Education in transition» - London – 1944, pág. IX, TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, prefácio de Nuno Portas, Porto, Edições do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P., 1982, p. 80.

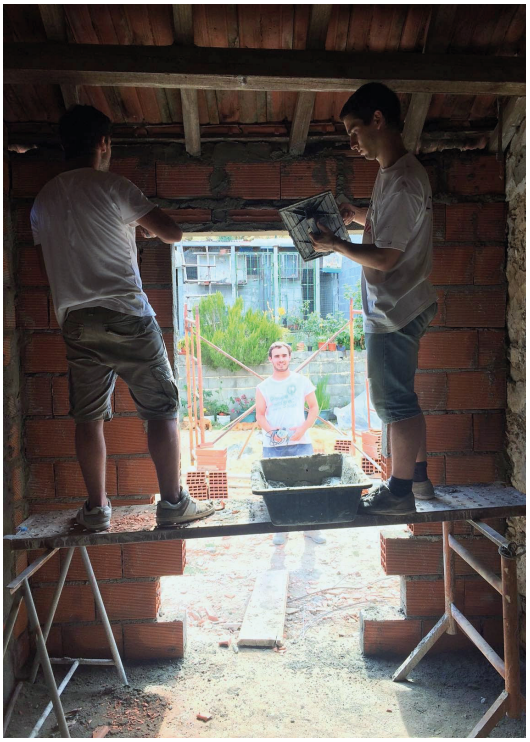
59 ibidem.

60 SIZA VIEIRA, Álvaro em *Miragaia* em SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto, Civilização, 2009, p. 79.

61 PORTAS, Nuno em *O Serviço de Apoio Ambulatório Local/SAAL- Como Processo Autogestionário no Seerviço* Público, (Publicado em Cadernos de Intervenção Social, nº2, Setembro 1979 (Ed. AE ISSL) em PORTAS, Nuno, *Os Tempos das Formas, vol. I: A Cidade Feita e Refeita*, Prefácio de Manuel de Solà-Morales, Guimarães, Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho (DAAUM), 2005, p. 269.







48-50| Mãos à obra, Fases de construção do projeto em Ferreira do Zêzere

a proposta de arranque do novo programa de habitação que ficou conhecido pela sigla SAAL."[62]

Visava-se, com este programa, *dito experimental, "criar um espaço para mobilização dos moradores, conferindo-lhes um papel activo na condução dos programas que lhes dissessem respeito e na pressão junto do aparelho de Estado, para que funcionasse a seu favor (deles, moradores)."*[63]

Sendo um momento de grande instabilidade no desenvolvimento da cidade, os estudantes e arquitetos da cidade do Porto estiveram bastante envolvidos. O bairro fazia parte da escola e a escola trabalhava sobre o bairro. *"A primeira relação que nós temos com o bairro é uma relação de escola que nós aprendemos sobre o SAAL e aprendemos sobre o bairro. Não só sobre este mas sobre o conjunto como uma operação que toda a escola ficou envolvida e é uma coisa absolutamente fundadora da escola e é muito romântica"*[64].

> *"As gerações mais despertas para o mundo que as rodeia – as decisivas para o fazer progredir – requerem ser formadas como técnicos sociais e como construtores das estruturas do planeamento físico."*[65]

Evocamos uma intervenção em Ferreira do Zêzere para pôr sobre o papel o debate relativo à transmissão do conhecimento que, na realidade, se pode estender a todos os campos da aprendizagem e não é exclusivo da arquitetura. Os trabalhos em Ferreira do Zêzere, inseridos no campo de verão de 2016 da associação *Just a Change*, consistiram na reconstrução de uma parte da casa da senhora Aida e do senhor Manuel.

A casa deste casal situa-se num pequeno aglomerado de habitações, que se localiza na Estrada do Maxial. Para aí chegar, fazem-se uns 15 minutos de viagem desde a vila de Ferreira do Zêzere. Os cães saúdam o visitante que se aproxima. Em redor do espaço da habitação, o verde é o tom predominante da paisagem e, ao longe, um vislumbre do Lago Azul surge no horizonte. Esta está inserida numa pequena quinta, que aloja vários outros animais.

---

62 PORTAS, Nuno em *O Serviço de Apoio Ambulatório Local/SAAL- Como Processo Autogestionário no Seerviço* Público, (Publicado em Cadernos de Intervenção Social, nº2, Setembro 1979 (Ed. AE ISSL) em PORTAS, Nuno, *Os Tempos das Formas, vol. I: A Cidade Feita e Refeita*, Prefácio de Manuel de Solà-Morales, Guimarães, Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho (DAAUM), 2005, p. 275.

63 PORTAS, Nuno, *Os Tempos das Formas, vol. I: A Cidade Feita e Refeita*, Prefácio de Manuel de Solà-Morales, Guimarães, Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho (DAAUM), 2005, p. 275.

64 CORREIA, Tiago, em *VICINI,* documentário da autoria de Cândida Pinto, Produção de Madalena Durão, Filmado em janeiro de 2016, S.I.C. disponível em https://player.sicnoticias.pt/2016-05-28-Vizinhos-A-revolucao-e-as-casas-de-Siza-na-Bouca#, [visualizado em junho de 2018].

65 PORTAS, Nuno, *a arquitectura para hoje 1964, seguido de, evolução da arquitectura moderna em Portugal 1973,* Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 28.







51-54| *Processo de construção*, Ferreira do Zêzere

O projeto consistiu unicamente na reabilitação da cozinha. Era um espaço que estava sujeito às intempéries e bastante degradado, sem ter sequer uma parede que protegesse a entrada para a vivenda, pois esta fazia-se através de uma "cortina" que cobria um murinho de meia altura com um pequeno portão de madeira. Parte do piso da divisão da cozinha, em madeira e assente na cave do andar inferior, foi destruído para se proceder à reconstrução deste e ao reforço dos pilares e sapatas que ajudavam a suportá-la. Na construção trabalharam seis estudantes voluntários, um mestre de obras, o senhor António e, ocasionalmente e sempre que podia, o senhor Manuel, dono da casa. Estava previsto ser um trabalho de 10 dias e, pela complexidade da intervenção e considerando os tempos de espera para a chegada de determinados materiais, acabou por ser uma intervenção que tardou 12 dias a ser completada. Trabalhava-se desde as 8 da manhã até às 6 da tarde, com pausas para o almoço e para o descanso, sempre que não havia nada para fazer.

Da perspetiva do voluntariado, constata-se que o trabalho desenvolvido pela associação é muito cuidado e planificado, antes de incluir a grande massa dos voluntários em campo. As famílias são criteriosamente estudadas e contatadas e procura entender-se *a priori* a sua disponibilidade, flexibilidade e entusiasmo para o desenvolvimento dos trabalhos. Não sendo um projeto de iniciativas a grande escala, torna-se muito mais integrador para todos os intervenientes, daí que os resultados sejam extremamente positivos, não só ao nível da assertividade dos trabalhos quando completos, mas também no que concerne à relação entre os voluntários, e destes com os habitantes, mestres de obras e organizadores.

> *"Sabemos hoje que a grande massa das habitações feitas para acudir apressadamente às necessidades se transformou rapidamente em novas fontes de infelicidade, desintegrando ou não compreendendo a família, localizando a delinquência ou a desadaptação psicológica."*[66]

A casa só é verdadeiramente CASA se for sinónimo de refúgio. Parafraseando Juhani Pallasmaa, o *"nosso domicílio é o refúgio do corpo, da memória e da identidade"*[67]. A casa da dona Aida e do senhor Manuel foi refúgio, muitas vezes, durante aqueles primeiros dias do mês de julho. Alimentou almas, corpos e mente de todos os que por lá passaram. Assistiu a lágrimas, confissões e partilhas. Ao cansaço e à exaustão. Foi lar, apesar de virado de pernas para o ar.

O lar é construído com o tempo e com as relações entre os habitantes e a casa. *"Um lar não pode, portanto, converter-se em um produto comerciável. Os anúncios atuais de lojas de móveis que prometem renovar sua casa inteira imediatamente são absurdos –*

66 PORTAS, Nuno, *A Habitação Social, Proposta para a metodologia da sua arquitectura*, Porto, Faup publicações, 2004, p.22.

67 PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2017, p. 98.









55-61| *Processo de construção*, Ferreira do Zêzere

equivalentes a uma propaganda de um psicólogo que prometesse renovar todos os conteúdos da mente de uma só vez"[68].

O projeto em Ferreira do Zêzere concretizou-se com a finalização da cozinha. Esta foi organizada em duas divisões, uma delas para integrar uma pequena despensa. Incluiu-se uma janela na parede erguida no lugar onde estava a entrada da casa. Abriu-se também uma porta num pequeno compartimento ao lado da cozinha, passando a entrada a fazer-se pela zona central da casa.

Não obstante o facto de ser de curta duração, um projeto deste género permite ao estudante ter um contacto efetivo com uma realidade que não é a dele. Permite-lhe questionar, repensar e reavaliar os conceitos que aprendeu na instituição de Ensino. Proporciona-lhe ainda um conhecimento prático das técnicas de construção que nunca poderia ser adquirido de outra forma.

"*Ao contrário da ideia de que há saberes que são tabu, são coisa de especialista e quem nem vale a pena tentar debatê-los com pessoas que não tenham formação, é possível conversar com todos, e aprender com isso e ensinar também*"[69]. Esta ideia vem corroborar um dos pontos fundamentais que se crê estarem na base de uma aprendizagem saudável: o respeito pelo outro, por aquilo que uns e outros podem ensinar-nos, não deixando de parte as inúmeras possibilidades que há de aprender, sendo uma das mais importantes o diálogo.

O campo de Verão de Ferreira do Zêzere juntou dezenas de jovens universitários, de áreas nada homólogas, que fizeram o que podiam, para cumprir os objetivos delineados. E porque, nas palavras de Saramago, "*se toda a gente fizesse o que pode, o mundo estaria com certeza melhor*"[70], considera-se este mais um pequeno passo na construção de um futuro mais humanizado e menos individualista.

---

68 PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2017, p. 18.

69 SIZA, Álvaro, em *VICINI,* documentário da autoria de Cândida Pinto, Produção de Madalena Durão, Filmado em janeiro de 2016, S.I.C. disponível em https://player.sicnoticias.pt/2016-05-28-Vizinhos-A-revolucao-e-as-casas-de-Siza-na-Bouca#, [visualizado em junho de 2018].

70 SARAMAGO, José, *A Viagem do Elefante*, Editorial Caminho, 2008, p.255.

Instante III

ou a descoberta

A cidade parece não ter limites... Desenvolve-se junto ao mar, com interrupções de estrada e caminho férreo. Entra-se por um portão de berma de rua e não se sabe por onde começar o percurso, nem onde esta acaba. Ficamos sem saber para onde nos dirigir...

Seguimos uma estrada de terra, em direção oposta desta por onde viemos. Passamos por esculturas feitas com uns largos tubos de metal que, com a ajuda do vento, deixam soar uma melodia.

Sentamo-nos à sombra de uma árvore, no meio de uma imensidão de verde, esperando que a aula termine...

Visita à cidade aberta, Ritoque, Chile a 19 de abril de 2017



Instrumentos do vento, Ciudad Abierta, Ritoque, Chile, Abril 2017

Levo pouco mais de um mês neste país e ele já ocupa um lugar bem grande dentro de mim. A procura de casa foi algo intensa, e valeu-me umas quantas bolhas nos pés, alguns amigos novos e o descobrir de uma cidade que desde o início me conquistou. A faculdade surpreendeu-me e rendi-me completamente à sua aura, à sua arquitetura, à sua liberdade…estou à espera de ver como acaba a história!

(...)

O que contar sobre uma cidade que à primeira vista parece não ter grande coisa para oferecer, mas na qual fui descobrindo surpresas em cada recanto. Esta cidade que me



Habitar a rua I, Montevideu,Uruguai, Setembro 2016

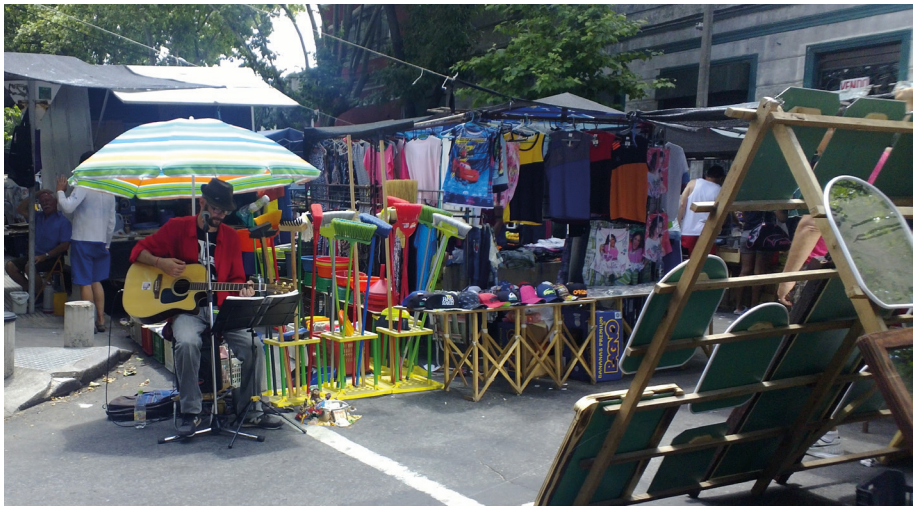
recebeu com um frio de rachar, que me apresentou o inverno na América do Sul e que me fez correr para a primeira loja a comprar umas luvas mal chegada, foi-me timidamente conquistando.

É uma cidade com uma marginal à beira-mar, de ruas intermináveis e com as árvores despidas porque continua inverno aqui! Estas ruas que já conheço de palmo a palmo. Uma cidade onde numa caminhada às 5 da manhã, me sinto mais segura que no Porto às 10 da noite. É uma cidade onde estão sempre dispostos a correr atrás de ti, sempre que perdes alguma coisa no meio da rua. Uma cidade que te apresenta a pessoas incríveis, onde a cidadania é exemplar. Uma cidade que me apresentou ao mate, essa bebida tão amarga, mas que te aquece a alma, como um chá forte sem açúcar. Uma cidade em que me receberam em suas casas, de lareira acesa e ouvidos atentos ao que tinha para contar.

Como descrever esta cidade em que podemos encontrar, no interminável caminho para casa, às 4 da manhã, dois pares dançando tango no meio da rua? A música escuta-se desde muito longe. No início, é só um sussurrar, que nos faz buscar por detrás de inúmeras portas pelas ruas vazias e, logo depois, começa a ouvir-se um som, distinto, algures muito próximo, até que, ao virar da esquina, aí está, esse cenário tão puro no meio da imensidão de uma cidade deserta. Quase nos sentimos culpados por estarmos a interromper esse momento, tão mágico, e inesquecível, tam-

bém para nós, que somos meramente espectadores. Passamos ao lado, escutando silenciosamente, com medo de quebrar a magia desse instante tão puro.

E esta cidade, este país, continua a surpreender-me a cada dia que passa. Até aos atrasos das gentes já me habituei, porque eles fazem parte desta cultura. Uma cultura que defende o aproveitar o momento, e é a ela que me tenho de render, eu, que que sempre planeei todos os instantes. E essa cultura do momento também me ensina algo, ensina-me que há outras formas de viver, que parar e desfrutar daquilo que vai surgindo também pode ser um bom lema, para algum tempo da vida.

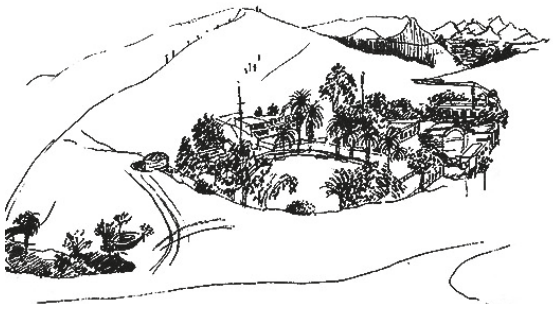


Habitar a rua II, Montevideu,Uruguai, setembro 2016

Este é o país onde a educação é gratuita e entendem a necessidade que é crescer ao nosso próprio ritmo. Um país em que fazer um curso de arquitetura em dez anos e a meio uma viagem à volta do mundo é um costume e uma tradição de muitos. Uma cidade que tem feiras e mercados todos os dias, com pessoas tão peculiares em cada lugar, com inúmeros alfarrabistas onde se encontra aquele livro que rocurava há muito e a 30 cêntimos. E em cada paragem de autocarros, contrastando com a fila que se faz ordeiramente (nada como em Portugal, diga-se!) está sempre alguém, com uma guitarra, animando a nossa passagem. Rendi-me às pessoas, à música, ao candombe, aos parques, ao frio, ao ambiente, ao mar que se sente como mar, mas não cheira ao mar da minha Viana do Castelo. Até os preços exorbitantes do supermercado já sei contornar com as idas frequentes aos mercados. E já tenho hábitos, rotinas, coisas e pessoas que me acompanham... e novas que aparecem todos os dias. E os dias vão ficando maiores e dezembro será, pela primeira vez, um mês quente!

Montevideo, 10 de setembro de 2016





La Paz e as cholitas e o oásis de Huancachina, La Paz e Ica, Bolívia e Peru

O pátio
é a concentração do cansaço do telhado,
e a contemplação do vento
na tentativa de surpreender a si próprio.

Maxim Malhado



62| *Confronto,* Montagem da Esteio na Bienal de Arte de Montevideu, Palácio Legislativo, Montevideu, Uruguai, 2016



63| *ESTEIO na Bienal de Arte da Bahia,* Salvador, Brasil, 2014, MASCARENHAS, Alfredo

ESTEIO, URUGUAI
as mãos na terra

> *"Porque a casa é o nosso canto do mundo." "uma primitividade que pertence a todos, ricos ou pobres, se aceitarem sonhar."*[71]

A ideia de participação também deve poder discutir-se num contexto de aprendizagem. Levar os alunos a esse campo de instrução, é uma ideia relativamente inovadora nos dias de hoje, mas que tem tanto de verídico e válido quanto uma palestra teórica dada num auditório com 200 pessoas. Na *Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo* de Montevideu, onde tive a oportunidade de estudar durante o primeiro semestre de 2016, era incentivado, ainda que de forma discreta, o trabalho fora da sala de aulas. Das inúmeras disciplinas opcionais que tínhamos ao nosso dispor, várias tinham um carácter bastante prático. *Diseño de Arquitectura con Tierra*, foi uma das que frequentei e, tal como o nome indica, fornecia aos estudantes bases para perceberem como se podia desenhar e construir com a terra. Para além de toda a parte teórica sobre as formas de construir em terra e uma contextualização histórica sobre a utilização deste material, éramos incentivados a integrar diversos projetos que tivessem por base a utilização da terra. É neste contexto que a breve participação no projeto da *Esteio* surge.

O projeto integrou a primeira Bienal a ser feita dentro de um edifício parlamentar, o Palácio Legislativo de Montevideu, na qual tive oportunidade de participar como voluntária.

Uma casa em taipa[72], construída como instalação artística, e tão simbólica e similar a tantas casas do Brasil. O autor do projeto é Maxim Malhado, um artista brasileiro que é, também, professor de Educação Física. A casa em taipa é o resultado de muitas vontades, de muita história, de muitas propostas do próprio autor.

A *Esteio* surge como galeria de arte no interior do estado da Bahia, numa vila com menos de 2000 habitantes numa casa do pai de Maxim[73]. Em 1994, o projeto concretiza-se com a intenção de expor e partilhar as ideias do artista, num lugar onde essa partilha era incomum e escassa. Integra um projeto chamado "Arte na Vila" e mantém-se ativa até 2005[74].

---

71 BACHELARD, Gaston, *A poética do Espaço*, São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 24.

72 A taipa é uma das inúmeras formas de construção com terra. É uma técnica que combina o solo, a palha e uma estrutura que geralmente é feita em bambu ou madeira. É feita uma estrutura com uma malha criada a partir dos materiais mais estáticos e segue-se o enchimento dessa malha com a terra, que é misturada com a palha e, caso seja necessário com água.

73 MAXIM, Malhado, em *anexos*, À *conversa com Maxim Malhado*, conversa datada de setembro de 2018.

74 ibidem.



64| *As mãos na terra, Montagem da Esteio na Bienal de Arte de Montevideu,* Palácio Legislativo, Montevideu, Uruguai, 2016



65| *Contrastes, Montagem da Esteio na Bienal de Arte de Montevideu,* Palácio Legislativo, Montevideu, Uruguai, 2016

É em 2014 que esta galeria, um projeto à escala de uma pequena vila, passa a integrar a Bienal da Bahia, sob a forma de um espaço que incluí três casas construídas em taipa. A *Esteio* ganhou outro formato, mais dinâmico, que permitiu expor trabalhos, atuações e performances de vários artistas. Durante 90 dias, houve sempre eventos a decorrer. Segundo Maxim, "*foi quase uma bienal dentro da bienal*"[75].

Quando se confrontou com o espaço onde seria a Bienal de Montevideu, a galeria mudou completamente, por força das circunstâncias. De uma galeria composta por três casas em taipa, que configuravam uma praça onde aconteciam eventos, transformou-se numa peça singela que entrou em confronto com o edifício em que estava inserida, num enorme salão com um pé-direito gigante. Para o autor, *"é mais silenciosa, a Esteio"*, *"discute outras questões"*, como "*a questão do morar, da moradia, do que a casa representa como corpo, como nosso lugar, que deslocamos o tempo inteiro*"[76]. O artista reconheceu as alterações sofridas pela obra que é, ao mesmo tempo, galeria, como proveitosa, já que permite pensá-la de outra forma, vê-la sobre outros prismas.

Eduardo Chillida dizia que a obra era, para si, "*contestação e pergunta*"[77]. "*A reflexão é inerente à tarefa do artista contemporâneo. Em maior ou menor medida, qualquer criador pondera sobre o seu trabalho e pregunta-se pelo seu significado*" [78].

A galeria transformou-se, deste modo, numa instalação, numa casa que se move de um lugar para ou outro, que se constrói e desfaz, quase como o palácio que se montava e desmontava da cidade de *Ciandu*[79], e levanta discussões distintas em cada um dos lugares.

Rapidamente passou de galeria, de espaço de convivência, que abrigava as vontades dos homens, para um espaço de reflexão, sobre o habitar, sobre a simplicidade, sobre o diálogo entre a casa e os edifícios que, na cidade, são exceções.

Transformou-se também, em Montevideu, num espaço de aprendizagem, de troca de ideias, de contacto com a terra. É nesse espaço pedagógico que ela também ganhou a forma de casa. No processo de construção, a casa também é habitada, e "*o ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo*"[80].

---

75 MAXIM, Malhado, em *anexos*, À *conversa com Maxim Malhado*, conversa datada de setembro de 2018.

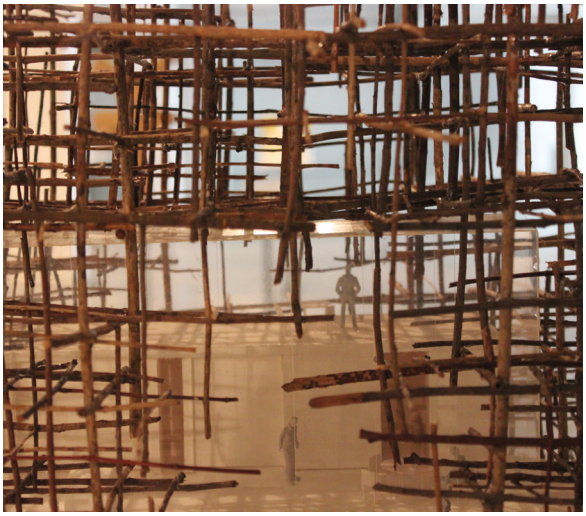
76 ibidem.

77 CHILLIDA, Eduardo, *Escritos*, Madrid, La Fabrica Editorial, 2005, p. 50.

78 FERNÁNDEZ, Nacho, *Presentación*, idem, p. 9.

79 Referência ao palácio efémero da cidade de *Ciandu*, mandada construir por Cublai Cã, e descrita nas Viagens de Marco Polo em POLO, Marco, *Viagens*, Porto, Porto Editora, 2018, p.73.

80 PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2017. p.7.



66| *Futurospective Arquitecture, Centro Cultural de Belém, Sou Fugimoto. Arquitetura como Floresta – Textos, maquetas, fotografias: uma exposição concebida, projetada, documentada e comentada por Sou Fujimoto. 2013*



67| *Inacabado, Montagem da Esteio na Bienal de Arte de Montevideu,* Palácio Legislativo, Montevideu, Uruguai, 2016



68| *Processo e progresso, Montagem da Esteio na Bienal de Arte de Montevideu*

"*A casa perdeu a sua essência metafísica e tornou-se um produto funcionalizado e mercantilizado*"[81]. Esta casa de taipa também nos ajudou a refletir sobre as questões do habitar. "*Para mim, qualquer tipo de arquitetura, independentemente de sua função, é uma casa. Eu projeto apenas casas, não arquitetura. Casas são simples. Elas sempre mantém uma relação interessante com a verdadeira existência, com a vida*"[82]. Precisamos, cada vez mais, de "*uma arquitetura que possa mediar e dar as "boas-vindas". Ainda precisamos de casas que reforcem nosso sentido de realidade humana e das hierarquias essenciais da vida*"[83]. Ainda serão precisos projetos que transportem o ser criador, de volta às suas raízes. Com este projeto, o aprendiz intersectou todo o conhecimento que levava armazenado no cérebro, com o campo da ação e da participação. Viu-se inserido num espaço de tempo onde se reflete sobre a convivência e as sensações.

> *"A arquitetura dirige, proporciona e emoldura ações, percepções e pensamentos. E, principalmente, articula as nossas relações com outras pessoas e com instituições humanas."*[84]

> *"Um edifício não é um fim em si mesmo. Um edifício altera e condiciona a experiência humana da realidade: um edifício emoldura, estrutura, articula, relaciona, separa e une, facilita e proíbe. Experiências arquitetônicas profundas são ações, não objetos."*[85]

A casa, que também é galeria, concretizou-se na forma de uma instalação construída em bambu, madeira, terra e palha. A montagem da instalação demorou, aproximadamente, uma semana, e contou com a colaboração de vários estudantes que, sempre que tinham disponibilidade, se encontravam no palácio legislativo para ajudar.

Com este projeto, soma-se um fundamento para prosseguir com a discussão do tema da participação, no âmbito do ensino da arquitetura.

---

81 PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2017, p. 33.

82 SHU, Wang, em *Prólogo*, idem, p. 7.

83 idem, p. 39.

84 idem, p. 96.

85 ibidem.

Instante IV
ou a sensibilização

Desde que cheguei à América do Sul, ouvi o nome desta organização de voluntariado e fiquei com curiosidade para descobrir o que era e como atuava. Procurei informação e, chegada ao Uruguai, resolvi inscrever-me como voluntária permanente. Fui quase logo chamada para um fim de semana de construção intensivo. Aceitei de imediato o desafio e, numa sexta à noite com alguns colegas de intercâmbio, partimos para o local onde se realizariam as construções. Mal chegámos à escola onde iríamos dormir, fomos distribuídos por quadrilhas (grupos de trabalho). A cada quadrilha foi atribuída uma casa e uma família que iria habitar nessa casa. Em cada grupo havia um responsável, um voluntário com alguma experiência já, que se encarregava de explicar a todos, os processos de construção e o modo como os trabalhos decorreriam. Apresentações feitas, fomos todos dormir, porque ao sábado acordava-se às 6 da manhã para ir aos "asentamientos" começar as construções. Escusado será dizer que não foi um fim de semana em que se dormiu confortavelmente, ou sequer muito, até porque a cama era no chão de algum pavilhão da escola onde estávamos- o frio do piso disfarçado com uns pedaços de cartão por baixo do saco-cama.

No sábado, travamos conhecimento com a família, fizeram-se as últimas apresentações e mãos à obra. A ajuda vem de todo o lado e espontaneamente. Procura-se, para além

de uma construção célere e bem feita, um intercâmbio de experiências e relacionamentos entre os voluntários e as pessoas que habitarão aqueles espaços. Quando havia crianças por perto, era bem mais fácil, porque elas têm sempre um sorriso para dar, quando de imediato se aproximavam. A comida era feita em conjunto e, assim, havia uma aproximação calorosa e espontânea entre todos.

Estas casas que se constroem são muito básicas, mas o seu objetivo é, precisamente, tirar as famílias de situações de emergência. Mesmo como estudante de arquitetura, não perdi muito tempo a questionar a qualidade urbanística destas construções nestes bairros. Há muitos que o fazem. Eu prefiro ver mais além - se calhar sou eu a ingénua e a acrítica - ver o lado humanitário da ajuda, que efetivamente, apesar de ser tão efémera e tão primária, é um grande apoio a estas famílias. Prefiro pensar que estas soluções são temporárias, que é uma porta que se abre para o futuro, um início de uma integração na sociedade.

Há que ter em conta que este processo de construção de vivendas de emergência, porque é exatamente o que estas são, só é possível graças a todo o trabalho feito anteriormente, pelos voluntários permanentes, nas mais diversas áreas. Planeamento do território, desenho de casas, educação, angariação de fundos… A organização estende-se então a vários campos, e o que se pretende é uma melhoria das condições de vida nos “asentamientos”. Há muito trabalho a fazer, ainda. Muito a melhorar e, para isso,

servem os milhares de pessoas que trabalham na organização, que surgiu no Chile e está atualmente em dezanove países da América Latina.

Neste contexto do trabalho com as organizações do Techo, há uma pergunta que me fazem com regularidade, neste lado do mundo: se em Portugal há grandes diferenças sociais. Eu começo por dizer que há pobreza, que Portugal é um país pobre comparado com a maior parte dos países da europa ocidental. Depois, começo a questionar-me, porque o que vi nestes três meses na América do Sul, em nada se pode comparar a uma eventual pobreza portuguesa. O meu pensamento voa logo para a hipótese de, efetivamente, eu nunca ter presenciado a pobreza portuguesa. E logo me apercebo que sim, vi-a e sentia-a, muitas vezes. Vi a pobreza da solidão e do abandono, a pobreza de quem não tem sonhos, ou só tem os sonhos dos outros. Mas, aqui, a pobreza sente-se desde o longe. É visível a cada esquina e é impossível de ignorar. É uma pobreza sem teto, sem saneamento, mas tão pouco é uma pobreza sem comida. Acho que ainda não me deparei com essa pobreza, essa pobreza que, creio, me destruiria por dentro. Essa pobreza que sim, é a extrema. Há pobreza sem teto e sem casa, mas a comida ainda existe, acredito eu, com o muito (ainda tão pouco) que vi. Uma pobreza sem sonhos e sem objetivos, mas de barriga cheia, até ao dia…

Participei em duas fases de construção, uma no Uruguai e outra na Argentina. Há duas situações que não consigo es-

quecer, destas experiências:

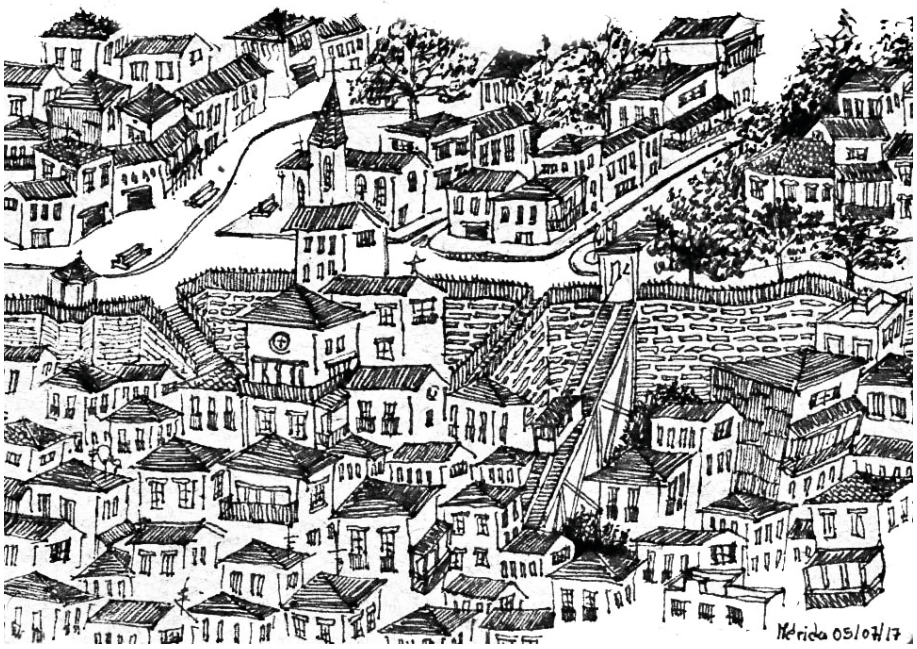
-Na primeira construção, a meio de um dia intenso de trabalho, sobre um sol abrasador, pedi para ir à casa de banho. Alegremente, uma das mulheres da família para a qual construo uma "casa", guiou-me pelos barrancos e indicou-me uma casinha de chapa e madeira. Uma sanita acomodada como se pode, entre terra e pedaços de madeira. "Tens de encher o balde e despejar" – explica num Espanhol/Uruguaio que eu procurei entender! Primeira vez que me vi numa situação destas. Pensei imediatamente: "onde será que tomam banho?" Essa pergunta ficou, até agora, sem resposta. Essa casinha servia de casa de banho para a família toda: avós, tios, primos, sobrinhos...

-Na segunda construção, essa na Argentina, conheci uma menina de doze anos com quem conversei muito. A meio das conversas perguntei-lhe: "E sabes onde é Portugal?!" "Não", disse-me ela. "E a Europa, sabes onde fica?" – perguntei com uma réstia de esperança. É de lá que eu venho, do outro continente. Respondeu-me que não, também, esta menina de doze anos. Rasguei um pedaço de papel e pedi-lhe uma caneta. Como tardava a ir buscar a caneta, fui buscar o telemóvel e, lembrando-me da maravilha que é o google maps, acabei a mostrar-lhe a minha casa no telemóvel. "Disse-lhe: agora não te vais esquecer de Portugal, pois não?" Disse-me que não, e pedi-lhe para mostrar aos seus colegas da escola, na segunda feira seguinte, onde era Portugal e contar-lhes que tinha conhecido uma rapariga de

portuguesa. Antes de me ir embora, perguntou-me se voltaria, no fim de semana seguinte. Eu disse-lhe que estudava noutro país, muito pertinho, mas outro país. Para mim, foram 22 euros, algumas horas de autocarro/barco e outro carimbo no passaporte. Para ela, era o desconhecido, esse país ao lado do dela, talvez tão inalcançável como o meu Portugal. Para ela, que nunca saiu dali, daquele bairro, "asentamiento" como lhes chamam, o Uruguai, a quatro horas de distância, era só um nome. Eu, evitando que as lágrimas me caíssem, respondi-lhe "Não, não vou voltar no próximo fim de semana, tenho aulas lá no Uruguai. Na verdade, teria uma viagem da faculdade para o Brasil, mas não lhe quis dizer isso. Porque, provavelmente, ela nunca irá conhecer o Brasil, talvez até nunca saia daquela terra, num algures pertinho de La Plata. Quem sabe, pode ser que sim…. Pode ser que um dia se lembre de uma menina que veio do outro lado do mundo, de um retângulo marcado num mapa, chamado Portugal, para ajudar a construir a sua nova casa. Ou não. Mas, quem sabe, não sonhará com aquilo que ouviu falar através das pessoas que visitaram e trabalharam naquele bairro e se um dia não quererá ir atrás de um sonho qualquer, num lugar distante. Espero que sim.

Montevideu, Uruguai, novembro 2016





Valparaíso Recordada, Desenhos de memória

Escrevo do porto junto ao pacífico que já se tornou uma casa. A vida no hostel era precisamente o que estava a precisar nestas férias "pós intercâmbio". Esta vida em que todos são formigas efémeras, que vão desfilando pelos dias de preguicite, passeios pela cidade e leituras. A cidade de escadas coloridas e milhares de cães e gatos pelas ruas é o palco de tudo isto. Da azáfama de gente que sobe e desce, falando francês, espanhol, alemão e inglês. Com todos os sotaques que se possa imaginar… Gente que para e tira fotos quando, sossegadamente, tentamos ler um livro. Gente que passa e segue.

Depois, há aqueles que ficam. Aqueles que se perdem nas amarras da cidade labirinto. Na arte, nas cores, na vida, na música, na confusão… Aqueles que vêm por três meses e acabam criando os ninos.

Também há aqueles que se apaixonam, partem e voltam, uma e outra vez. Acredito que serei uma dessas pessoas. Das que não fica, mas que irá regressar sempre que a vida o permita.

No Uruguay, em Montevideo, as pessoas eram as minhas, mas a cidade não. Aqui, é ao contrário. Com tudo o que ela tem de bom e de mau, de confuso e de calmo, de estranho e de normal. Sinto-a como minha. O meu porto seguro, junto a outro oceano.

Valparaíso!



Valparaíso Recordada II, Desenhos de memória

Valparaíso dos funiculares;

Do labirinto de escadas coloridas
que serpenteia os morros;

Dos miradouros com vendedores hippies
de bijuteria toda similar;

Dos mil cães que guardam cada esquina
e que só os carros perseguem;

Das coincidências;

Dos encontros e reencontros
daqueles que já se tornaram velhos amigos;

Dos turistas que sobem e descem, na azáfama matutina;

Dos escorregas de pedra pintalgados
com letras de alguma música;

Dos Murais que vão surgindo
em cada face vazia de um edifício;

Da baía de manhãs nubladas
e de tardes solarengas;

Do porto dos artistas,
dos que se pensam artistas,
e dos que, desesperadamente, lutam para se tornar artis-
tas;

Esta é a cidade Valparaíso.
A cidade que não se explica,
que não se consegue contar na totalidade;

Que se sente nas dores de pernas de subir
tantas escadas;

Que se vive, dia a dia, mais intensamente
que em qualquer outro lugar!

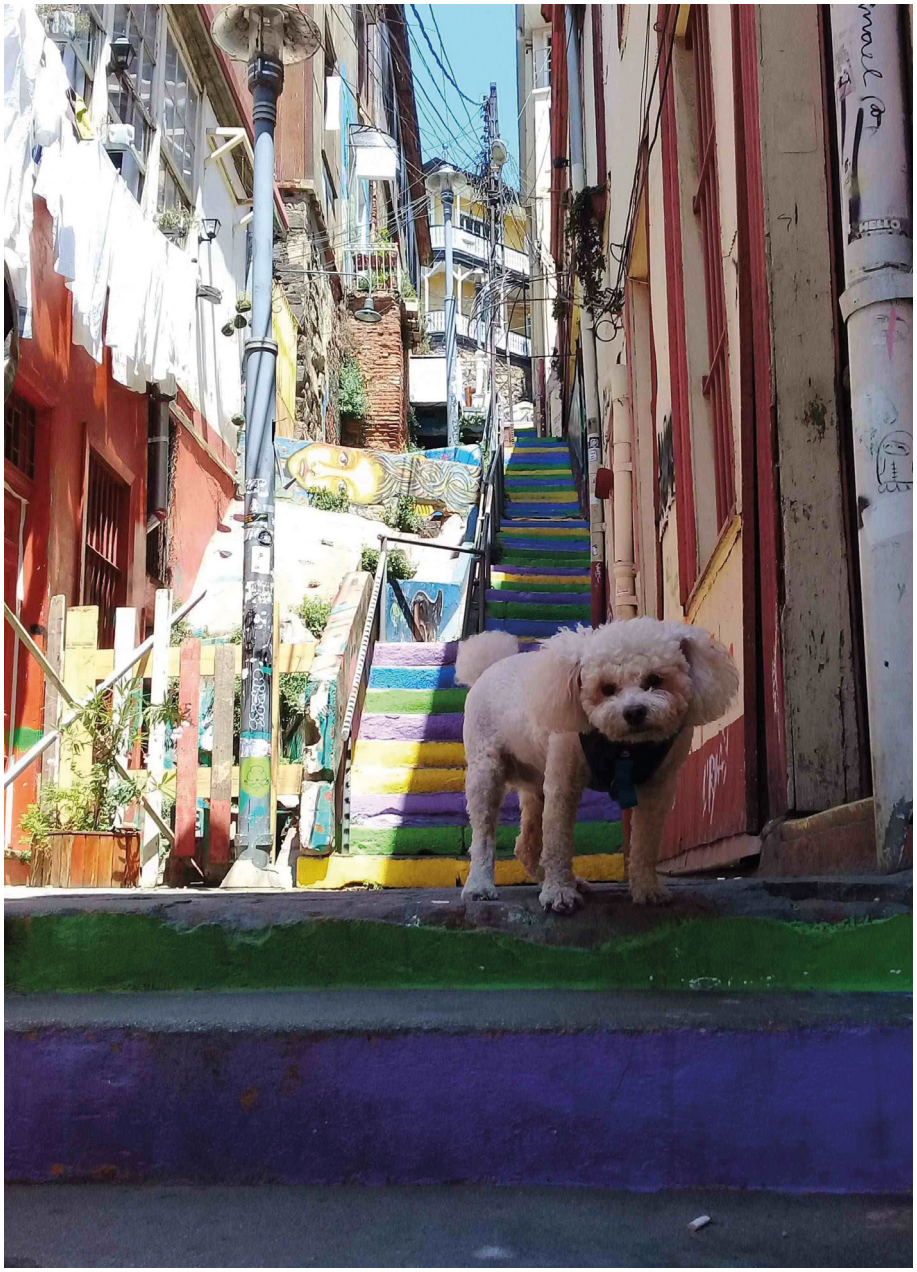
Esta é a cidade dos domingos a aprender
a dançar a Cueca;

Das aulas de salsa e dos amanheceres
pelos miradouros;

Esta é a cidade inclassificável,
mas tão cheia do que tenho em mim!

Porque já tenho tanto de mim nesta cidade e, ainda assim,
tanto para descobrir...
Falta-me um mês.
Um mês para aprender tudo o que este país tem para me ensinar. Um mês de ilusões, de seguranças, por vezes com o prefixo atrás.

Um mês desta "cidade-escola".
Dos amigos que chegam e partem.
Dos que ficam.
Das aprendizagens com os viajantes de todas as partes do mundo. Um mês para sentir de todas os modos e cores Valparaíso!



A cidade das mil e uma cores

Quando entramos em uma cidade nova, imediatamente começamos a nos acomodar a suas estruturas e cavidades, e ela começa a morar em nós. Todas as cidades que visitamos tornam-se parte da nossa identidade e consciência.

Juhani Pallasmaa, *Habitar*



69| *Construção de Vivendas de Emergênci*a, *Asentamiento* nos arredores de Montevideu, Uruguai, setembro de 2016

TECHO, URUGUAI
enfrentar realidades

> *"(...) viendo donde vivimos, en los confines de los mapas, en una sociedad medio paupérrima (...), siempre conviene saber dónde anda uno y qué paisaje lo rodea. Por ejemplo, yo al uso del término "espacios públicos" lo considero perverso. Deberían denominarse "espacios entregados al usufructo de los pobres". De esta manera los equívocos se disipan y la realidad brota con su cruda e incómoda sinceridad. Una plaza no es un lugar idílico ni el remedo de un cuadro ingenuo donde pasean los niños con globos en la mano, sino la arena para que las patines ejerzan la prostitución, o en lugar de suponer que por las veredas caminan señoras vestidas con ropa Prada, se comprobaría que son el escaparate para que el comercio ambulante venda cedés y libros piratas."*[86]

No momento em que cheguei à América do Sul, tive um primeiro contacto com um projeto que me viria a dizer bastante: *Un Techo para mi País*. Um projeto que foi idealizado no Chile, o país mais longo do mundo e agora, talvez, um dos mais estáveis (a vários níveis) da América Latina. Foi iniciado em 1997 por um grupo de jovens que tinham o intuito de melhorar as situações de pobreza em que viviam milhões de pessoas no país. Os chamados *asentamientos*[87], e as condições que se perpetuavam nesses bairros de lata, foram o motivo para a primeira missão da associação: a construção de habitações de emergência.

> *"(...) Chile es quizás la nación constituida peor ubicada y estructurada del planeta, semejante a la planta que brota en las junturas de dos piedras, (...) queda prisionero de la naturaleza porque no es más que la juntura del océano y la cordillera..."*[88]

O projeto original organizou-se, institucionalizou-se e expandiu-se para 19 países da América Latina e do Caribe[89]. Cada uma das associações *Techo* adapta-se às circunstâncias em que está inserida, no país em que está implementada, ainda que o ideal e objetivos sejam sempre os mesmos. A situação política dos países, a forma como se desenvolvem as cidades e o território em cada um, a relação das comunidades entre si, o

86 ARAVENA MORI, Alejandro, *El lugar de la arquitectura*, Santiago de Chile, ARQ, 2002, p. 130.

87 Bairros de lata/ sem sistemas de saneamento ou qualquer tipo de infraestruturas, normalmente efémeros e situados nos arredores das grandes cidades.

88 ARAVENA MORI, Alejandro, *El lugar de la arquitectura*, Santiago de Chile, ARQ, 2002, p. 93.

89 Informação disponível em http://www.techo.org/techo/que-es-techo/, [consultado em abril de 2018].



70| *Silêncio acima do tumulto*, Carnaval, Purmamarca, Argentina, fevereiro de 2017



71| *Purmamarca*, Argentina, fevereiro de 2017

apoio de instituições parceiras, empresas, doações à associação, são alguns dos fatores que influenciam e moldam a atuação da *Techo*, em cada um dos diferentes territórios em que se implementa.

A estratégia de atuação da *Techo* assenta na fomentação do desenvolvimento das comunidades, através da melhoria das condições de habitabilidade dos moradores e o incentivo ao desenvolvimento económico e social. O estímulo da consciência e ação social, bem como a inclusão das comunidades na revisão das políticas gerais do país, para que possam adquirir consciência sobre os seus direitos e deveres e, quem sabe, fazer parte de uma mudança legislativa que quase sempre é necessária, são alguns dos incentivos trabalhados[90].

O trabalho desenvolvido pela *Techo* concretiza-se, essencialmente, nos *asentamientos* precários. Estes situam-se, geralmente, nas periferias das grandes cidades, em terrenos que foram apropriados para servirem de base para os chamados *bairros de lata* de várias comunidades.

Foi num *asentamiento* nos arredores de Montevideu que tive um primeiro contato efetivo com a organização. No Uruguai, a associação instalou-se *"precisamente quando o país saía de uma crise económica enorme. Em 2002, aqui, 30 % da população vivia abaixo da linha de pobreza. Foi a maior crise que o Uruguai teve em toda a sua história. E a organização vem, precisamente, desde o Chile, num contexto totalmente vulnerável, por isso, o que inicialmente se começou a fazer foi construir vivendas de emergência"*[91].

No que diz respeito ao modelo geral de atuação da associação, a primeira fase de envolvimento, quando se chega a um novo *asentamiento*, é um trabalho de análise das condições em que as pessoas vivem, uma recolha do que pode ser melhorado, quais as necessidades mais urgentes, a identificação dos sistemas de organização já existentes nas comunidades... Esta fase inicial de análise é fundamental para entender as necessidades reais de cada lugar e poder passar-se a uma fase seguinte. É muito importante perceber como se constituem estes bairros, que são aglomerados efémeros e, muitas vezes, bastante dinâmicos, dado que estão constantemente a ser alterados. Os terrenos onde se implantam os bairros são, usualmente, terrenos privados, mas abandonados, e as pessoas ocupam-nos de forma ilegal. É uma questão muito complicada, "*um nadar contra a corrente sempre a evitar os desalojamentos. (...) O tema da incerteza é horrível*. As pessoas *estão num lugar que não é delas e não sabem, se algum dia as podem tirar de lá. Há muitas pessoas*

90 Informação disponível em http://www.techo.org/techo/que-es-techo/, [consultado em abril de 2018].

91 ALONSO, Viviana, Diretora de departamento de zona da associação Techo em Montevideu, entre 2015 e 2017, consultar *anexos, À Conversa com Viviana Lugo Alonso*.







72-74| *Construção de Vivendas de Emergência II, Asentamiento* nos arredores de Montevideu, Uruguai, setembro de 2016

que dizem não querer fazer muito pelo bairro porque não são proprietários dos terrenos onde estão instaladas e preferem não fazer nada para melhorar uma coisa que, provavelmente, é efémera"[92]. Este é um ponto muito importante de debate para a construção da cidade e é também uma questão que influencia diretamente o trabalho das organizações como a *Techo*. Se um habitante vive num lugar constrangido por fatores exteriores a si próprio e, se a qualquer momento, poderá ter de sair do local onde se instalou, é natural que não procure investir tempo ou meios disponíveis na melhoria desse lugar, uma vez que, mais cedo ou mais tarde, poderá ser reclamado pelo dono legítimo.

Após uma fase de análise do bairro, começam-se a desenvolver soluções concretas, em conjunto com as pessoas que integram a comunidade, com o intuito de enfrentar as necessidades que foram identificadas na primeira fase do processo. No caso particular do Uruguai, esta fase encontra muitos problemas, já que implica a colaboração dos habitantes dos bairros e, por vezes, essa colaboração é difícil de ser concretizada. É um trabalho que demora bastante tempo. "*Quando se fazem atividades mais pontuais, com mais ação, aí vê-se uma maior participação. Para a parte da problematização, juntar os vizinhos, é mais difícil. Acho que isso também faz parte do mundo no qual vivemos, pois somos muito mais individualistas e gerar um sentido de comunidade não é fácil, em nenhum lugar do mundo"*[93].

As condições de precariedade das habitações são um dos grandes problemas destes lugares e, como tal, a resolução deste problema é uma prioridade. A partir do momento em que se identificam as famílias em maior contexto de precariedade[94], entram em ação os projetos que pretendem ser participativos: a construção das habitações de emergência. Este tipo de habitação é muito elementar e serve apenas para suprir as necessidades básicas das famílias que têm mais privações.

"O Design para os pobres também deve deixar-lhes opções para o futuro"[95]. Numa primeira abordagem ao trabalho da *Techo*, podem reunir-se críticas à morfologia deste tipo

---

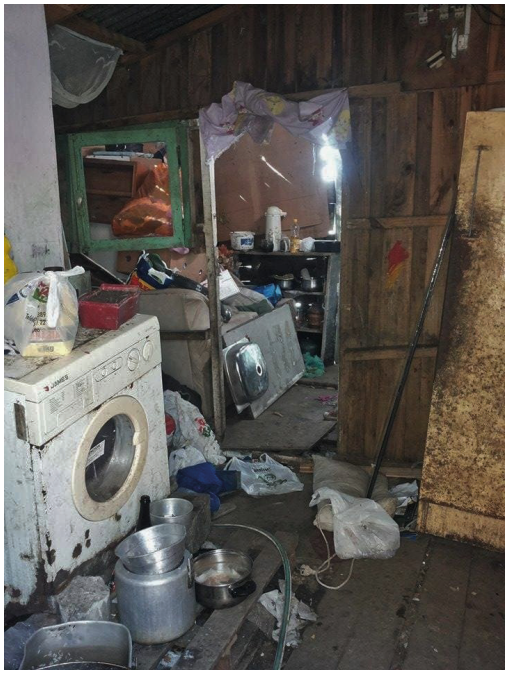
92 ALONSO, Viviana, em *anexos*, À *conversa com Viviana Lugo Alonso*, conversa datada do dia 19 de junho de 2018.

93 ibidem.

94 Para identificar estas famílias "*fazia-se um inquérito primeiro, chamado "encuesta de asignación", coordenado pela área de investigação social e perguntava-se sobre aspectos socio-económicos, composição do agregado familiar, quanto gastavam por semana, se tinham algum problema de saúde.... Havia certos requisitos base para poderem ser selecionados: ser maior de 18 anos e viver há mais de 6 meses no "asentamiento". O inquérito funcionava por pontuação, mas claro que se tinha sempre em conta a opinião do voluntário que tinha feito o inquérito e fazia-se uma síntese dos dois fatores para a escolha das famílias prioritárias."* ibidem.

95 SERAGELDIN, Ismail [editor], *The architecture of empowerment: people, shelter and livable cities*, Londres, Academic, 1997, p. 10.





75 e 76| Exemplos do interior e exterior das habitações num *asentamiento* nas periferias de Montevideu, Uruguai, setembro de 2016

de habitações, pelo facto de serem quase tão precárias quanto as já existentes. Paralelamente, se nos focarmos no conceito primário de habitação de emergência, verificamos que estas servem esse mesmo propósito emergente e que a sua utilidade se resume a um objetivo muito claro: providenciar às famílias *um teto e um chão que se mantenham secos*. Posteriormente a uma intervenção inicial, pela parte da organização, é esperado que os habitantes da casa, construída em conjunto, a desenvolvam, expandam, caraterizem, adaptem a seu gosto e consoante as suas possibilidades. Este género de intervencões podem ser apontadas como remedeio em vez de resposta a largo prazo e, na realidade, são intervenções que estão continuadamente a sofrer críticas pela sua elementaridade.

As construções são efetivadas durante os fins-de-semana, em que, geralmente, há mais disponibilidade da comunidade e também dos voluntários externos. São os designados "fins-de-semana de construção intensiva" e envolvem voluntários esporádicos, exteriores à associação, os habitantes e os voluntários que trabalham permanentemente na Techo. É preciso encarar este tipo de iniciativas como uma solução temporária, que resolve situações a curto prazo, só assim poderão justificar-se como primeira medida de intervenção.

Quanto ao caráter morfológico destes bairros, a grande maioria das casas já existentes tem apenas uma única divisão, sendo que todos os compartimentos (cozinha, sala, quartos) se desenvolvem, geralmente, num mesmo espaço. As casas-de-banho situam-se exteriormente, numa pequena divisão de madeira no recinto em volta da casa. Este recinto tende a ser partilhado por familiares, que se organizam numa mesma área e distribuem as várias habitações pelo terreno. Usualmente, existem algumas ruas nos bairros, por onde circulam as bicicletas, os carrinhos de mão e alguns camiões, quando é necessário. Nessas artérias principais, geralmente não pavimentadas, encontram-se alguns serviços, como pequenas lojas de conveniência, mecânicos, drogarias.

As construções são erguidas de forma bastante aleatória, conjugando vários tipos de materiais e formas de construção. Edifica-se com chapa e madeira, principalmente, e com objetos que se encontram espalhados pelos terrenos. As casas configuradas assemelham-se a um puzzle e os "espaços públicos" regularizados são quase inexistentes.

Em Montevideu, as pessoas vivem bastante as ruas e as praças. Não existe uma cultura de esplanada, como nos países mediterrânicos, mas a rua e os espaços públicos são lugares de estar, de permanência e não só de passagem. A cultura do *Candombe*[96], dos churrascos

96 Ritmo tradicional Uruguaio, com origens africanas, que estava, geralmente, associado a uma cultura que se desenvolveu pelos escravos que habitavam no país. Hoje em dia é quase como um movimento/dança oficial do Uruguai. Os vários grupos de Candombe formam-se e saem à rua todos os domingos, ao final da tarde, e desfilam pelas ruas de Montevideu.



77| *Senhor a tomar Mate* na cidade velha, Montevideu, Uruguai, 2016



78| *Domingo de feira em Tristán Navarra*, Montevideu, Uruguai, 2016



79| *Domingo de feira em Tristán Navarra II*, Montevideu, Uruguai, 2016

nos parques, do Tango, dos mercados, do mate[97] que se bebe em grupo, são hábitos que se desenvolvem ao ar livre e que os Uruguaios não dispensam, mesmo durante o Inverno. Nos *asentamientos,* apesar de os espaços públicos não serem organizados e se constituírem nos intervalos das vivendas, por entre amontoados de lixo e terra, também se sente essa vivência da rua, principalmente entre as crianças que estão sempre ao ar livre e os adultos que tomam mate, em conjunto, no exterior.

As intervenções da *Techo* poderiam ser uma tentativa de perpetuar e melhorar esta vivência do espaço coletivo. Muitas vezes resumem-se à construção das habitações de emergência sem consciente preocupação com a restante envolvente. Um compromisso desses teria certamente de ser a longo prazo e implicaria um trabalho muito mais aprofundado, que necessitaria, por certo, de mais apoios para além do trabalho de uma ONG. Apesar do trabalho ser contínuo e de a associação assumir os encargos dos projetos realizados de forma consecutiva, existe ainda uma lacuna muito grande no que diz respeito à qualidade das intervenções, à durabilidade das infraestruturas construídas, à pertinência dos investimentos e às relações entre a comunidade e os voluntários. Por isso, quando se visitam e se trabalha nos *asentamientos*, encontram-se no território as intervenções da associação de forma muitas vezes aleatória. "*A questão do construir/desenvolver urbanismo nestes locais é difícil"*[98]. As metas a longo prazo, no caso do Uruguai, significavam uma proposta de um ano[99] o que não é, efetivamente, a situação ideal, num trabalho deste género.

Baeza utiliza uma metáfora entre o tempo que se necessita para fazer Arquitetura e a cozedura do arroz[100], comparação que se pode facilmente relacionar com o tema em debate. "*A Arquitetura necessita de um tempo certo para se fazer bem"*[101]*,* assim como o arroz, que tem o seu tempo preciso para estar perfeito. Não importa o local onde esteja a ser cozinhado. A participação é, também ela, um fenómeno que leva o seu tempo a construir. Gerar comunicação entre as comunidades e intervenientes exteriores é um processo moroso, que precisa de ser trabalhado de vários modos e, fundamentalmente, de adaptar-

---

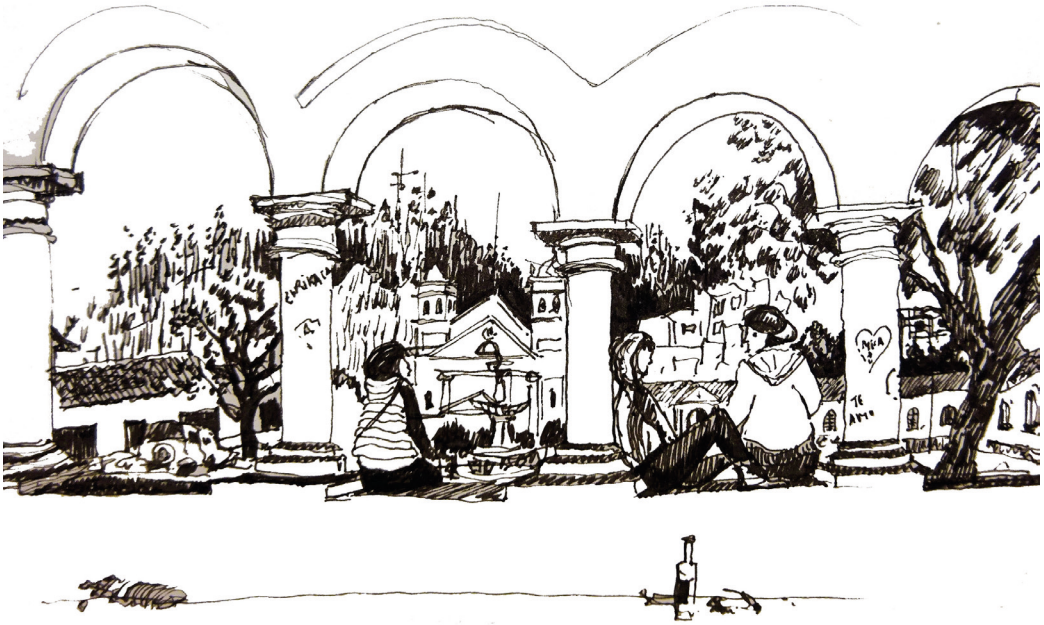
97 O mate é um dos elementos culturais mais importantes do Uruguai e da Argentina. É uma espécie de chá, tomado num recipiente, tradicionalmente feito com a calabaça, que se toma através de uma bombilha que só deixa passar a água a ferver aromatizada. O *tomar mate* é considerado um ritual partilhado. Quem tem o mate, se está num grupo, vai passado o recipiente entre todos, seja nas aulas, no trabalho, num grupo de amigos sentados num parque, até entre desconhecidos.

98 ALONSO, Viviana, em *anexos*, À *conversa com Viviana Lugo Alonso*, conversa datada do dia 19 de junho de 2018.

99"*Como profissional da área social, acho que se precisa de ter metas a curto, médio e longo prazo, mas o longo prazo, nestes casos, era um ano.*" ibidem.

100 BAEZA, Alberto Campo, *La idea construida. La arquitectura a la luz de las palabras*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1998, p. 26.

101 ibidem.



80| *Descanso ao fim da tarde num miradouro,* Sucre, Bolívia, 2017



81| *Pescar en los atardeceres,* Montevideu, Uruguai, 2016

se às circunstâncias. Para a construção da participação não existe fórmula matemática, dado que depende sempre de vários fatores e das pessoas envolvidas em cada situação.

No *modus operandi* da *Techo* procura-se trabalhar este sentido de comunidade, entre os habitantes dos bairros e todos aqueles que com eles se relacionam. Assim, todas as semanas os voluntários permanentes e os responsáveis das comunidades reúnem-se para identificar prioridades e para planear futuras intervenções[102].

No que concerne aos temas discutidos nas mesas de trabalho semanais, em Montevideu, a associação centra-se na produção de estratégias para a melhoria do desenvolvimento comunitário e na projeção das habitações de emergência[103].

Alguns programas iniciados pela associação relativos à educação, à capacitação dos habitantes dos bairros, ou mesmo a atribuição de microcréditos às pessoas (para que pudessem criar os seus próprios empreendimentos), foram excluídos do modelo de trabalho no país. Este género de programas, que começaram por ser uma das bases do funcionamento das associações *Techo*, segundo o modelo geral de operação nos vários países, e que permitiam uma integração contínua dos voluntários nas comunidades, já não estão ativos. Propiciavam um ambiente de procura, trabalho, de pro-atividade que seria imprescindível para o desenvolvimento dos *asentamientos* e das pessoas que neles vivem. Na prática, estes programas não chegaram a alcançar os resultados esperados, e consequentemente, foram eliminados. Não se viram melhorias nas condições de vida dos habitantes ou impacto real na vivência das famílias após os cursos de capacitação.

"*A utopia deve ser experimentalmente considerada, estudando no terreno as suas implicações e consequências.*"[104] Geralmente, um ideal utópico, quando confrontado com uma realidade, só persiste se houver preparação suficiente *a priori* para o implementar. Se não existe essa preparação prévia e continuada, ou a disposição de todos os intervenientes, neste caso tanto dos habitantes como dos voluntários, a ideias podem resultar em desilusões. Não se consideram os programas que foram eliminados do modo de atuar da asso-

---

102 "*normalmente eram reuniões semanais, ao fim de semana, que é quando os vecinos e os voluntários têm mais disponibilidade. Quase sempre ao sábado às 4 da tarde. Usualmente realizavam-se num centro comunal, que é um espaço formado por duas vivendas de emergência juntas. Alguns asentamientos já têm algum lugar designado de centro comunal e aí reúnem-se os coordenadores dos bairros, que normalmente são dois, e os vecinos para debater problemas. Mas dependia muito dos bairros. Em alguns reuniam-se de 15 em 15 dias, noutros, ao sábado eram as reuniões e aos domingos havia alguma actividade. Dependia muito da realidade de cada bairro; ia-se adaptando conforme era necessário. "*ALONSO, Viviana, em *anexos,* À *conversa com Viviana Lugo Alonso*, conversa datada do dia 19 de junho de 2018.

103 "*Agora, os enfoques de trabalho são a construção das vivendas de emergência e o desenvolvimento comunitário, com as reuniões e mesas de trabalho."* ibidem.

104 LEFEBVRE, Henri, *O Direito à cidade*, Lisboa, Estúdio e Livraria Letra Livre, 2012, [primeira edição 1968], p. 112.





82 e 83| *Iniciativas da Un Techo para mi País no terramoto de 2010, Chile*

ciação como utópicos. Julga-se que, no local e no momento em que foram introduzidos, talvez não tenham tido o apoio e condições para que pudessem seguir adiante e obter os resultados esperados.

Como última etapa nas expectativas da associação, está a implementação de soluções definitivas nos *asentamientos* precários. Através do trabalho feito nas fases anteriores, que se pretende desenrolar durante vários anos, e através de iniciativas como a instalação de infraestruturas na comunidade, a integração dos habitantes dos bairros na restante sociedade do país, a capacitação de mais pessoas para que possam providenciar o sustento para os seus, a regularização das propriedades. Esta última etapa ainda pertence ao campo da utopia, pelo menos no caso da associação no Uruguai.

O trabalho desenvolvido pela associação varia, de um país para outro, consoante as condicionantes de cada situação. Torna-se bastante complicado gerir todos os entraves com que a associação e os habitantes lidam para implementar os projetos de forma equilibrada, e para que todas as partes envolvidas neste processo possam desfrutar dos seus benefícios.

Pudemos compreender, através da conversa com a Viviana Alonso[105], que a associação no Chile trabalha já a outros níveis, talvez com métodos mais aperfeiçoados do que no Uruguai e na Argentina, e com a colaboração do Estado em algumas iniciativas. No entanto, apesar de inicialmente se considerarem uma inovação em relação às estratégias de atuação nos outros países, alguns programas de regularização dos bairros no Chile foram alvo de várias críticas, pois estas intervenções começam a ser feitas "*em zonas em que não vive ninguém*"[106], sem fácil acesso a infraestruturas. Neste caso, a regularização dos bairros refere-se ao processo de realojar os habitantes dos *asentamient*os em bairros pré-construídos, feitos em massa, sem a intervenção, consulta ou poder de decisão permitida seus futuros habitantes.

Com este género de regularização dos bairros segue-se a estandardização e um trabalho que se concretiza de forma mais impessoal, por vezes sem o envolvimento dos futuros habitantes. "É errado que os pobres estejam sempre ausentes do processo e que "*os arquitetos e profissionais presumam saber melhor o que as pessoas necessitam, mas, normalmente aos resultados falta sentido de humanidade e falham em providenciar mais do que simples abrigo e infraestruturas (água, saneamento e eletricidade). Espera-se que os pobres se ajustem ao ambiente providenciado"*[107]. Sendo o desenvolvimento comunitário

105 Consultar *anexos*, À *conversa com Viviana Lugo Alonso*, conversa datada do dia 19 de junho de 2018.

106 ALONSO, Viviana em *anexos,* ibidem.

107 SERAGELDIN, Ismail [editor], *The architecture of empowerment: people, shelter and livable cities*, Londres, Academic, 1997, p. 9.



84| *Untitled (Ghardaia) 2009,* ATTIA, Kader, exposição na Tate Modern, em Londres, inserida no tema Living Cities. *"Na mesa, uma maquete da antiga cidade da Algéria, feita com couscous. Uma das fotografias na parede representa o Arquiteto Suíço-Franco Le Corbusier, que visitou Ghardaia em 1931 e adaptou elementos dos seus edifícios nos seus projetos. Outra fotografia mostra Fernand Pouillon, um dos seguidores de Le Corbusier, que utilizou essas ideias para desenhar o projeto de habitação social na Paris suburbana, onde Attia cresceu, como criança de pais Algerianos. A história do artista e a complexa relação pós colonial entre a Algéria e França, são portanto expressas através deste trabalho."* Por baixo desta legenda, na exposição, havia outro mostrador que dizia o seguinte. *"Porquê produzir algo que não durará?" A reflexão que fica da visita a esta exposição relaciona-se com o tema em debate, sendo a efemeridade das intervenções um tema a repensar.*

uma das bases da *Techo*, este tipo de crescimento numa direção padronizada faz diluir a intenção original da associação.

O ideal da *Techo* está, inequivocamente, relacionado com a arquitetura, ainda que os voluntários sejam maioritariamente profissionais das áreas sociais e não arquitetos ou engenheiros, como acontece na associação portuguesa *Just a Change.* A arquitetura está sempre relacionada com a vida e com a sociedade, e na *Techo* luta-se para construir e melhorar a cidade e as condições do *habitat* sendo que isto tem sempre a ver com o trabalho dos arquitetos. Para um estudante de arquitetura, a descoberta deste género de associações pode ser uma experiência que lhe permite ganhar consciência, para aprender aquilo que não se aprende dentro de uma sala de aula porque, nas palavras de Rossi, "*se há grandes arquitectos, são apenas os que estão ligados ao povo ou à nação"*[108] já que "*a vida é mais forte que a arquitectura*"[109].

> *"Concebo a arquitectura em sentido positivo, como uma criação incidível da vida civil e da sociedade em que se manifesta; ela é, por natureza, colectiva. (...) a arquitectura é, assim, congénita com a formação da civilização e um facto permanentemente, universal e necessário."*[110]

Considerando e analisando todas as críticas que se podem apontar ao trabalho da associação e tendo em vista tudo o que se pode concretizar posteriormente, podemos encará-lo como um pequeno passo para a procura de soluções definitivas de urbanização e regularização das condições de habitar das famílias que vivem nos *asentamientos*.

---

108 ROSSI, Aldo, *Autobiografia Científica*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1984, p. 78.

109 ROSSI, Aldo em *Nota à 2ª Edição* de José Charters Monteiro em ROSSI, Aldo, *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa, Edições Cosmo, 2001, p. 10.

110 idem, p. 31.

Instante V
ou o desafio

Hoje visitamos a faculdade de arquitetura de Marraquexe. Saí da Medina sozinha e dirigi-me aos arredores da cidade, seguindo as indicações que o Bertrand e a Elsa, dois estudantes Franceses, me haviam passado na noite anterior. Andei perdida, num pergunta aqui e ali que já começava a cansar, até que encontrei o lugar. Não parecia uma faculdade. Um pátio, circundado por edifícios em três dos seus quatro lados, com uma grande árvore ao centro. Muito pequeno, o espaço, quase parece um jardim de infância. Entrei, cumprimentei os professores que estavam no pátio e que me apontaram uma das salas ao fundo, e encontrei os estudantes franceses, que já tinha conhecido na noite anterior, a conversar com os marroquinos. Estes últimos, os marroquinos ficaram muito entusiasmados por me conhecer, já que eu falava Inglês, e eles queriam praticar o idioma. Eram três raparigas, que frequentavam o primeiro ano do curso, e o Konga, um rapaz que vinha do Togo, e estava já no terceiro ano. Depois de uma breve introdução aos espaços da faculdade, fomos almoçar juntos. A Yasmine e a Nour indicaram-nos o caminho, até um dos restaurantes onde costumavam ir. Achei o lugar bastante agradável e a comida bastante acessível. Pelo equivalente a três euros, comíamos o menu do dia, um prato enorme com bebida. Em conversa comigo, o Konga disse algo que me deixou a refletir, durante muito tempo: " se eu viesse aqui comer todos os dias, esgotava a minha bolsa de estudos numa semana".

Marraquexe, 22 de janeiro de 2018

A relativização, num mundo com disparidades tão grandes, é um conceito importante. Aquilo que para mim, e para os outros estudantes seria um dado adquirido, certamente não o era para o Konga.



Deambular pelo Kasbah, Kasbah de Ait Ben Heddou, Oaurzazate, Marrocos, 2018

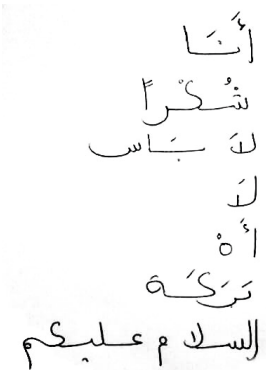
Tamesloht é uma aldeia a cerca de 30 minutos da medina de Marraquexe, muito pequena e com um kasbah (fortaleza) no centro. Não há muita gente a visitar a aldeia e os únicos estrangeiros que recebe somos nós. É uma aldeia que tem uma tradição fortemente assente na produção de cerâmicas. A primeira vez que entramos na aldeia, fomos guiados até ao Centro Fiers et Forts por um miúdo que estava na rua e falava francês. No final, quando chegamos à entrada do centro, ele estendeu a mão e demos-lhe algumas moedas. Sorriu como eu nunca tinha visto ninguém sorrir depois de receber algo.

-

O centro onde trabalhamos acolhe crianças que, por alguma razão, não têm ninguém disponível para tomar conta delas. Acolhe-as, educa-as e apoia-as até que sejam autosuficientes. Os miúdos estão sempre dispostos a virem dizer um "olá" e a distribuir abraços, assim que entramos pela porta. A comunicação não é um problema porque quase todos têm um nível muito elevado de francês.

-

O "chantier", local de trabalho, tornava-se muito dinâmico porque havia sempre braços a mexer e, por vezes, até era difícil encontrar trabalho para todos. As crianças do centro insistiram em participar numa grande parte do processo. Mal chegávamos ao centro, logo de manhãzinha, vinham ao nosso encontro e pegavam imediatamente numa pá ou numa enxada. Queriam sentir que estavam, de facto, a fazer parte daquele projeto.



ana=eu=je

shucran=obrigada=merci

la base=tudo bem= ça va

lá=não=non

àh=sim=oui

baraka=terminou=c'est fini

salamalicum=bom dia=bon jour

Sobre as coisas que se aprendem entre projetos:

O alfabeto árabe escreve-se da direita para a esquerda.



Será a porta para os gatos?, Palais Bahia, Marraquexe, Marrocos, 2018



Entrada para o deserto, Merzouga, Marrocos, 2018

A paisagem é tão seca!
São mil grãos de areia
Que se estendem pelo
Horizonte...
Essa linha plana que separa
a terra do céu...
O azul clarinho,
reflete os tons desérticos do solo;
E o verde espreita,
por entre as pedras
em pequenos tufos tímidos

4 de fevereiro de 2018

Aqui também se vendem objetos nos autocarros. Vendem-se ervas, lenços, qualquer coisa que se carregue facilmente. Em Tétuan, as crianças pedem dinheiro pelas ruas... As mulheres usam trajes compridos e a cabeça coberta. Muitos falam diversas línguas; muitos têm telemóveis, que passeiam de um lado para o outro, sempre agarrados às mãos. Tirando a religião, e a mentalidade que a acompanha, são um povo igual ao português.

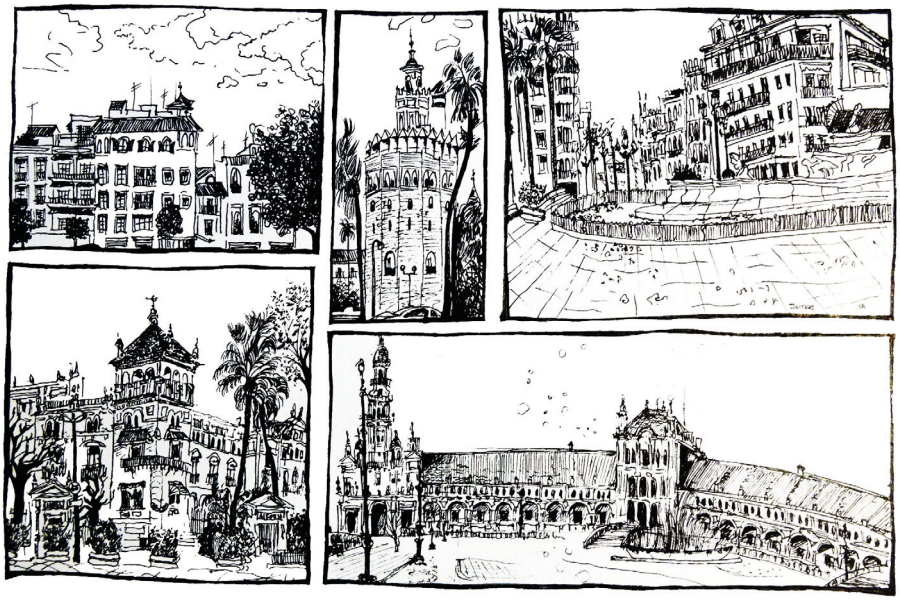
8 de fevereiro, no caminho para Tânger



A cidade azul, Chefchaouen, Marrocos, 2018



Kasbah de Ait Ben Heddou, Marrocos, 2018



Ao regressar, Sevilha reserva-nos surpresas, Praça de Espanha, Sevilha

Há mãos capazes desses e de outros
maiores prodígios, disse o médico.

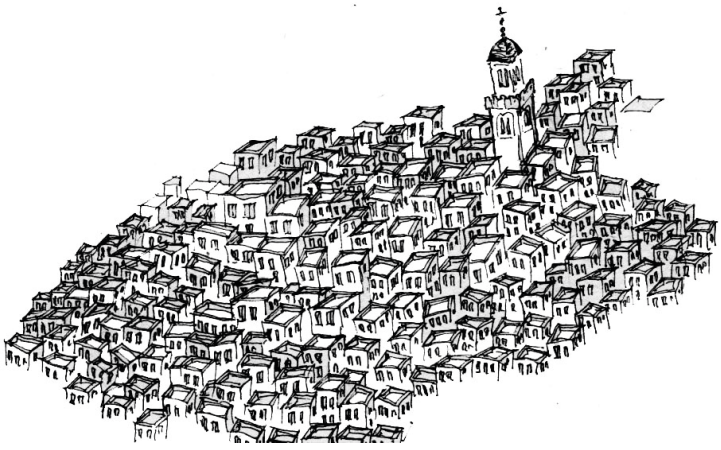
José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira*



85| *"Recordo a ausência de ansiedade.",* Kasbah Taourirt- Ouarzazate, GRADE, José



86| *"---e uma curiosidade recíproca...",* Boulmane do Dadés, GRADE, José



87| *Desenho de memória da Medina de Marraquexe, Marrocos*

MARROCOS E O CHANTIER
os pés na terra

> *"Repara nas formas como constrói o camponês. Pois são da substância acumulada da sabedoria dos antepassados. Mas procura o porquê da forma. Se os avanços da técnica tornaram possível melhorar essa forma, empregue-se sempre essa melhoria." (...) "Sê veraz A natureza só se vincula com a verdade." (...) "Pois a verdade, ainda que tenha centenas de anos, tem mais relação íntima connosco que a mentira que avança ao nosso lado."*[111]

Existe, cada vez mais, no universo dos arquitetos, a vontade de retomar tradições esquecidas, de regressar às origens. O resgate dos métodos tradicionais de construir pode ser um complemento relevante para os arquitetos dos nossos dias. Aravena, com esta citação, procura chamar a atenção para a importância de observar as técnicas tradicionais, os métodos de fazer já testados, durante séculos, para a aprendizagem da profissão.

A faculdade de Arquitetura de Tournai, na Bélgica, iniciou um projeto denominado *Ingénieux-Sud* em que os estudantes são incentivados a complementar a sua formação com experiências extracurriculares, tendo como base a arquitetura e a construção, e realizando os projetos com a supervisão de algum professor. Estes projetos constituem-se sempre colaborações entre a faculdade e alguma associação, faculdade ou ONG noutro país. No seu desenvolvimento, o objetivo principal é deixar que os estudantes sejam responsáveis pela elaboração, gestão, construção e acabamentos, ainda que cada projeto possa ser bastante simples.

Foram feitas duas intervenções em Marrocos, uma em 2017 e outra no início de 2018. Os projetos foram desenvolvidos em colaboração com o centro *Fiers et Forts*, situado na aldeia de Tamesloht, e o professor responsável pela sua supervisão é o arquiteto Quentin Wilbaux. Foi com a intenção de participar na concretização do projeto que se fez em 2018, que eu viajei até Marrocos.

Em 2017, os estudantes da faculdade de arquitetura de Tournai tinham edificado um *hammam*[112] tradicional. Recorreram a ajuda externa, dos artesãos da aldeia, para fazer a estrutura do projeto com canas facilmente conseguidas nos arredores. Toda a estrutura do projeto foi elaborada pelos artesãos que, em seguida, orientaram os estudantes nos processos que se deveriam seguir para concluir a "casa" de banhos tradicional[113].

---

111 ARAVENA MORI, Alejandro, *El lugar de la arquitectura*, Santiago de Chile, ARQ, 2002, p.105.

112 "*Hammam (amam) n. m.* Estabelecimento de banhos*, no Oriente"*, *Larousse de Poche*

113 Informação disponível em https://ingesudmaroc.wixsite.com/maroc2017, [consultado em maio de 2018].



88| *Percurso até ao Centro Fiers et Forts,* Tamesloht, Marraquexe, Marrocos



89| *Kasbah abandonado da Vila,* Tamesloth, Marraquexe, Marrocos



90| *Vista para as montanhas do alto Atlas, Centro Fiers et Fors, Tamesloth, Marraquexe, Marrocos*



91| *Marraquexe e os seus contrastes,* Marraquexe, Marrocos

Em 2018, o projeto que se pensava fazer era uma secção de jogos/entretenimento para as crianças do centro. Uma vez chegados ao local, os estudantes de Tournai, os de Marraquexe, e eu ouvimos a nova proposta da Dorinne, a responsável do centro, para a nossa intervenção no lugar.

Para chegar ao centro *Fiers et Fors* é preciso atravessar Tamesloht de um lado ao outro, desde a rotunda onde se é deixado pelo autocarro. Passa-se por algumas ruelas e pela praça do mercado, em terra batida e deserta, quando não é sexta-feira, e chega-se aos arredores. A paisagem é predominantemente em tons terra e, ocasionalmente, algumas palmeiras sobressaem nesta monotonia cromática. O centro está rodeado por um muro de cor de argila e é um lugar muito organizado. Vários pavilhões distribuem-se pelo terreno e são rodeados por jardins ao cuidado das crianças acolhidas, voluntários e professores que lá trabalham. Os pavilhões são construídos em alvenaria tradicional, mas são revestidos com um reboco feito com terra e palha.

À primeira vista, não parece faltar nada essencial ao pleno funcionamento do centro. Tem salas de aula, várias camaratas onde as crianças dormem, casas de banho, cozinha, sala de jantar, salas de estudo, um campo de futebol, hortas e jardins, um terraço, o *hammam* que se havia edificado em 2017, em suma, infraestruturas boas para acomodar 105 crianças e as pessoas que por elas estão responsáveis[114].

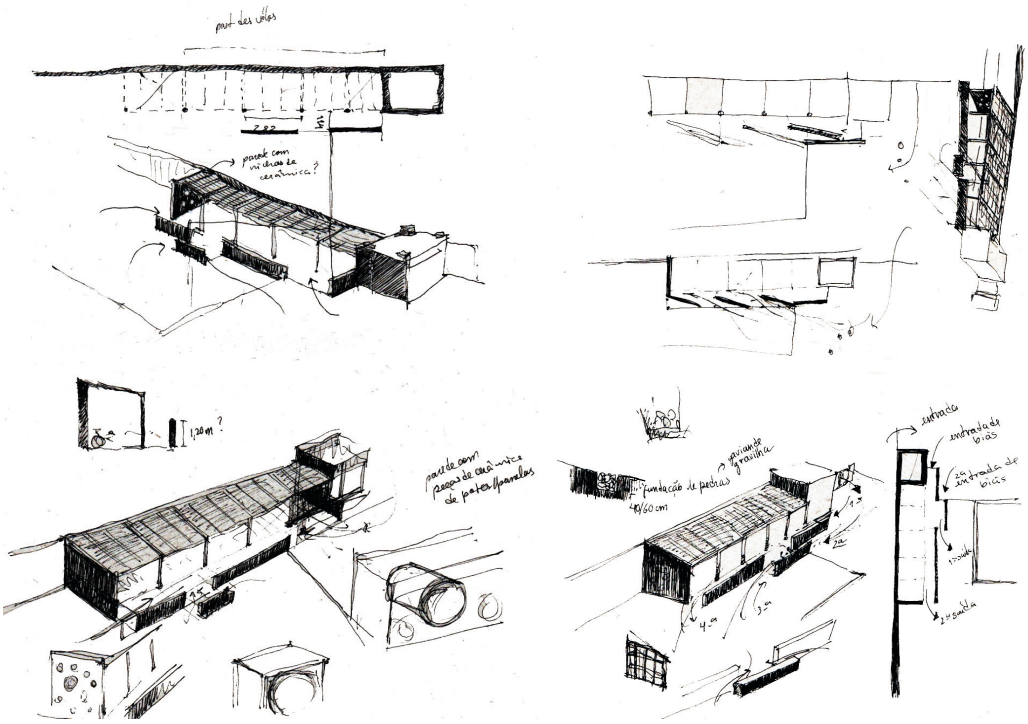
Existia um espaço, pouco definido na perspetiva da Dorinne, que postulava uma intervenção. À entrada no centro, junto ao parque de estacionamento dos carros, de 2/3 lugares, um espaço coberto onde se amontoam as bicicletas das crianças, é ladeado pelos contentores do lixo. A esperança da Dorinne seria arranjar uma forma de modificar aquele espaço, organizando-o para que as crianças mantivessem as bicicletas arrumadas e se conseguisse retirar os contentores daí. O centro funciona com a colaboração de vários investidores de todo o mundo e, para estes colaboradores, a aparência do lugar também é importante. Percebida a intenção da "cliente", começou-se imediatamente a ponderar o desafio.

> *"A participação medeia todo o processo projetual desde a concepção, até à concretização e à vida que se apropria do projeto. Este torna-se, deste modo, experimental e pressupõe um compromisso maior do que o simples ato creativo."*[115]

É precisamente nesta ideia que assenta o pretexto para a realização deste género de iniciativas num contexto de aprendizagem. Enquanto que numa sala de aula, num auditório ou no abrigo de casa, se podem projetar e criar milhões de possibilidades, quando se projeta para um lugar real, e se confronta o projeto *in situ,* tem-se uma experiência

114 Informação disponível em http://centrefiersetforts.com/?lang=en, [consultado em agosto de 2018].

115 CARLO, Giancarlo de, *L'Architettura della Partecipazione*, Macerata, Quodlibet, 2015, p. 19.



92| *Primeiros esboços,* Tamesloth, Marraquexe, Marrocos

muito mais completa, porque o desafio engloba inúmeras condicionantes que, nas primeiras opções, não teríamos. Daí serem, os projetos que envolvem participação, uma forma de instrução muito abrangente e, ao mesmo tempo, desafiante.

"*A vida não é a recepção daquilo que se passa fora; mas pelo contrário, consiste em pura actuação; viver é intervir*"[116]. Já defendemos que a *observação* é parte essencial da educação de um arquiteto. Também a prática, o experimentar, o intervir, são suportes basilares da vida e da arquitetura.

Principiou-se o projeto: tiraram-se fotografias e mediu-se o espaço, e cada um iniciou a sua possibilidade. Decidiu-se começar a imaginar alternativas para o projeto de modo individual, numa primeira fase. Logo depois, primeiras ideias e conceitos postos sobre o papel, o grupo reuniu-se e começaram a debater-se as ideias e os desenhos que tinham surgido através de uma curta análise do espaço. A partir das sugestões de cada um, arquitetou-se uma ideia geral para apresentar à Dorinne. Trabalhar em conjunto não foi tarefa fácil, principalmente com um grupo recém-formado e composto por elementos de diferentes nacionalidades, com idiomas maternos distintos e idades um tanto díspares.

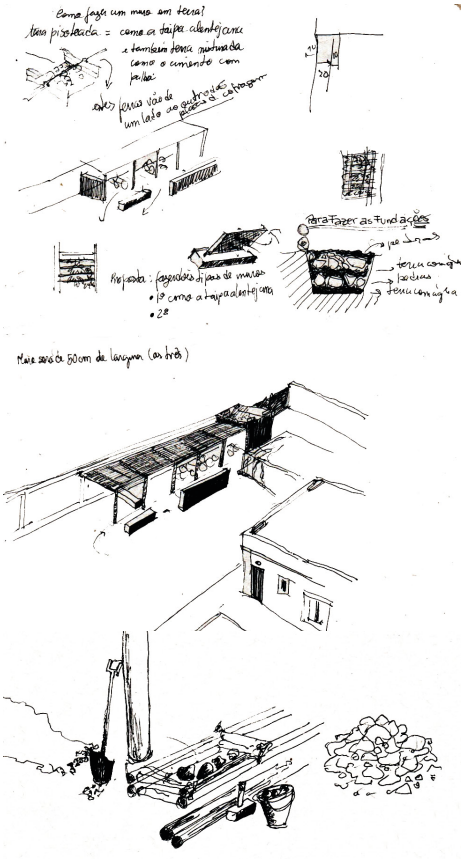
O grupo compunha-se por pessoas de cinco nacionalidades. Duas portuguesas, franceses, belgas, marroquinos e um estudante do Togo. Conjugar ideias de pessoas com antecedentes e educações tão diferentes não poderia ser menos do que desafiante, ainda que o projeto fosse bastante elementar. No terraço de um dos pavilhões em que se organiza o centro, as ideias foram discutidas e questionadas. Pediu-se a opinião à Dorinne e chegou-se a uma solução. Iriam fazer-se alguns muros de terra comprimida para delimitar o espaço das bicicletas e uns bancos para as crianças se sentarem e trocarem de calçado quando chegassem do exterior, e ainda uns compartimentos onde pudessem armazenar os capacetes e sapatos.

Quando se tem a derradeira experiência de trabalhar no terreno confirma-se que a imaginação é muito diferente da vontade da concretização. Mais ainda quando se têm recursos, contactos e tempo limitados.

As medidas dos muros que se decidiram construir não correspondiam às medidas das cofragens existentes. A partir do momento em que houve o confronto com as condicionantes dos utensílios à disposição, as decisões tiveram de ser tomadas de acordo com os materiais disponíveis. A funcionalidade ou pertinência do desenho dos muros e banco foi questionada várias vezes e acabou por se começar a construir algo diferente ao que havia sido inicialmente acordado entre a maioria dos estudantes e a Dorinne. Neste processo de descoberta de uma solução, as ideias de algumas crianças, também foram consideradas,

116 ORTEGA Y GASSET, José, *Notas de andar e ver: Viagens, gentes e países*, Lisboa, Fim de Século, 2007, p. 105.







93-95| *Decorrer da obra,* Tamesloth, Marraquexe, Marrocos

já que seriam estas a usufruir dos espaços.

O caráter participativo deste projeto esteve quase exclusivamente relacionado com a integração de intervenientes exteriores ao lugar destacando-se os estudantes de arquitetura que nele participaram. Sendo de curta duração, duas/três semanas, a sua funcionalidade complementou-se pelo caráter pedagógico, permitindo aos estudantes tomarem como encargo um projeto em todas as etapas do seu desenvolvimento.

Para além destes integrantes, houve um breve envolvimento da população local, através da cedência e préstimo de alguns materiais. Esta relação de entreajuda foi muito mais escassa em comparação com a experiência do projeto feito em 2017, o *hammam*, em que os artesãos da aldeia intervieram no processo de construção.

Todo o projeto deveria ser concretizado ao menor custo possível, se possível a custo zero. Daí a necessidade de condicionamento aos materiais disponibilizados, quer pelo centro, pelos professores da faculdade de Marraquexe, ou por artesãos de Tamesloth. Estando o desafio na concretização do projeto com poucos recursos e, dado o pouco tempo que se tinha, sujeitos à capacidade de improvisação e de tomada de decisões de último minuto, decidiu-se a solução final e a obra começou-se.

Poder-se-ia criticar esta tomada de decisões repentinas, que contrariaram a decisão inicialmente acordada pelo grupo. A largura dos muros e a sua disposição final não seria, pragmaticamente, a melhor solução para facilitar a passagem das crianças com as bicicletas. Possivelmente, se o tempo não fosse escasso e os recursos ilimitados, ter-se-iam tomado outro tipo de decisões. No entanto, gerindo todas as condicionantes que iam aparecendo, e tentando não estagnar numa procura interminável por soluções que conjugassem a funcionalidade e os recursos disponíveis, o trabalho prático foi iniciado. Escavaram-se os buracos para as fundações dos muros e procuraram-se pedras de certa dimensão para as várias camadas da fundação.

Em Marrocos existe uma tradição muito forte de construção em terra. É um material em abundância e os costumes e técnicas antigas aliam-se às invenções modernas para prosseguir com este costume. Um pouco por todo o país, existem cidades inteiras construídas em terra[117]. Sendo que este material, e as técnicas de construção que o integram, são parte da cultura do país, há muita gente que está informada e consciente dos processos de construção com terra.

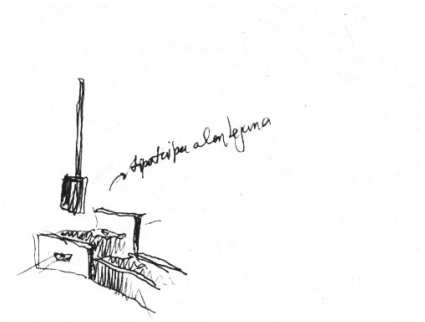
Foi com a ajuda da Dorinne que conseguimos um dos nossos guias para nos ajudar a tomar decisões sobre os procedimentos da construção. O filho do porteiro do centro, já tendo algum conhecimento de todo o processo de construção em terra comprimida, ajudou-nos a perceber como começar e prosseguir com as fundações. Uma camada de terra bem húmida, quase

117 Por exemplo o *Kasbah de Ait Ben Heddou*, em Ouarzazate, inserido na lista do património mundial da Unesco.

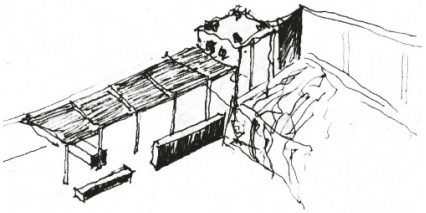




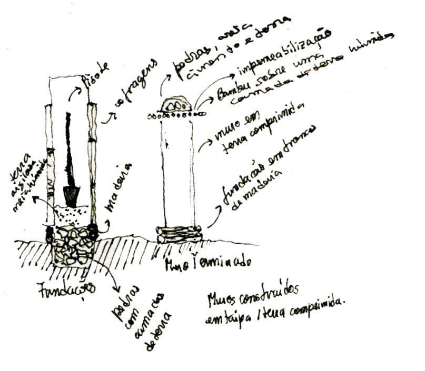












96-101| *Decorrer da obra II,* Tamesloth, Marraquexe, Marrocos

lama e pedras até que cobrissem a camada de lama, mais outra camada de lama, outra camada de pedras, e assim sucessivamente, até atingir uma altura de 15 centímetros acima do nível do solo.

"Portanto, os gestos multiplicam o conhecimento, com uma variedade de toques e contornos de que um hábito milenar nos esconde a capacidade inventiva"[118]. As mãos de todos juntavam-se para repetir o que viam os mais experientes fazer. "*A mão é ação: apreende, cria, e por vezes dir-se-ia mesmo que pensa"*[119]. As mãos de todos os participantes, incluindo as das crianças, metidas na terra, segurando pedras e enxadas, misturavam ingredientes e iam dando forma a uma ideia, ou a várias.

A partir do momento em que a sobreposição das camadas atingiu o nível do solo, era preciso criar um limite, para os restantes 15 centímetros de fundação. No dia em que se chegou a esse ponto ainda não estavam disponíveis as placas das cofragens, e foi necessário arranjar uma solução alternativa. Uns troncos extensos que estavam inutilizados nos jardins do centro foram convertidos numa espécie de mini-cofragem para os 15 centímetros de fundação que faltava.

Terminadas as fundações, enquanto não chegavam as cofragens, fomos recolhendo e armazenando no local terra para os muros. A terra, para a construção do muro com o método do *pisé coulé (taipa),* teria de ter algumas características específicas, e certos graus de humidade e argilosidade. Geralmente, o tipo de solo mais adequado para a construção em taipa é um solo mais arenoso. " *A maioria dos estudos indicam que os solos apropiados para a taipa devem ter baixa quantidade de lama, pouca matéria orgânica e, na sua composição, cerca de 30% de argila e 70% de areia"*[120].

Descobrimos, através dos conselhos dos professores de Tournai e Marraquexe, que, misturando terra de mais de um lugar conseguíamos obter o tipo de material que nos aconselharam para a técnica com a qual queríamos construir. Maioritariamente, a terra que recolhemos foi dos terrenos adjacentes ao centro.

> *"O tacto abraça os objectos, sente o seu volume, acaricia-os. Tocar é sempre um como que possuir, e vice-versa, a possessão plena é sempre um ter sob a mão"*[121]. Através do tato, foi-se percebendo o tipo de terra mais adequada.

Logo que as cofragens chegaram, com um dos professores da ENAM que nos iria ajudar durante o restante processo, começou-se efetivamente o processo de construção. Criou-

---

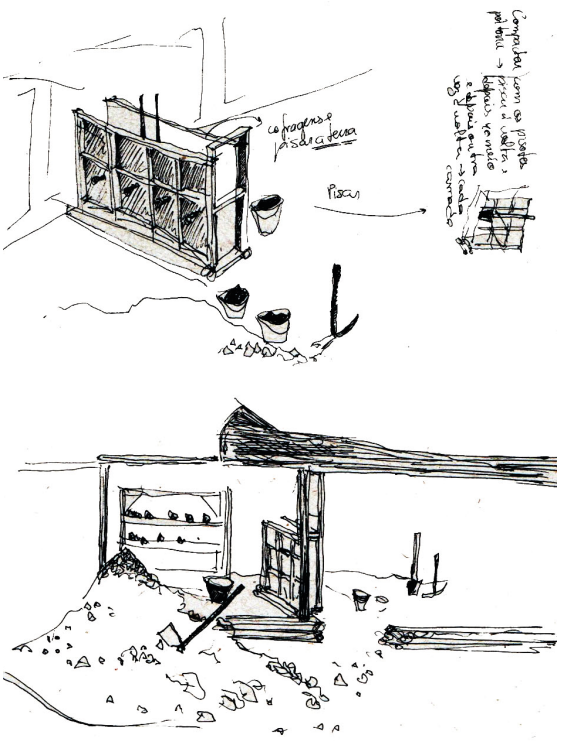
118 FOCILLON, Henri, *A vida das formas seguido de Elogio da mão*, Lisboa, Edições 70, 2016, p. 103.

119 idem, p. 100.

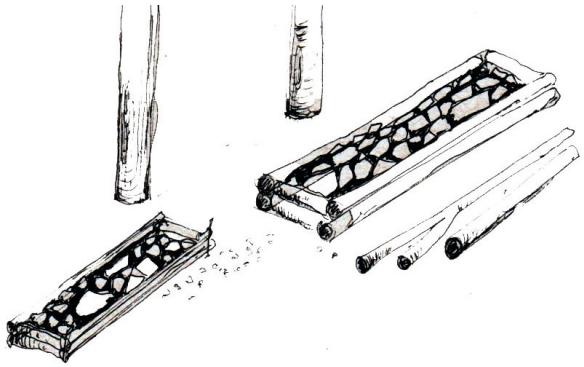
120 NEVES, Célia, BORGES FARIA, Obede, *Técnicas de construcción con tierra*, São Paulo, FEB-UNESP/PROTERRA, 2011, p. 50.

121 ORTEGA Y GASSET, José, *Notas de andar e ver: Viagens, gentes e países*, Lisboa, Fim de Século, 2007, p. 83.











102-105| *Decorrer da obra III,* Tamesloth, Marraquexe, Marrocos

-se um sistema de trabalho por grupos, mais ou menos organizado, e com as tarefas em rotatividade: os que estavam entre as cofragens a "pisotear" o muro que ia crescendo; os que passavam a terra nos baldes e sacos para os primeiros e, por fim, os que continuavam a trazer mais terra e a transformá-la até que estivesse pronta para pôr nos baldes. A terra tinha de estar sempre a ser remexida e molhada, para que a consistência fosse sempre a mesma entre todas as camadas dos muros. Terminou-se o primeiro muro e procedeu-se à primeira descofragem. O processo repetiu-se mais quatro vezes, sempre no mesmo sistema rotativo de tarefas.

> *"A participação é una questão de educação. Uma forma de encontro entre quem projeta e quem habita, para definir (ou mesmo só abordar) uma ideia de comunidade através da arquitetura e da sua concreta realização ou autoconstrução"*[122].

Quando terminados todos os muros e, já com o local de trabalho mais arrumado, tinha de se tomar uma decisão quanto à cobertura e camada superior dos muros, para que não ficassem sujeitos às intempéries e à fácil erosão. Decidiu-se que a melhor forma de criar uma camada protetora para a parte final do muro seria com bambu, uma película impermeabilizante por cima, e uma cobertura de cimento, areia e pedras por cima desta camada impermeabilizante. Quando se tomou a decisão de terminar os muros desta forma, sabia-se que isto teria um custo, mas um custo necessário. Comentou-se esta ideia com a Dorinne e ela concordou com o preço a pagar pelos materiais que não se poderiam conseguir localmente.

Terminaram-se os acabamentos e deu-se por concluída a obra. A experiência de mergulhar as mãos na terra, durante as várias fases de construção, foi libertadora e vivenciada por todos integrantes do projeto.

> *"A ação da mão define o vazio do espaço e o cheio das coisas que o ocupam. Superfície, volume, densidade, peso, não são fenómenos óticos. É com os dedos, é na concavidade das mãos, que o homem primeiro os conhece. Mede o espaço, não com o olhar, mas com a mão e o passo. O tato enche a natureza de forças misteriosas."*[123]

> *"O artista que desbasta a madeira, que bate o metal, molda a argila, talha o bloco de pedra, faz reviver até nós um passado do homem, de um homem antigo, sem o qual não existiríamos. Não é admirável ver perfilar-*

---

122 *"La partecipazione* è *una questione d'educazione, un modo per fare incontrare chi progetta con chi abita, per definire (o anche solo approcciarsi a) un'idea di comunità attraverso l'architettura e la sua concreta realizzazione o autocostruzione da parte degli autori-studenti."*,CARLO, Giancarlo de, *L'Architettura della Partecipazione*, Macerata, Quodlibet, 2015, p. 31.

123 FOCILLON, Henri, *A vida das formas seguido de Elogio da mão*, Lisboa, Edições 70, 2016, p. 103.





106 e 107| *Finalização do espaço,* Tamesloth, Marraquexe, Marrocos

-se entre nós, na era mecânica, este obstinado sobrevivente das idades da mão? Os séculos passaram por ele sem alterar a sua vida profunda, sem o fazer renunciar às suas antigas maneiras de descobrir o mundo e de o inventar. A natureza continua a ser para ele um repositório de segredos e maravilhas. É sempre com as suas mãos nuas, fracos instrumentos, que procura revelá-los, para os integrar no seu próprio jogo. Assim recomeça, perpetuamente, um formidável passado, assim se refaz, sem se repetir, a descoberta do fogo, do machado, da roda, do torno de oleiro. Na oficina de um artista, estão patentes por todo o lado as tentativas, as experiências, as intuições da mão, as memórias seculares de uma raça humana que não olvidou o privilégio de manusear."[124]

A importância deste projeto assenta na liberdade e na responsabilidade obtida pelos estudantes para orientarem um projeto, num local real, lidando com todos os problemas que poderiam surgir e facilitando as soluções que entendessem mais adequadas. Entende-se como complemento a uma formação, um sair de um espaço-de-escola e intervir num local diferente, tentando tirar partido da aprendizagem local e da interação com os outros.

"Quem não conviveu com os «homens de mão» ignora o poder destas relações ocultas, os resultados positivos desta confraria, em que participam a amizade, a estima, a comunidade quotidiana do trabalho, o instinto e o orgulho de ser senhor de si, e, nos níveis mais altos, a preocupação de experimentar."[125]

---

124 FOCILLON, Henri, *A vida das formas seguido de Elogio da mão*, Lisboa, Edições 70, 2016, pp. 108/109.

125 idem, p. 105.

INSTANTE VI

ou o regresso

Na viagem de regresso a Portugal, que decidi fazer por terra e mar, fiz questão de desviar-me da rota mais rápida para visitar Ouarzazate, e o *kasbah* de Ait Ben Heddou. A fortaleza e as casas dentro das muralhas são todas construídas em terra e palha. Circular pelo Kasbah é toda uma aventura. Era a única viajante que andava sozinha a visitar a fortaleza de terra e, claramente, chamava a atenção com a mochila às costas. O dia tornou-se cansativo. Cada vez que algum local me via passar, surgiam convites para tomar chá ou almoçar, e uma recusa é sempre uma negociação.

Ouarzazate, Marrocos, 2 de fevereiro de 2018



Kasbah de Ait Ben Haddou, Marrocos, 2018

Na Medina há inúmeras lojinhas de senhores que trabalham a madeira na hora. Fazem caixas-puzzle, pequenas esculturas de madeira, ou tabuleiros de xadrez e trabalham com os pés. Estou num grupo, com os estudantes de Tournai, e passeamos pelas ruas estreitas e enfeitadas de bugigangas. O trabalho de um senhor chama-me a atenção e deixo-me ficar para trás. Sorrio-lhe e pergunto-lhe se posso ver como faz as estátuas. Ele pega num tronco e, com uma velocidade e agilidade impressionantes, molda-o e transforma-o num amuleto. Acrescenta-lhe um fio e oferece-mo. Quando lhe tento dar alguma coisa em troca, não aceita.

Marraquexe, Marrocos, 1 de fevereiro de 2018



Trabalhar com pés e mãos, Marrocos, 2018



Espaços contrastados, Marrocos, 2018

Hoje os pés doem de tanto caminhar por Fez. Depois de Marraquexe, esta cidade é uma surpresa de quietude. Nada se compara à confusão da Medina de Marraquexe, ou sou eu que já me habituei ao burburinho inconfundível de Marrocos.

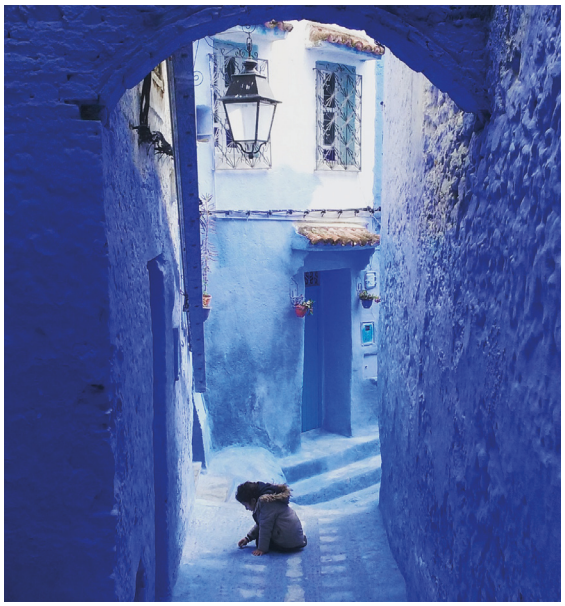
Fez, Marrocos, 7 de fevereiro de 2018



Não é possível representar a beleza desta cidade. Nem em fotografias, nem em desenhos. É preciso vir e vaguear pelas ruelas. É muito pequena, tem ruas estreitas com lojinhas de souvenirs e ervas marroquinas para todos os males. As casas têm umas portas de miniatura e até eu tenho de me dobrar para passar. As pessoas já se habituaram ao turismo e os comerciantes já nem insistem para que se compre algo, enquanto se caminha pela rua. Uma cidade para regressar.

Chefchaouen, Marrocos, 11 de fevereiro de 2018





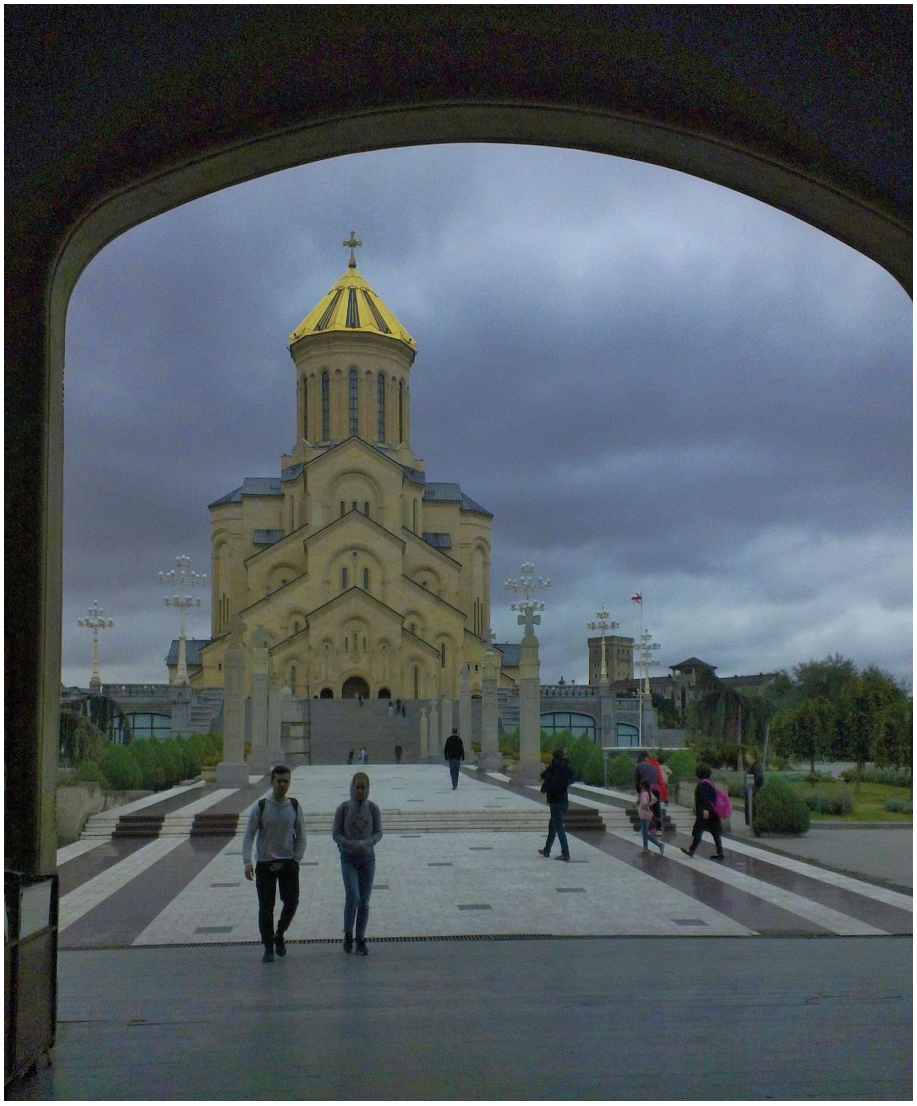
A cidade azul, Marrocos, 2018

Chegamos a Erevan num comboio noturno a partir de Tiblisi. No comboio, éramos as únicas estrangeiras que iam em terceira classe e arranjámos uma família amiga com quem fomos desenrascando uma conversa. Se Tiblisi ainda nos parece uma capital da europa ocidental, a chegada a Erevan é um retroceder gigante no tempo e faz-nos imaginar o império soviético a cada esquina.

Erevan, Arménia, 12 de setembro de 2017



Mosteiro Haghartsin, Dilijan, Arménia



Catedral de Sameba, Tiblisi, Geórgia



Aldeia de Ushguli, Geórgia



Mercado de Kutaisi, Geórgia



Marginal de Kobuleti, Geórgia

Decidimos fazer a viagem de regresso de Ushguli para Mestia à boleia. Deixaram-nos no entroncamento onde começava a estrada que nos levaria a Adishi, outra das aldeias mais peculiares da região de Svaneti. O caminho era de terra batida, mas não passava ninguém. A Rita foi falar com um senhor que se avistava ao longe e que morava(soubemos depois)numa das casas que circundavam o entrocamento. Não nos serviu de grande ajuda, pois gesticulava freneticamente enquanto falava ao telemóvel. Já se estava a fazer tarde e, na impossibilidade de visitar Adishi a pé (18km de caminho), decidimos voltar a começar a pedir boleia na estrada principal.

Não precisamos de pedir boleia duas vezes; um casal parou ao nosso lado e perguntou-nos para onde iamos. Mostramos num mapa a direção que queríamos seguir e eles convidaram-nos a entrar. Não falavam uma palavra de inglês. Ainda assim, tentavam ensinar-nos algumas coisas, apontando para os lugares e montanhas e dizendo os seus nomes... A cordilheira que delimitava a fronteira com a Rússia, o glaciar Chaaladi, os nomes das aldeias pelas quais íamos passando... Nós íamos acenando e atirando uns *lamazi* (lindo em georgiano) e tentávamos agradecer-lhes a simpatia. Deixaram-nos no lugar onde tínhamos de estar.

Este casal foi a prova de que a comunicação é sempre possível, mesmo com a barreira linguística e que os sorrisos e a simpatia são a melhor forma de comunicar.

Mestia, 26 de setembro de 2017



Uma aldeia parada no tempo, Ushguli, Geórgia

Ouvem-se cantares italianos, turistas franceses, espanhóis e ingleses. Entre esta azáfama de gente que sobe e desce, de telemóvel na mão, torna-se difícil distinguir os malteses. A cidade domingueira mostra-se solarenga e o colorido das fachadas é curioso. O porto de Valletta é feito de ruelas que sobem e descem, ladeadas por casas com varandas de mil tons. A cidade, apesar de colorida e airosa, mostra-nos também muitas casas inabitadas e degradadas.E lixo espalhado pelas ruas.

Valletta, Malta, 4 de abril de 2018

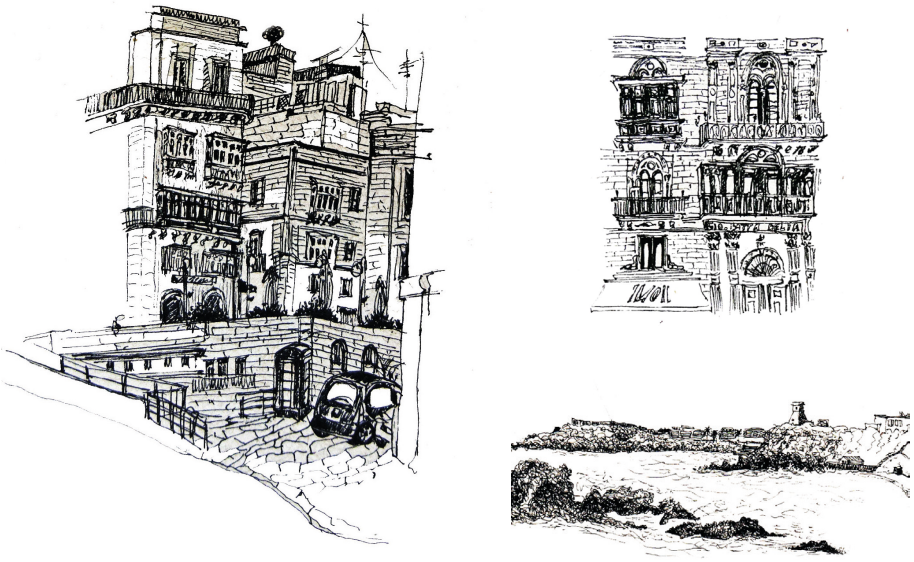




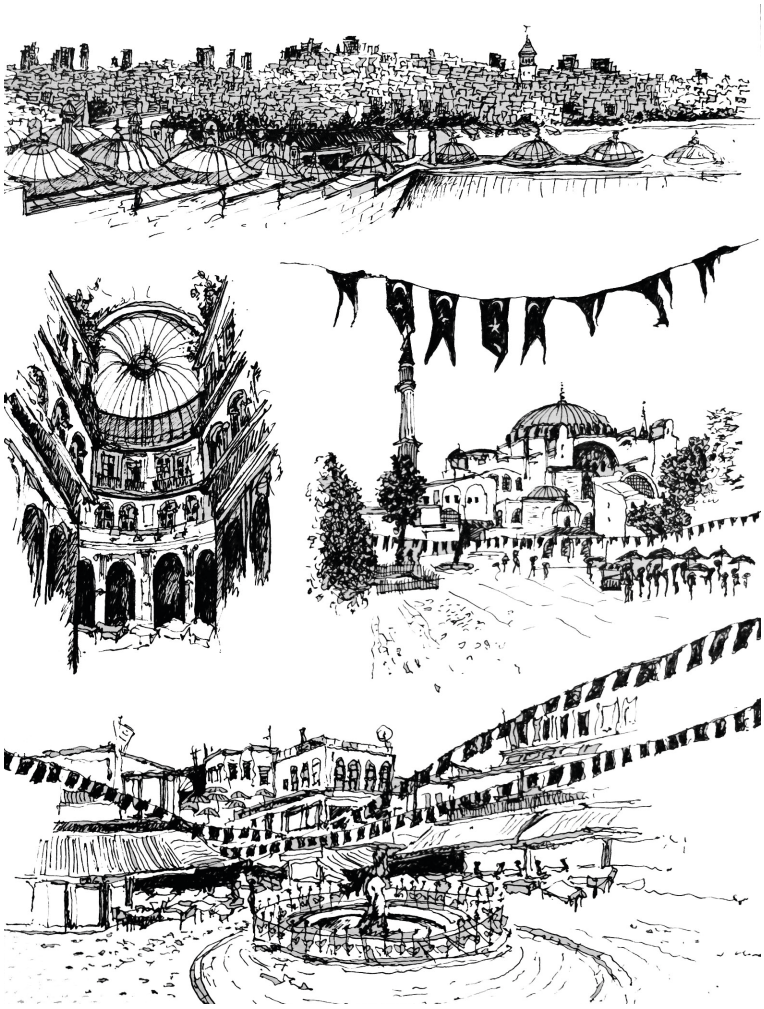
Valleta domingueira, abril 2018

Malta é um país caricato. Tem pouco mais habitantes que o Porto. Cidades que se desenvolvem, umas a seguir às outras, sem grande espaço de respiração entre elas. Casas amareladas com varadas de mil cores, uma língua que tanto faz lembrar o árabe, como o italiano. Nos parques de estacionamento, paga-se o que se quiser. Há quase mais emigrantes do que malteses porque é um país que sofreu influências de tantos povos...

Malta, 9 de abril de 2018



Fachadas maltesas, abril 2018



Primeiros dias em Istambul, maio 2018

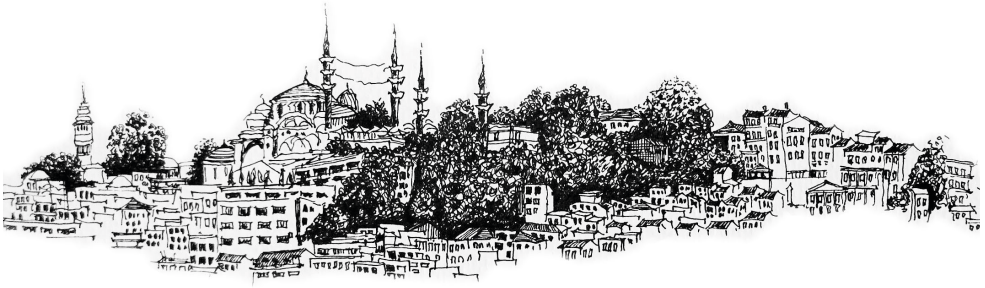
As mesquitas têm uma área para as mulheres e outra para os homens. Quando se chega à porta do templo, as mulheres locais fazem-nos sinais para que entremos atrás delas. Tiramos os sapatos, cobrimos a cabeça com um lenço e seguimos para o interior do edifício, para a parte reservada ao nosso género. Na maior parte das mesquitas, o espaço destinado às mulheres situa-se numa varanda que dá para a parte principal da mesquita, ou então num espaço mais recuado em relação ao dos homens. A vantagem é que estas têm uma vista privilegiada do local. Estão sim, mais longe da parede qibla, a que determina a direção de Meca.

É muito difícil absorver uma cultura tão diferente da minha e aceitá-la, mas a tolerância está na base da minha conceção de viver e, por isso, encaro a viagem e os momentos de contato com pessoas tão diferentes de mim, como uma aprendizagem constante.

Istambul, 25 de maio de 2018



Visitas ao interior de um lugar sereno, maio 2018



Ontem compramos um voo, de ida e volta, para Denizli, a mais de 600 kilómetros de Istambul, por 26 euros. Saímos de madrugada do hostel e caminhamos 3 kilómetros até ao lugar onde se apanha o autocarro para o aeroporto. Voamos para o sul da Turquia e acordamos em Denizli. Saímos do avião, recusamos todos os transfers que nos tentavam impingir e começamos a pedir boleia à saída do aeroporto. Com um aeroporto quase deserto, apanhamos a boleia mais carregada de sorte de sempre, com um polícia que nos deixou no equivalente a uma estrada nacional. Seguimos viagem com mais três boleias que nos levaram ao local, que, tão inesperadamente, decidimos visitar. Chegar a Pamukkale foi uma aventura. Descobrir os vestígios de uma cidade romana no espaço em que se inserem as piscinas termais foi a cobertura de chocolate no topo do bolo. Chamar loucura a este dia é um eufemismo. O regresso ao aeroporto também se fez à boleia e Istambul esperava-nos, ao fim do dia, para uma última noite na cidade entre dois continentes.

26 de maio de 2018



Pamukkale, maio 2018



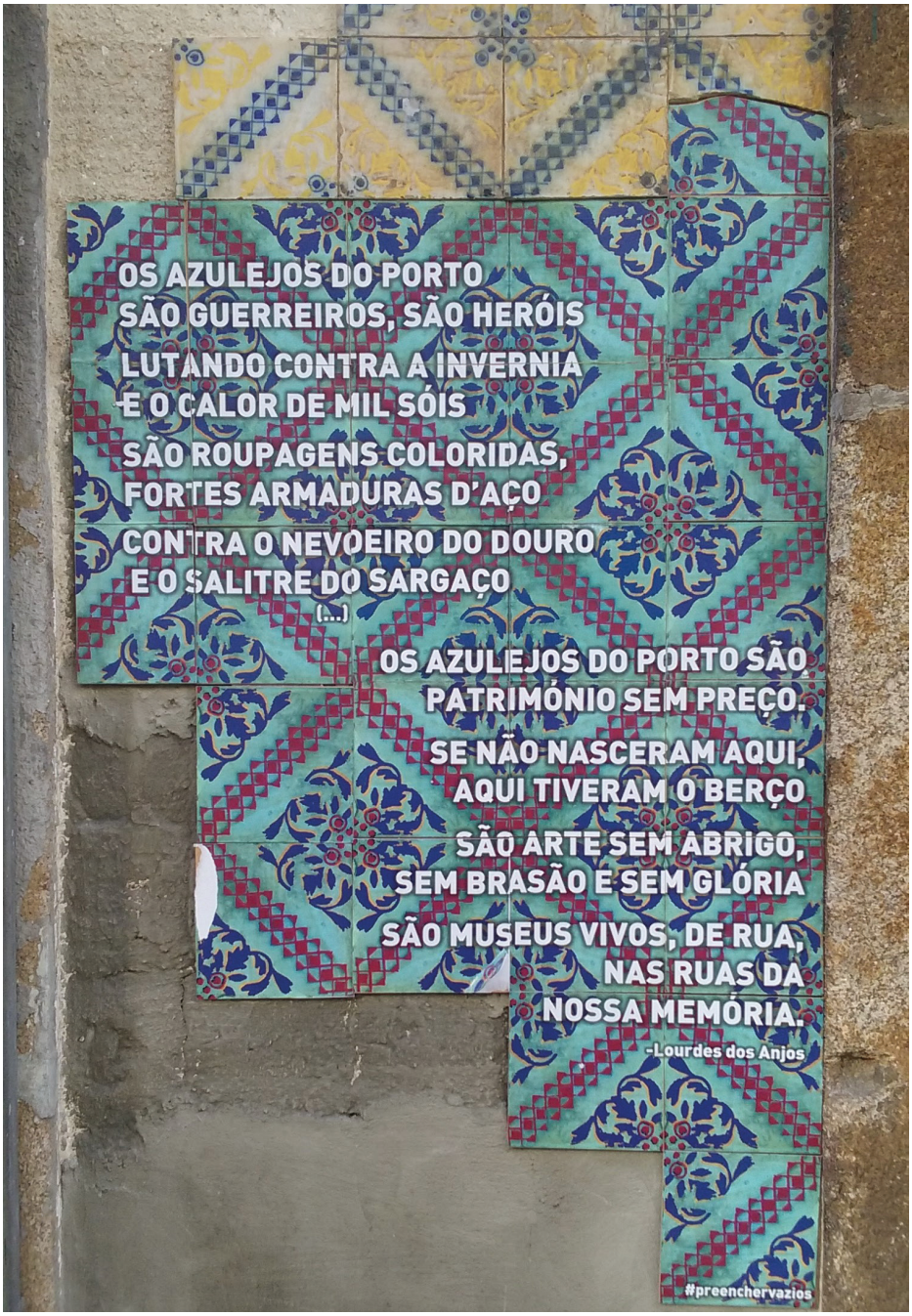
Entre contrastes, Pamukkale, maio 2018



Hierapolis, Pamukkale, maio 2018

A história da cidade é também a história da arquitectura; mas a história da arquitectura é, quando muito, um ponto a partir do qual a cidade pode ser vista.

Aldo Rossi , *A arquitectura da cidade*



108| *Movimento #preenchervazios, criado para alertar a população da Invicta para fenómenos tais como o roubo ou desaparecimento de azulejos das fachadas das casas,* Rua de Cedofeita, Porto, fevereiro de 2018.

PORTO
ponto de situação

> *"Era de madrugada quando disse:-Sire, já te falei de todas as cidades que conheço.*
> *-Falta uma de que nunca falas.*
> *Marco Polo baixou a cabeça.*
> *-Veneza-disse o Kan.*
> *Marco sorriu.- E de qual julgavas que eu te falava?*
> *O imperador nem pestanejou.- Mas nunca te ouvi dizer o seu nome.*
> *E Polo:- Sempre que descrevo uma cidade digo qualquer coisa de Veneza.*
> *-Quando te pergunto por outras cidades, quero ouvir-te falar delas. E de Veneza, quando te pergunto por Veneza.*
> *-Para distinguir as qualidades das outras, tenho de partir de uma primeira cidade que está implícita. Para mim é Veneza.*
> *-Deverias então começar todos os relatos das tuas viagens pelo princípio, descrevendo Veneza tal como é, toda, sem omitir nada do que dela recordas.*
> *As águas do lago tinham-se encrespado um pouco; os reflexos dos ramos do antigo palácio doa Sung quebrava-se em reverberações cintilantes como folhas a boiar.*
> *-As imagens da memória, depois de fixadas com as palavras, apagam-se-disse Polo. -Talvez eu tenha medo de perder Veneza toda de uma vez, se falar dela. Ou talvez, ao falar de outras cidades, já venha a perdê-la pouco a pouco."*[126]

Todos temos uma cidade que é a base das nossas comparações para julgar todos os lugares que conhecemos, a partir desse primeiro. É o nosso ponto de partida. Para mim, essa cidade é o Porto. É a cidade que eu escolhi, que eu elegi como minha. A cidade que foi palco de tantos acontecimentos.

Regresso e parto, a partir de um ponto fixo, uma cidade construída na margem de um rio, com edifícios graníticos, ruelas labirínticas e sombrias. A cidade que é Porto, tanto de nome como de abrigo, acolhe o viajante regressado.

Com olhar saudoso, quem regressa, observa a cidade como quem a apreende de novo. Seria de esperar que a casa, a cidade-casa, estaria igual, que o viajante é que mudaria, mas não. No caso deste Porto, num curto espaço de tempo, a cidade metamorfoseou-se de uma forma talvez descontrolada. Já pouco se ouve falar português, quando se sobe

126 CALVINO, Italo, *As Cidades Invisíveis*, Alfragide Teorema, 2011, [primeira edição 1972], p. 98.



109| *Gente de todas as cores, Macchu Picchu, Cuzco, Peru, maio de 2017*



110| *A cidade em tons pastel,* Breslávia, Polónia, 2018

a Mouzinho da Silveira, ou na Rua das Flores que se assemelha à de Santa Catarina, tal é a concentração de gente que deambula abaixo e acima. Os tuktuks, anteriormente amigos exclusivos da nossa capital, passaram a habitar a cidade, com os seus buzinares constantes. Estas alterações no espaço urbano têm vindo a erguer muitos debates, acerca dos malefícios e potencialidades destes fenómenos que estão a surgir.

Um fenómeno que se debate cada vez mais é o da gentrificação. A falta de regulação apropriada para a transformação das casas burguesas em alojamento local, ou para o aluguer de casas, está na base destas ocorrências. A massificação do turismo é, também, um dos pontos relacionado com a emergência deste. Nos últimos anos, o despoletar continuado do número de reconstruções, associado aos despejos dos moradores da cidade histórica, tem vindo a ser alvo de argumentação. As intenções de transformação das casas burguesas portuenses em hosteis, alojamento local e aluguer através de plataformas digitais (tal como a Airbnb), têm vindo a tornar-se vontades iminentes de grande parte dos proprietários destes edifícios situados nos bairros mais centrais da cidade, visto que serão uma fonte de lucro considerável. *"Tudo conspira: a vida, a ciência, o ideal e a ideia do amor, com o grande mágico do mundo ocidental – o dinheiro"*[127]. Alargando o debate ao exterior do centro da cidade, também é nítido o contraste entre o aumento das rendas de 2015 para 2018. Está descontrolado, com valores que por vezes já triplicam, em períodos de dois/três anos.

> *Relembro a minha primeira visita ao miradouro da Bataria da Vitória: tinha 18 anos e estava, desde há poucos meses, a descobrir o que era ser estudante de arquitetura, e habitante da cidade do Porto. Separei-me de um grupo com quem tinha de fazer um trabalho para a disciplina de TGOE, e comecei a deambular pelas ruas estreitas e sombrias que, um dia, me viriam a ser tão familiares. Não me lembro como cheguei ao miradouro, mas aquele espaço ficou-me guardado para sempre. Estava sujo, tão cheio de lixo que era difícil chegar à berma mas, quando se superava esse pequeno obstáculo, a vista da cidade alumbrava a descoberta. Voltei, muitas vezes e ao longo dos anos, àquele espaço, onde a vista da cidade aparece completa, de uma forma que só é possível superar do outro lado do Douro. Depois do regresso, tenho passado regularmente no miradouro. Encontra-se sempre povoado, maioritariamente pelos turistas, os habitantes mais efémeros da cidade.*

Questiono-me muitas vezes sobre o futuro daquele lugar. Questionam-me muitas vezes sobre ele: "Por que não se faz um hotel nos edifícios adjacentes? Por que não fazem um bar no miradouro…?"

É inquestionável que o espaço precisa de uma reforma. Há vidros pelo chão, pedaços

127 LEFEBVRE, Henri, *Critique de la Vie Quotidienne, I Introduction*, Paris, l'Arche Éditeur, 1958, p.134.



111| *Castell ou uma torre de vontades*, Barcelona, 2014

de tijolos e outros materiais partidos e as ervas daninhas crescem à vontade. É neste ponto que se insere um debate imprescindível sobre o crescimento da cidade. Há uma década, o Porto era uma cidade com ruas muito mais desertas, com mais de metade dos edifícios da zona histórica a necessitar de reformas urgentes. Agora, que as gruas já quase fazem parte do *skyline* da cidade, os edifícios começam a surgir recuperados e os que ainda não estão, para lá caminham. É urgente encontrar um meio termo nesta procura de soluções para a construção e reconstrução da cidade, uma solução que tenha em consideração todos os que serão afetados pelas mudanças. Essa procura deve ser considerada pelas entidades reguladoras, mas também cabe aos habitantes e aos arquitetos da cidade, a preocupação sobre estas questões.

> *"Quando alguém se questiona sobre o futuro da Arquitectura, apenas podemos responder, não poderia ser de outra forma, que o futuro está nas ideias. No pensamento e nas mãos dos arquitectos capazes de criar essas ideias e de erguê-las, de pô-las de pé, de construí-las."* [128]

Os arquitetos, como habitantes da cidade e intervenientes ativos para o seu desenvolvimento, também devem ter em conta o surgimento destes fenómenos; trabalhar sobre eles; encontrar soluções que permitam salvaguardar os habitantes *mais antigos* da polis e os novos também, porque da mesma forma que se deve procurar formas de conservar o já existente, deve igualmente ser deixado espaço para a mudança e para a inclusão.

Lefebvre defendia que "*só os grupos classes ou fracções de classes sociais capazes de tomar iniciativas revolucionárias podem assumir e levar plenamente a cabo as soluções para os problemas urbanos a cidade renovada será obra destas forças sociais e políticas"*[129]. Qualquer habitante que tenha um ideal e a perseverança para o defender, poderá fazer parte da mudança. Acrescenta-se ainda que "*os grupos e as comunidades poderão trabalhar os seus próprios espaços de vida quotidiana ou de cultura*", sendo este o *"único caminho para imprimirem marcas próprias ao processo de massificação (movimento básico da sociedade actual) superando o vazio da perdida cultura rural e artesanal"*[130].

"*Assim como as formas passam, se destroem, as Ideias permanecem, são indestrutíveis"*[131]. Na construção de uma cidade, há ideias que, geralmente associadas a movi-

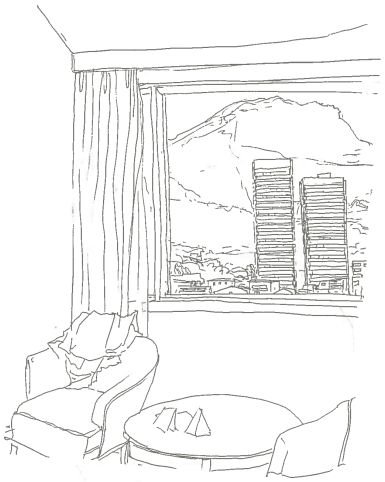
---

128 BAEZA, Alberto Campo, *La idea construida. La arquitectura a la luz de las palabras*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1998, p. 23.

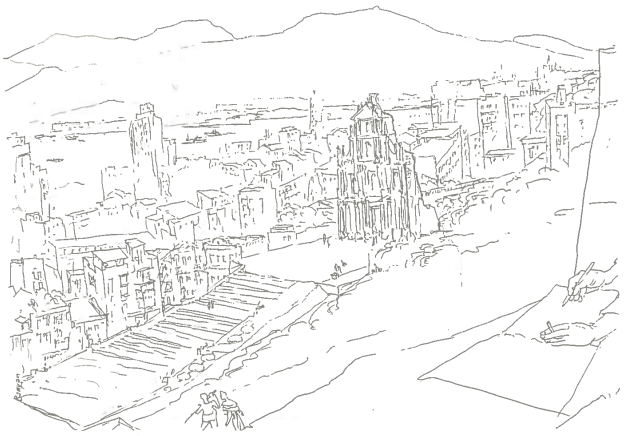
129 LEFEBVRE, Henri, *O Direito à cidade*, Lisboa, Estúdio e Livraria Letra Livre, 2012, [primeira edição 1968], p.114.

130 PORTAS, Nuno, *a arquitectura para hoje 1964, seguido de, evolução da arquitectura moderna em Portugal 1973,* Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 83.

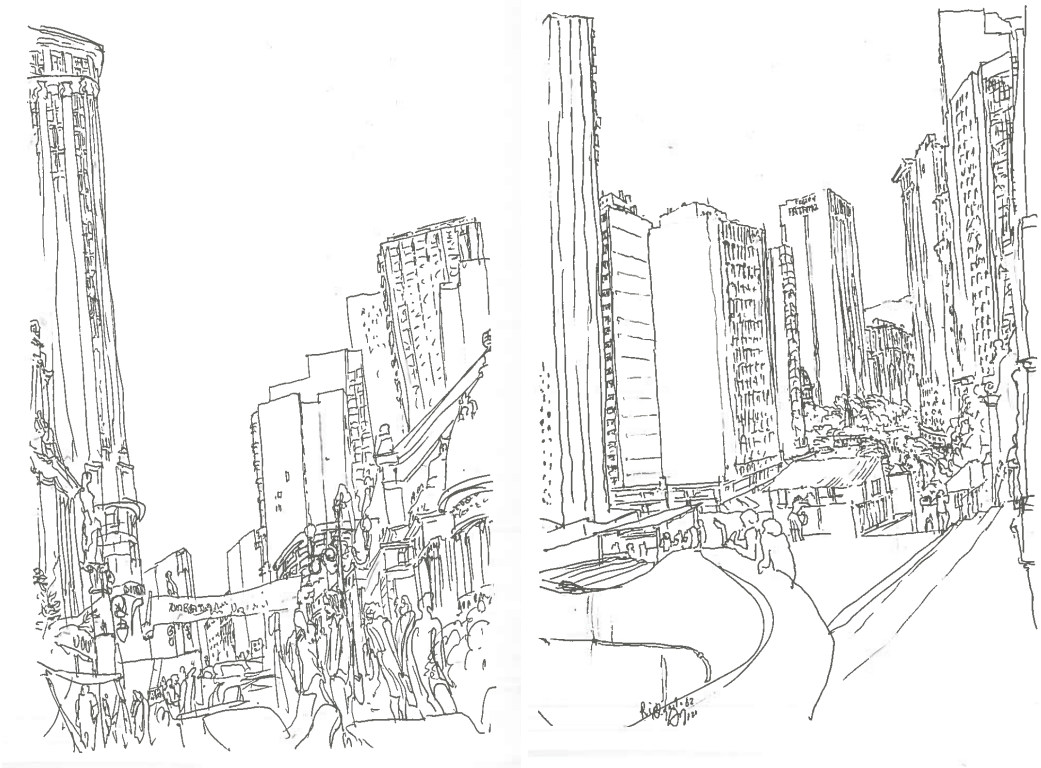
131 BAEZA, Alberto Campo, *La idea construida. La arquitectura a la luz de las palabras*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1998, p. 48.



112| *Cartagena, quarto*, Março 1984, caderno 141, SIZA VIEIRA, Àlvaro



113| *Macau, Igreja de S. Paulo,* sem data, caderno sem número. SIZA VIEIRA, Àlvaro



114 e 115| *Rio de Janeiro, Agosto 1982, caderno 118, SIZA VIEIRA, Àlvaro*

mentos de uma comunidade são, efetivamente, indestrutíveis. Afinal, "*a História da Arquitectura é a História das IDEIAS, das IDEIAS CONSTRUÍDAS, mais do que das formas perfeitas.*[132]

Recentemente, a forma como se habita a cidade do Porto é um tema que tem vindo a dar azo a inúmeras discussões. Há quem sustente que "*a cidade historicamente formada já não se vive, não se pode apreender pela prática. Ela já só é um objecto de consumo cultural para o estetismo, para os turistas ávidos de espectáculos e de pitoresco. Mesmo para aqueles que a procuram compreender afectivamente, a cidade está morta*."[133] Lefebvre escreve estas considerações no final dos anos 60, mas é uma constatação que se pode facilmente transpor para o século XXI.

A normalização do ato de viajar, o fenómeno das companhias *low cost* que nos permite deslocar de um lado para o outro na Europa, com poucos euros no bolso, permitiu a várias pessoas o acesso a luxos que antes não poderiam ter, mas alterou irreversivelmente a forma como as cidades são habitadas. *"Estamos na era da mudança de escala, no que respeita à conquista espacial, certamente, mas também na terra: os meios de transporte rápidos põem qualquer capital a umas horas apenas de qualquer outra"*[134]. As cidades europeias foram as testemunhas principais desta metamorfose. Há quem diga que estas se assemelham, cada vez mais, a *parques de atrações*. Para evocar um dos acontecimentos mais mediáticos da cidade do Porto, constatam-se as filas, que seriam inconcebíveis uns anos antes, para entrar numa livraria[135], por exemplo.

"*Cada explorador, viajante e turista realiza efectivamente uma viagem, mas enquanto o explorador buscava o desconhecido, o viajante procura o que já foi descoberto pela história e o turista aquilo que foi descoberto pela indústria e especialmente preparado pela publicidade*"[136]. A cidade é, recorrentemente, habitada por turistas ou habitantes efémeros. Isto levanta uma série de questões que dizem respeito a todos, enquanto habitantes desses espaços.

"A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade; e existem muitos tempos na forma da cidade"[137]. A forma da cidade tem vindo a alterar-se com uma velocidade impressionante. Quando a história da cidade já não se puder ler nas pedras graníticas e escurecidas do Porto, o que distinguirá esta, de todas as outras cidades?

---

132 BAEZA, Alberto Campo, *La idea construida. La arquitectura a la luz de las palabras*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1998, p. 39.

133 LEFEBVRE, Henri, *O Direito à cidade*, Lisboa, Estúdio e Livraria Letra Livre, 2012, p. 108.

134 AUGÉ, Marc, *Não-Lugares, Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1994, p.39.

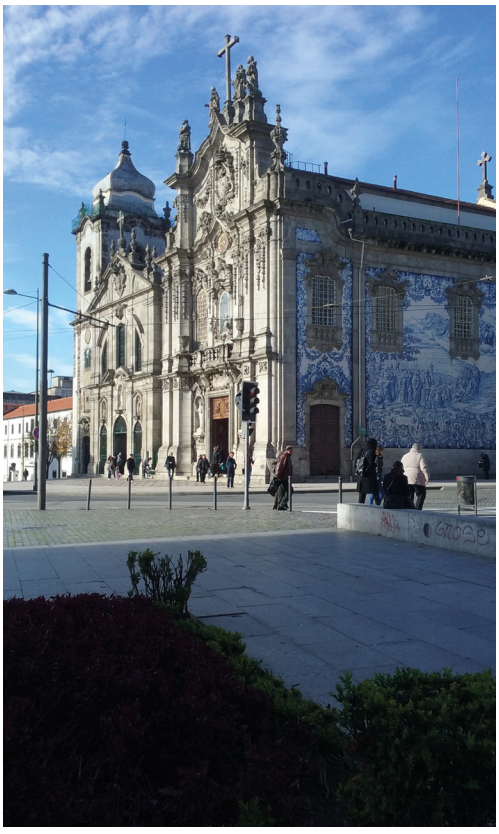
135 Referência à Livraria Lello e Irmão que, hoje em dia, em 2018, recebe centenas de visitantes por dia que fazem fila para entrar no espaço histórico.

136 SERRANO, Sónia, *Mulheres Viajantes*, Lisboa, Edições tinta-da-china, 2017, p. 24.

137 ROSSI, Aldo, *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa, Edições Cosmo, 2001, p. 80.



116| *Hortas da Lada, Porto, 2018*



117| *Igreja do Carmo e das Carmelitas*



118| *Paços do Concelho*

"Esta minha cidade do Porto tem um solo levado dos diabos. Acidentado, granito que durante séculos repeliu planos apressados (...). Flutuam os fantasmas do que era preciso, e o apetite de acrescentar- não assim. Pouco importa. Esta minha cidade tem um solo levado dos diabos. E um nevoeiro onde nenhum Sebastião penetra"[138]. Terão os planos apressados para esta cidade encontrado o seu caminho para prosperar?

"Enfim, o homem não é só o homem daquele país e daquela cidade, mas é o homem de um lugar preciso e delimitado, e não há transformação urbana que não signifique também transformação da vida dos seus habitantes"[139]. As recentes alternâncias na urbanidade da cidade do Porto têm tido um grande impacto na vida dos habitantes desta, sobretudo dos que a habitam de forma mais permanente.

Paralelamente a estas discussões, insere-se o trabalho da associação *Just a Change*, na cidade do Porto. A associação, já mencionada nos capítulos anteriores e a respeito de um projeto realizado em Ferreira do Zêzere, expandiu-se para o Porto em 2016. *"Reabilitamos casas, reconstruímos vidas!"* é o lema que seguem os voluntários. Durante o ano letivo, a associação convida voluntários, na sua grande maioria estudantes, a participar na reconstrução de várias casas do centro do Porto. As casas que se reabilitaram em 2018 estavam localizadas em zonas relativamente centrais, nomeadamente nas freguesias de Campanhã e do Bonfim.

Como Álvaro Siza constatou: "*Parece que há de novo um interesse que provavelmente vem das condições péssimas em que vive tanta gente hoje, com desemprego, etc, Não é por acaso que o Prémio Pritzker este ano foi dado a um arquiteto que tem uma parte da obra com habitação social. E esse creio que é o caminho para que a arquitetura não seja considerada um luxo, mas algo para benefício de toda a gente*"[140], a preocupação pelo direito à habitação e ao habitar com dignidade voltou a ganhar fama e força nas conversas entre arquitetos.

Nos anos 70 "*havia uma longa intenção da cidade na, dizia-se assim: de erradicação das ilhas*" já que "*uma grande parte da população vivia em ilhas*"[141]. Uma das casas que se começou a reabilitar, em 2018, na freguesia de Campanhã, mais especificamente na Rua Padre António Vieira, insere-se numa ilha.

É uma casa com dimensões muito reduzidas, como é habitual destas disposições, um

---

138 SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos,* Porto, Civilização, 2009, pp. 201-203.

139 ROSSI, Aldo, *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa, Edições Cosmo, 2001, p. 242.

140 SIZA, Álvaro, em *VICINI,* documentário que pode ser consultado em https://player.sicnoticias.pt/2016-05-28-Vizinhos-A-revolucao-e-as-casas-de-Siza-na-Bouca# da autoria de Cândida Pinto, Produção de Madalena Durão, Filmado em janeiro de 2016, S.I.C.O arquiteto refere-se à atribuição do prémio Pritzker a Alejandro Aravena, em 2016.

141 SIZA, Álvaro, em *VICINI,* documentário que pode ser consultado em https://player.sicnoticias.pt/2016-05-28-Vizinhos-A-revolucao-e-as-casas-de-Siza-na-Bouca# da autoria de Cândida Pinto, Produção de Madalena Durão, Filmado em janeiro de 2016, S.I.C.



119| *Cadeia da Relação, BELO, Duarte, 1997*

quarto, uma cozinha e um sótão que fora adaptado para instalação sanitária. Servia de abrigo a duas pessoas, um casal, ambos desempregados. A intervenção nessa casa foi feita durante os meses de abril e maio e uns dias de junho, espaço de tempo em que os residentes estiveram ausentes do espaço. Foi efetivada durante a semana, com a colaboração dos voluntários em sistema de turnos quinzenais de quatro horas e com a ajuda de dois mestres de obras e um engenheiro.

Neste caso em específico, os voluntários não tiveram muito contato com os habitantes da casa. No entanto, sempre que há disponibilidade de ambas as partes, este encontro e a partilha de conhecimento entre os voluntários e os habitantes é valorizada.

O objetivo da associação *Just a Change* - priorizar a reabilitação de casas de famílias carenciadas - poderá ser um passo no desenvolvimento da cidade, através da melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes. "*Conhecidas as influências que o espaço organizado exerce sobre o homem, influências que afectam tanto a sua saúde mental e física como a sua vida individual e social, não pode ignorar-se o significado que a casa desempenha na vida de cada família e, consequentemente, na vida do país. Que há a esperar de um homem mal alojado, vivendo numa habitação que tudo lhe nega, desde a tranquilidade à higiene?*"[142]

É, sem dúvida, um trabalho vagaroso, que implica muitos intervenientes e incontáveis vontades. Evoca-se, mencionando Rossi, a ideia "*de que uma parte importante dos nossos estudos deveria ser dedicada à história da ideia de cidade; por outras palavras, à história das cidades ideais e à história das utopias urbanas*."[143] Poder-se-ia, ainda, a par desta sugestão, estudar o impacto que este género de intervenções tem na cidade, numa disciplina de um curso de Arquitetura? Estudá-lo *in loco*, através da participação? Levanta-se a questão.

> *"A cidade visual coloca-nos na situação de estrangeiros, espectadores voyeurísticos e visitantes passageiros, incapazes de participar."*[144] Diametralmente, *"a cidade tátil acolhe-nos como cidadãos, plenamente autorizados a participar no seu cotidiano. A cidade tátil evoca o nosso sentimento de empatia e envolve as nossas emoções."*[145]

A integração de uma associação como a do *Just a Change* considera-se, inquestionavelmente, como um complemento à formação de qualquer estudante, seja ela profissional, mas fundamentalmente pessoal e é também uma forma de integração na construção da cidade, na constituição de uma memória coletiva. Já que, como discorria

---

142 TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, prefácio de Nuno Portas, Porto, Edições do Curso de Arquitectura da E. S. B. A. P., 1982, p. 76.

143 ROSSI, Aldo, *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa, Edições Cosmo, 2001, p. 35.

144 PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2017, p. 48.

145 idem, p. 49.















120| *ANIKI-BÓBÓ 50 ANOS*

Rossi, *"a própria cidade é a memória colectiva dos povos; e, tal como a memória está ligada a factos e a lugares, a cidade é o locus da memória colectiva. Esta relação entre o locus e os cidadãos torna-se, pois, a imagem proeminente, a arquitectura, a paisagem; e como os factos estão contidos na memória, à cidade acrescem novos factos. Neste sentido, absolutamente positivo, as grandes ideias perpassam a história da cidade e dão-lhe forma"*[146].

Não basta destruir os elementos mais icónicos de uma cidade para que esta perca a sua essência. A cidade está, inevitavelmente, em constante mutação, e o "*Porto de Manoel de Oliveira, do Douro Faina Fluvial e do Anikibobó*"[147], é um Porto que vive na memória e nos registos. Não é uma cidade anacrónica que se pretende manter. Esse não será o debate.

"O granito de «oiro velho», ou «azulado» não desaparece para que o crepúsculo se encha de outros brilhos. Não basta não demolir a Torre dos Clérigos, não basta não demolir o Barredo. Não é necessário destruir para transformar. Para a transformar, é necessário e indispensável não destruir a cidade. Ou ficará apenas um crepúsculo sem olhos de poeta em cada um de nós – os olhos que trazemos ao nascer"[148]. A transformação, deverá ser, acima de tudo, em benefício da massa social que habita a cidade. Se a mudança passar por esta meta, a cidade continuará no caminho da construção.

Conclui-se que a cidade do Porto é, apesar de tudo o que foi relatado, uma cidade inequivocamente forte de mãos e cabeças, se estas não se recolherem na indiferença. É, acima de tudo, uma cidade viva de ideias e, sendo que "*as cidades vivas têm uma estupenda capacidade natural de compreender, comunicar, planear e inventar o que for necessário para enfrentar as dificuldades*"[149], deixamos a esperança nas mãos, capazes de erguer ideias.

---

146 ROSSI, Aldo, *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa, Edições Cosmo, 2001, p. 192.

147 *O Rio Douro explica a cidade do Porto*, SIZA VIEIRA, Álvaro, *02 textos*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2018, p. 113.

148 *A cidade que temos*, SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto, Civilização, 2009, pp. 20/21

149 JACOBS, Jane, Morte e vida de grandes cidades, São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 498.

A utopia está no horizonte
acerco-me dois passos,
ela afasta-se dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte
afasta-se dez passos mais para lá.
Por muito que caminhe,
nunca a alcançarei.

Para que serve a utopia?
Para isso serve: para caminhar.

Eduardo galeano em *Poesia Crítica*



121| *Vislumbre para uma selva diferente*, Empire State Buiding, Nova Iorque, 2015



122| *Retrato de um regresso a cas*a, Tóquio, Japão, 2015

Parte III

Não é só de sonhos, mas também de mãos, esta Utopia

> *"O mundo também se constrói com a incomodidade. A irreverência intelectual enquanto sinal de insatisfação, aliada a uma ânsia de contribuir para um mais justo desenvolvimento dos sistemas de relações humanas através do progresso do conhecimento, está na base dos processos de mudança dos contextos das nossas vidas. Assim é a arquitectura, uma arte de transformação do espaço físico enquanto suporte das reais necessidades do agir e viver quotidiano."*[150]

E a incomodidade também se aprende a manifestar. Aprende-se a intervir, a questionar, a debater, a observar e a examinar, sobre múltiplas perspetivas. O desconforto alia-se à consciência e à responsabilidade social que todo o ser humano poderia priorizar. Compreendemos "*com Bachelard que antes do mais interessa saber formular perguntas, como condição primeira do conhecer*"[151]. Formular as perguntas certas e fazer da busca incessante por respostas, um objetivo.

A consciência de uma responsabilidade social tem sido recorrente ao longo do percurso da História Universal, ainda que os exponentes deste interesse se registem sempre que há uma alteração paradigmática na ordem do mundo. O percurso da história do desenvolvimento das cidades, impreterivelmente anexo à história da sociedade, está marcado por pontos de desenvolvimento e de pausa. É nos momentos de contraste e desenvolvimento que se movem as vontades e surgem os projetos.

Neste momento, na nossa era globalizada, e porque o arquiteto *"é aquele que estrutura a incerteza do que há de vir"*[152]*,* será da sua competência, a consciência e apreensão do coletivo em que nos inserimos, e trabalhar sobre as questões que permitem gerir esta massa, composta de tantos elementos únicos, assim como facilitar o

---

150 *Nuno Portas, amigo e companheiro*, Porto, Setembro de 2004, Domingos Tavares, PORTAS, Nuno, *A Habitação Social, Proposta para a metodologia da sua arquitectura*, Porto, Faup publicações, 2004, p. 5.

151 Em Prefácio de Pedro Vieira de Almeida, FILGUEIRAS, Octávio Lixa*, Da função social do arquitecto, Para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*, 2ª Edição (E.S.B.A.P.- Arquitectura), 1985, p. 3.

152 PORTAS, Nuno, *A Habitação Social, Proposta para a metodologia da sua arquitectura*, Porto, Faup publicações, 2004, p. 305.



123| *La Paz,* Bolívia, maio de 2017



124| *Miradouro do Empire State Buildin*g, Nova Iorque, setembro 2015

seu desenvolvimento saudável num universo em perpétua mutação.

> *"A globalização também é impulsionada pelo estímulo universal de respeitar os direitos humanos e preservar o ambiente."*[153]

Enfrentamos, neste século, os dilemas trazidos pelos avanços de uma sociedade que se tornou global. Qualquer parte do mundo se apresenta ao nosso alcance em instantes, através da internet e a informação flui de maneira vertiginosa. As pessoas movem-se de um lado para o outro do planeta com uma facilidade estonteante.

É a globalização a principal alteridade do nosso século. Com ela, arrastam-se dúvidas, preocupações, novos sentidos para as profissões, a procura de soluções para os contrastes…. É ainda através dela que se propaga esta consciência de uma responsabilidade profissional. Facilmente se perceciona o que sucede em cada canto do mundo. As iniciativas que resultam em determinados contextos e as que são meramente engodos. É-se constantemente bombardeado por movimentos para *fazer acontecer*, campanhas de auxílio a determinada catástrofe, ou programas de voluntariado…

A viagem, soma-se a esta equação, dado que nos facilita uma integração no lugar, na compreensão dos seus problemas, no conhecimento das suas gentes. A perceção empírica encara-se, deste modo, como um resultado do viajar e um complemento inquestionável da apreensão do mundo.

"Esta proximidade do longínquo, esta presença do ausente, aumentou em proporção fabulosa o horizonte de qualquer vida." [154]Assim, começamos o nosso percurso muito mais habilitados, enquanto seres com opiniões sobre os lugares onde nos movimentamos, armados com um discernimento do mundo que não só adquirimos através da experiência, mas também através de múltiplos prismas e visões de outros.

> *"Esta nova consciência de responsabilidade profissional, ampliada com uma componente responsabilidade social, revigorará Arquitectura, e todas as suas novas conquistas serão pautadas por um ideal de dignificação da vida de toda a gente."*[155] *"E daqui a tremenda*

---

153 SERAGELDIN, Ismail, [edit.], *The architecture of empowerment: people, shelter and livable cities*, London, Academic, 1997, p.11.

154 ORTEGA Y GASSET, José, *A rebelião das massas,* Lisboa, Relógio de Água Editores, p. 59.

155 FILGUEIRAS, Octávio Lixa, *Da função social do arquitecto, Para uma teoria da responsabilidade*





125 e 126| *Manifestações na Avenida* Paulista, São Paulo, Julho 2016

responsabilidade de uma profissão cuja presença é dia a dia mais evidente, embora também dia a dia menos isolada, menos egocêntrica, mais participante e mais exigente em matéria de estabelecimento de relações com outras actividades e com o fenómeno humano em geral"[156]. Porque a *"A arquitetura autêntica é sempre sobre a vida. A experiência existencial do ser humano é o primeiro objeto da arte de construir."*[157]

Todas as iniciativas que se apresentaram no discorrer desta dissertação, são estímulos para levantar questões fundamentais à aprendizagem da arquitetura, caminho que encerra uma das suas etapas mais importantes com este trabalho, mas que está longe de estar terminado porque *"a aprendizagem da arquitectura é exercício de toda a vida e não admite fronteiras*"[158]. Mas, como *"as teses têm datas a cumprir"*[159], devemos urgir por concluir a nossa reflexão.

A participação, na atuação sobre o mundo, no nosso e no do outro, é condição essencial da existência. Assim como *"a organização do espaço é obra de participação de todos os homens, em graus diferentes de intensidade e até de responsabilidade, mas, de qualquer modo, obra de que nenhum homem pode eximir-se"*[160].

"Mas, se é fatal a participação de todos os homens na organização do espaço, tal participação só conduzirá à harmonia na medida em que ela se transforme em colaboração e colaborar significa agir em comum, com uma mesma intenção, com um mesmo sonho. Para tal é necessário que existam uma extraordinária e intensa compreensão, um respeitar para ser respeitado, um falar uma linguagem que todas as partes em presença possam compreender"[161].

---

numa época de encruzilhada, 2ª Edição (E.S.B.A.P.- Arquitectura), 1985, p. 93.

156 TÁVORA, Fernando em *prefácio Porto*, fevereiro de 1969, PORTAS, Nuno, *A cidade como arquitectura, apontamentos de método e crítica*, prefácio de Fernando Távora, Lisboa, Livros Horizonte, 2007, 1ª edição de 1969, p. 11.

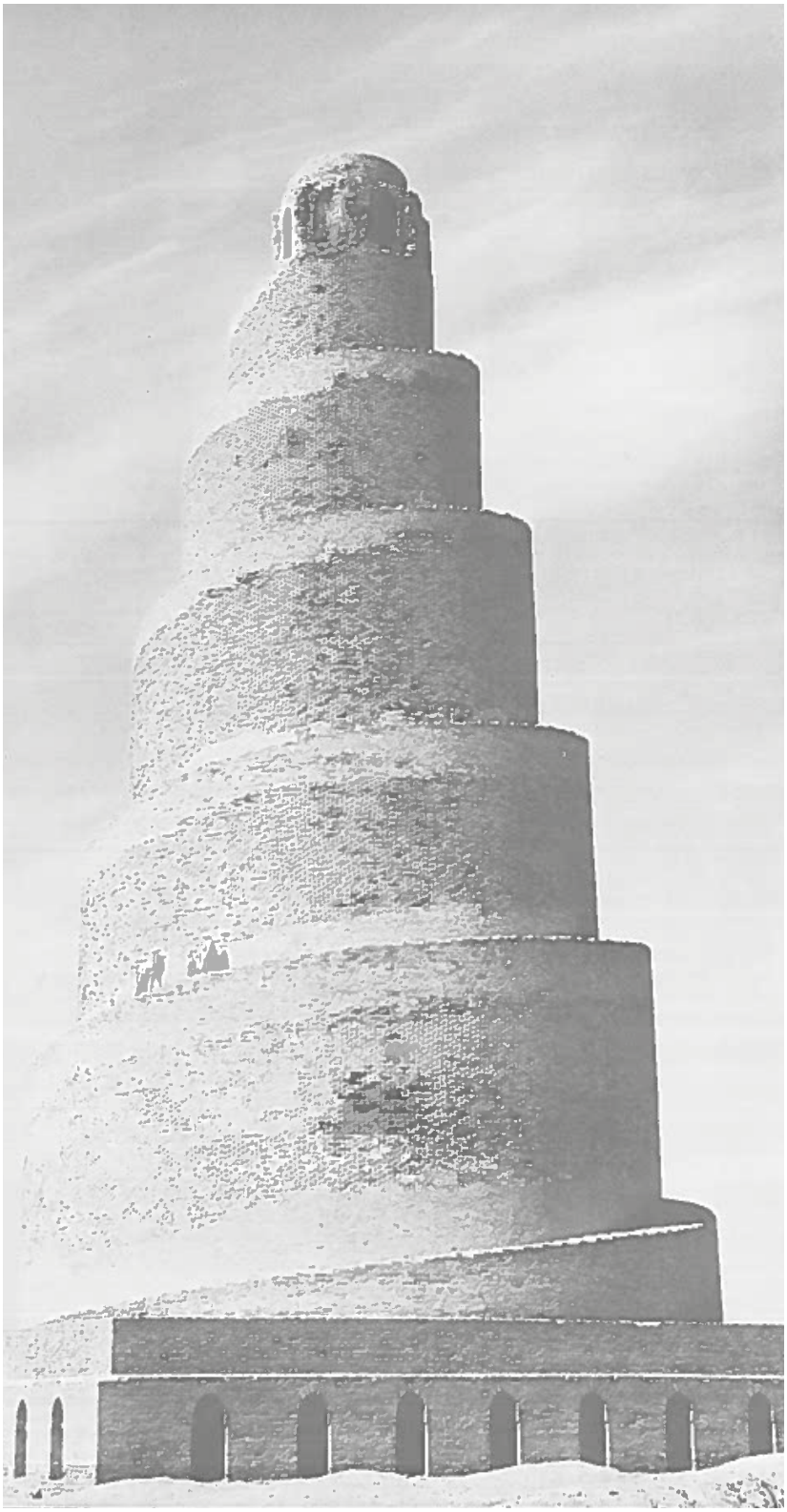
157 PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2017, p. 38.

158 Em *Prémio Luso-Espanhol de Arte e Cultura*, SIZA VIEIRA, Álvaro, *02Textos*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2018, p. 143.

159 PORTAS, Nuno, *A cidade como arquitectura, apontamentos de método e crítica*, prefácio de Fernando Távora, Lisboa, Livros Horizonte, 2007, 1ª edição de 1969, p. 207.

160 TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, prefácio de Nuno Portas, Porto, Edições do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P., 1982, p. 31.

161 TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, prefácio de Nuno Portas, Porto, Edições do Curso de



127| *"A Torre de Samarra no Iraque, construída há onze séculos atrás. A subida de 140 pés tem de ser feita sem a ajuda de corrimões."*

A utopia perpetua, neste século, a vontade de fazer prosperar, em incontáveis aspetos, um universo que ainda é desigual. Numa era de tanto desenvolvimento e de tantas transformações, idealiza-se um mundo em que as vontades de cada um dos indivíduos desta esfera habitada se entrelacem numa só, porque a *"habilidade de imaginar e de sonhar acordado deve ser considerada a mais humana e essencial de nossas capacidades"*[162].

> *"Por outro lado, consistindo a utopia numa idealização da vida dos homens, ela pressupõe uma atitude critica em face de formas históricas da realidade e uma exploração do campo diferencial das possibilidades."*[163]

Considerando que *"circunstância e decisão são os dois elementos radicais de que a vida se compõe"*[164], continuemos a estudar as circunstâncias e a decidir com sabedoria os rumos das vidas, as nossas e as dos outros. Que se continuem a explorar alternativas, através de olhares atentos e focados nos enigmas, para que a história da humanidade se construa vinculada à sabedoria do passado, e cimentada na esperança de um futuro de horizontes partilhados.

> *"Na torre de Babel perdura o símbolo do orgulho que perdeu os homens confundindo-lhes as línguas. Ela representa, de facto, o gigantismo, a paranoia das mentalidades imaturas que polulam como tortulhos, fazendo alarde duma formação livresca pseudo-erudita. «Que os novos arquitectos se lembrem da responsabilidade enorme que abraçam.» Os monumentos apagam-se com o tempo, mas a beleza perdura na atitude que cala fundo no coração de todo o Homem."*[165]

Arquitectura da E.S.B.A.P., 1982, p. 32.

162 PALLASMAA, Juhani, *Habitar,* Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2017, p. 81.

163 TOMÁS, Maria Isabel Gonçalves, *Prefácio*, MORE, Thomas, *Utopia*, Mira-Sintra, Europa-América, 3ª edição, p. 7.

164 ORTEGA Y GASSET, José, *A rebelião das massas,* Lisboa, Relógio de Água Editores, p. 67.

165 FILGUEIRAS, Octávio Lixa, *Da função social do arquitecto, Para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*, 2ª Edição (E.S.B.A.P.- Arquitectura), 1985, p. 108.



128| *"Virtude vernacular. Efeitos verdadeiramente mágicos são várias vezes conseguidos com meios modestos. A cúpula de uma casa de banhos Turca-um turbilhão de estrelas brilhantes, presas,por assim dizer, no seu movimento. Os discos luminosos embutidos na cúpula são grossos blocos de vidro semelhantes a lentes. Iznic, Turkey. Othmanli period."*

notas de viagem ao interior do ser

> *"Hoje é hoje, amanhã será amanhã, é hoje que tenho a responsabilidade, não amanhã, se estiver cega, Responsabilidade de quê, A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam"*[166].

Todo o meu percurso, todas as viagens que fiz, os projetos em que participei, as pessoas que conheci, os momentos em que andei à deriva e outros em que me agarrei de mãos e pés aos lugares e às ideias em que acreditava, transportam-me para um futuro em que almejo servir as causas que constroem tudo o que agora sou.

E, porque *"temos a história aos calcanhares"*[167], o meu hoje começa agora, aliado à esperança da edificação dos sonhos.

Porque o *"homem só é capaz de construir se tiver esperança. A esperança é a santa padroeira da arquitetura*"[168]. Assim sendo, que se continue a acreditar no poder das mãos que são capazes de erguer as ideias. Que não nos recolhamos no perfil do homem-massa, "*cuja vida carece de projeto e anda à deriva*"[169]. Que a ânsia do querer individual caminhe, lado a lado, com a vontade de prosperar o coletivo.

Que se continue a *construir o mundo com a incomodidade.*

---

166 SARAMAGO, José, *Ensaio sobre a Cegueira*, Lisboa, Editorial Caminho, 1995, p. 241.

167 AUGÉ, Marc, *Não-Lugares, Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1994, p. 34.

168 PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2017, p. 72.

169 ORTEGA Y GASSET, José, *A rebelião das massas,* Lisboa, Relógio de Água Editores, p. 67.

anexos

À Conversa com Viviana Lugo Alonso,
conversa datada do dia 19 de junho de 2018

A vontade para a realização desta entrevista/conversa provém da necessidade de completar algumas lacunas de informação que faltavam depois de refletir sobre a experiência de voluntariado em colaboração com a associação Techo no Uruguai, em Setembro de 2016. A Viviana foi coordenadora do grupo em que estive inserida para as construções das vivendas de emergências. Foi também diretora de uma das divisões da Associação Techo, no Uruguai, de 2015 a 2017 e, como tal, tornou-se uma ajuda imprescindível para perceber o modo de atuação da associação, do prisma de uma pessoa que acompanhou o trabalho da Techo durante vários anos. As perguntas foram construídas previamente, embora algumas tenham surgido durante a conversa, e estão predominantemente relacionadas com uma tentativa de entender, a um nível mais profundo, os métodos de atuar da organização, bem como o impacto que esta tem, efetivamente, na vida das pessoas que vivem nos *asentamientos* na América Latina.

Quando te conheci, já trabalhavas há muito tempo como coordenadora na Techo?

Era diretora. Montevidéu está dividido em três zonas, segundo os municípios e havia diretores para cada zona, que ficavam responsáveis por alguns municípios. Os "asentamientos" concentram-se na periferia de Montevidéu, maioritariamente, nas zonas menos consolidadas e onde há terrenos vazios. No resto do Uruguai há outros fenómenos de ocupação, mas não "asentamientos".

Como diretora, quais eram as tuas responsabilidades? Trabalhavas em campo também e regularmente? Lembro-me que foste comigo para as jornadas de trabalho…

Comecei em 2009 como voluntária e continuei a ser voluntária durante bastante tempo. Em 2014 concorri para ser aceite como directora e desde janeiro de 2015 a março de 2017 fui diretora de zona. Éramos três diretores de zona e coordenávamos todo o trabalho que se fazia no território, individualmente, mas trabalhávamos juntos também. Dentro da associação, trabalhávamos no que se chamava a área de gestão comunitária que respondia à direção social. Nós pertencíamos a um regime de contratados, juntamente com aproximadamente 20 outras pessoas, e diretamente no terreno éramos três.

Tínhamos várias tarefas, desde trabalhar em campo, reunir com as pessoas do bairro, com alguma entidade estatal, ou alguma ONG. Para além destes vinte contratados, os restantes colaboradores da associação são voluntários.

O modo de atuar da associação foi mudando consoante o passar do tempo? Parece-me que tu, como acompanhas o projeto há tantos anos, terás alguma opinião sobre uma eventual evolução. Trabalhavam nos mesmos asentamientos, mudaram os modelos de trabalho?

Sim, a associação veio para o Uruguai em 2004/2005, se não me engano. Mas começou precisamente quando o país saía de uma crise económica enorme. Em 2002, aqui, 30 % da população vivia abaixo da linha de pobreza. Foi a maior crise que o Uruguai teve em toda a sua história. E a organização vem, precisamente, desde o Chile, num contexto totalmente vulnerável, por isso, o que inicialmente se começou a fazer foi construir vivendas de emergência. Construíam, construíam, construíam.... Eu entrei em 2009 e ainda seguia esse boom. 70% do trabalho baseava-se na construção de vivendas de emergência. Chegavam a fazer-se até 150 vivendas numa só jornada de construção. O foco estava aí, na emergência habitacional e existia, em paralelo, a área que se chamava habilitação social. Eu era voluntária aí, e havia vários aspetos a considerar. Um era o educativo, baseado em vários programas de apoio escolar para miúdos e adolescentes. Depois havia as hortas comunitárias, nas quais os "vecinos" trabalhavam em conjunto. As "microfinanças" era uma espécie de microcrédito que se dava aos "vecinos" para que pudessem criar os seus empreendimentos, muitas vezes em coletivo. Havia toda uma parte jurídica que assessorava a questão legal dos terrenos, nomeadamente a legalização da terra para que as pessoas fossem donas dos seus próprios terrenos. E a área da saúde. Todas essas áreas em conjunto eram trabalhadas em reuniões semanais com os "vecinos", e as necessidades do "asentamiento" eram postas em cima da mesa. Foi precisamente num bairro em frente ao "asentamiento" em que te conheci, o "de los sueños", que eu comecei a ser voluntária. E aí estavam sediadas todas as áreas. Trabalhávamos todos juntos. Fizemos uma horta com os miúdos e eles eram responsáveis por ela, por regar, cuidar.... Havia um trabalho muito forte a ser desenvolvido, precisamente nesse asentamiento. Mas mantinha-se a necessidade de se continuar a construir vivendas de emergência. Nesse momento, Techo chamava-se, Un techo para mi país. Depois, em 2012, fez-se uma reestruturação e passou a chamar-se Techo e o foco do trabalho passou a ser o que agora chamamos de "Desarrollo Comunitario". O objetivo é potenciar a comunidade, os vecinos, para que de forma "autogestionada" possam trabalhar, e possam fazer projetos autónomos do seu interesse. A primeira coisa que se fazia então, quando

começávamos a trabalhar num novo "asentamiento", era um levantamento de informação, através de inquéritos sobre o nível socioeconómico de cada núcleo familiar, para ter uma ideia da caraterização da população que vivia lá. Faziam-se várias perguntas sobre a comunidade: se alguma vez se tinham reunido, se alguma vez tinham trabalhado em conjunto, se estariam dispostos a trabalhar em conjunto para uma melhoria do bairro... Toda essa informação era reunida por um departamento da associação que se chamava Gestão Social e que estava responsável por recolher toda a informação. Fazia-se um documento que, posteriormente, apresentávamos aos habitantes do bairro - uma espécie de síntese dos problemas coletivos que eles viam como mais emergentes na sua zona, e começavam a trabalhar-se sobre esses temas nas mesas de trabalho. O processo foi amadurecendo ao longo dos anos e, hoje em dia, mantém-se mais ou menos igual. Já não existem os três diretores de zona, existe só uma pessoa, que se chama Diretor de Gestão Comunitária. Em termos genéricos, continuam a atuar da mesma forma. Deixaram de existir os programas de educação, de saúde e outros, e permaneceram só os trabalhos desenvolvidos pela mesa de trabalho semanal e pequenos projetos, que não são mais do que projetos de regularização da luz, da água.... Além disso, há sempre problemas relacionados com a posse dos terrenos. Essa é uma questão muito complicada no Uruguai. Esse problema passou a ser o mais urgente de ser debatido e resolvido.

Como se contorna esse problema da legalização dos terrenos, uma vez que, na maior parte das situações, as pessoas vivem ilegalmente aí?

A maior parte dos terrenos nos quais se situam os "asentamientos" no Uruguai são privados, não são do Estado. Pertencem, geralmente, a alguém que comprou o terreno há 40 anos e nunca o ocupou e, entretanto, já morreu. Os donos são os filhos e há, por exemplo, 15 herdeiros, e ninguém quer ter responsabilidadade ou fazer algo com o terreno. Há muitas sitações deste género. Existe uma lei que diz que se tu passares 30 anos a viver num terreno e que, se durante esses anos foste cuidando dele, fizeste melhorias e construíste nele, mesmo que seja uma construção "efémera", se conseguires provar que durante 30 anos viveste aí, o dono legítimo perde os direitos sobre a terra e o terreno passa a ser teu. Até agora, não há nenhum "asentamiento" que tenha podido ser legalizado dessa forma. Atualmente, eu, paralelamente ao meu trabalho, pertenço a uma espécie de movimento social, que dinamizo com uns amigos, que pretende gerar encontros com os "vecinos" dos "asentamientos" para problematizar o tema e temo-nos juntado muitas vezes com a presidente da junta departamental de Montevideo e ela está a tratar de trabalhar com os "vecinos" para poder aplicar esta lei. Há pouco tempo, saiu



Grupo da construção em setembro de 2016, Montevideu, Uruguai

também uma lei que, em vez dos 30 anos, pode ser aplicada depois de uma ocupação constante durante um período de 5 anos. Esta também nunca se aplicou, até porque acho que tem uma série de contradições legais sobre as quais eu não sei muito. Um amigo que é advogado explicou-me isso por alto e que os juízes, aqui no Uruguai, não estão capacitados, não conhecem a lei. Então, isto é um nadar contra a corrente sempre a evitar os desalojamentos. Não houve muitos nos últimos anos, mas houve. O tema da incerteza é horrível. As pessoas estão num lugar que não é delas e não sabem, se algum dia as podem tirar de lá. Há muitas pessoas que dizem não querer fazer muito pelo bairro porque não são proprietários dos terrenos onde estão instalados e preferem não fazer nada para melhorar uma coisa que, provavelmente, é efémera.

Segundo o censo de Uruguai de 2011, há 589 "asentamientos". Desse número, à volta dos 380 estão situados em Montevideu e desse total de 589, aproximadamente 300 estão implantados em terrenos privados. O resto está implantado em terrenos que pertencem ao Estado. O Estado, regularmente, não desaloja as pessoas. O que se trata de fazer é regularizar a situação desses bairros. Num dos programas de vivendas que o Estado tem com o PMB (Programa de Melhoria de Bairros) financiado pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), regularizam "asentamientos" que estejam em terrenos públicos e que tenham um máximo de 30% da população total a realojar. Se há mais de 30% da população do bairro para realojar, não o fazem, porque é um processo muito demorado. Existe ainda o plano de re-localização, que é outro plano, em que a municipalidade trabalha em conjunto com o Ministério de Vivenda, e o que fazem é realojar famílias que habitam terrenos que são inundáveis, ou que têm problemas de contaminação. Mas são processos muito longos. Têm as suas falhas, são positivos, mas ainda temos muito para melhorar nesse departamento.

Há algum asentamiento em que toda a gente tenha sido obrigada a sair, que tenha sido destruído por completo?

Sim, houve. Em princípios de 2017, aconteceu isso a um que estava no Parque Rivera e ainda a mais um outro. Eram "asentamientos" que supostamente se acabavam de formar e os donos chamaram imediatamente as autoridades e expulsaram as pessoas. Nessa época, houve alguns, 4 ou 5, casos. Desde aí não voltou a acontecer. Agora está a passar-se um fenómeno relativamente novo no Uruguai: bandas de narcotraficantes invadem e ocupam as casas das famílias nos "asentamientos". Vêm com armas e dizem-lhes que têm de ir embora e as pessoas vão porque não têm outra opção. Esses grupos, ou ficam aí

instalados, ou vendem as casas e depois as famílias regressam e já lhes venderam a casa a outra pessoa. Como as casas não são, legalmente, propriedade de ninguém, não há lei que os possa proteger. Não é algo que se passe em todo o lado, mas é um fenómeno que está a acontecer em alguns lugares.

A origem da associação vem do Chile. Achas que o modelo de trabalho também é similar, ou tem muitas diferenças?

Mais ou menos. A Techo adapta-se à realidade de cada país. No Uruguai só agora é que se estão a criar as alianças com o Estado. Sempre foi muito discriminado, primeiro porque havia uma ideia pré-concebida de que todos os voluntários eram de classe alta; depois, pela qualidade dos materiais, que era fraca e o que se conseguia com os apoios que a associação tinha. São vivendas de emergência e há gente que vive em condições piores. Sempre houve uma luta pelo apoio do Estado, enquanto que no Chile, há muito boas alianças com o Estado. Quando foi o terramoto de 2010, toda a reconstrução foi feita pela Techo. Em Valparaíso, há dois anos, no grande incêndio, a reconstrução também foi organizada pela Techo. A associação regularizou os "asentamientos" no Chile. Aqui não. Em cada país, a organização procura adaptar-se. No Chile esta associação tem um peso muito forte e todos os governos, não interessa de que partido político sejam, apoiam a apoiam. No Uruguai não. Além de ter trabalhado com a associação, procuro manter-me informada sobre estes assuntos, estou a fazer o meu mestrado sobre "Habitat y Vivienda", e continuo a informar-me sobre o tema. Até trabalho com o ministério de vivenda, agora. A maior crítica que se costuma fazer ao Chile, com a sua regularização dos "asentamientos", é que se constrói em zonas em que não vive ninguém. Há três meses, estive no Chile e ia pela estrada, de autocarro, e via que as regularizações, esses novos bairros, são no meio do deserto, logo precisas automaticamente de um carro para chegar ao local e não há serviços ou infraestruturas na zona. Há toda uma parte positiva da evolução do trabalho da associação no Chile, tiveram muitas iniciativas de regularização, mas na prática não sei até que ponto serão tão boas. Muitas vezes, as vivendas ficam abandonadas, as pessoas não vivem lá, é muito complicado...

Ainda por cima o Chile é um país enorme, para conseguir gerir-se esse género de questões. Bom, o Uruguai também, mas com muito menos população.

Sim, somos um país muito mais pequeno. 3 milhões e meio de habitantes. Seria muito mais fácil aplicar uma política eficaz. Não se faz, mas seria mais fácil do que no Chile.

Qual é a fonte de financiamento das actividades da associação Techo. Sei que fazem angariações de dinheiro pontuais, mas como funcionam?

No Uruguai, o financiamento é adquirido de várias formas. Uma são as doações fixas, por parte de empresas, que doam dinheiro mensalmente; há empresas que doam dinheiro ou materiais, por exemplo a Sodimac, ou mesmo alguns bancos. Outra forma de financiamento são os fundos de cooperação internacional, aos quais a Techo concorre. Por exemplo, um fundo da embaixada da Suiça para financiar determinados projetos. Ainda pode haver doações específicas de alguma empresa, que queira ser responsável por uma obra. Notaste que no website explicam os vários tipos de construções que é possível fazer-se com a organização. Uma é a construção com as empresas e, nesse caso, a empresa tem que pagar a obra por dois. O dinheiro que sobra serve para ajudar a financiar outros projetos. Depois, a associação tem sócios fixos, pessoas que, individualmente, doam dinheiro de forma mensal- essa é uma fonte de entrada de dinheiro que o Techo tem vindo a querer expandir para a incerteza não ser tanta. E a última forma é a "colecta", que se faz uma vez ao ano, com voluntários que saem à rua e angariam fundos- mas que hoje em dia já não gera tanto dinheiro. Na página online da Techo do Uruguai existe um documento público que discrimina todo o dinheiro que entrou na associação, por ano, e como foi conseguido.

E o estado no Uruguai, não apoia, de nenhuma forma, a associação?

Há algumas ONG's que, em alguns países, têm exoneração de impostos e muitas empresas doam dinheiro a essas ONG's para exonerar os impostos, mas no Uruguai a Techo não tem isso, então quando uma empresa doa não pretende libertar-se de nenhuma obrigação legal. O que existe, hoje em dia, é muita coordenação do trabalho no terreno com entidades estatais. Trabalhamos com os municípios em alguns projetos, trabalhamos em conjunto algumas obras. Sempre ao nível do trabalho feito em campo, esta cooperação, nunca a nível económico.

A minha tese, como te tinha comentado, incluí uma análise sobre a participação, na construção e na arquitetura. Às vezes, estes processos, este envolvimento da comunidade na construção poderá ser um motivo de sobrecarga para as pessoas dos bairros, porque trabalham, estão a ceder o seu espaço e está gente desconhecida a trabalhar e a "invadir" a sua privacidade. Estas pessoas também estão a dar parte do seu tempo para ajudar. Lembro-me de estar nos asentamientos e muita gente nos contava que tinha emprego, que trabalhavam fora do bairro... Mas não consegui entender a situação laboral da generali-

dade das pessoas. Tens alguma ideia, se as pessoas costumam trabalhar fora dos bairros, a tempo inteiro, se estão desempregadas? Se têm alguma fonte de rendimento ou alguns não têm?

A maioria das pessoas trabalha, mas no mercado informal. O mercado é muito instável e o pagamento é, geralmente, muito mau. Às vezes podem estar seis meses a trabalhar e depois ficam sem trabalho. Geralmente estão no mercado informal. Ou trabalham no mercado formal, 8 horas por dia, e ganham o mínimo possível e podem demorar uma hora ou mais para chegar ao trabalho. Depois, há pessoas que sim, não têm trabalho. Geralmente as mulheres que são mães solteiras não trabalham fora de casa e vivem de um subsídio que o governo dá (à volta dos 100 dólares americanos por mês). À parte desse subsídio, sobrevivem com alguns trabalhos nas feiras, ou andam de autocarro em autocarro a vender alguma coisa. O custo de vida no Uruguai é altíssimo, comparado com os salários.

Sim eu lembro-me. Eu pagava muito mais por um quarto aí em Montevideo do que em Portugal, no Porto.
O nível de participação nos asentamientos é elevado? As pessoas estão dispostas a ajudar? Notas que são receptivas ao trabalho da Techo ou, pelo contrário, preferem manter-se afastadas? Em 2009 quando tu entraste, as pessoas já conheciam o trabalho e eram recetivas?

Nas iniciativas de construção de vivendas de emergência, eu construí, não sei ao certo, mas perto de 30/40 vivendas e apenas numa ou noutra situação, a família não participou. Se se fez um bom processo de contacto com a família e com o bairro, a priori, há sempre participação e vontade de ajudar, em 90% dos casos. Depois, o que tem a ver com o comunitário, ir às reuniões, com os vizinhos, convocar reuniões, aí, não há grande vontade. Não sei se é um tema cultural, mesmo dentro do Uruguai, porque há países onde esta parte funciona muito bem. Por exemplo, o Peru, a nível comunitário, teve avanços super grandes. Aqui, às vezes, nas chamadas mesas de trabalho, iam 3/4 pessoas apenas. Quando se fazem atividades mais pontuais, com mais ação, aí vê-se uma maior participação. Para a parte da problematização, juntar os vizinhos, é mais difícil. Acho que isso também faz parte do mundo no qual vivemos, pois somos muito mais individualistas e gerar um sentido de comunidade não é fácil, em nenhum lugar do mundo. Não sei se isto é um tema só dos "asentamientos", porque o Uruguai é pioneiro nos movimentos cooperativistas. É dos países que mais cooperativas de vivendas têm no mundo. As pessoas que

estão nesses movimentos, trabalham à volta de 25 horas por semana numa construção que depois é sorteada entre todos, e não sabes se vai ser tua ou de outro. Isso é uma coisa que se tem vindo a questionar. A quantidade de horas que cada um tem de trabalhar na vida, mais as horas que trabalhas na construção, a levantar tijolos e a fazer outro tipo de esforços, para além do teu trabalho "normal".

Nem toda a gente está inserida nesses movimentos, pois não?

São grupos que se formam. Há muitos e funcionam de diferentes formas. Uns, por exemplo, recorrem a terrenos que a câmara cede, ou então compram o terreno. O Ministério de Vivenda às vezes vende a empréstimos e eles têm de ir pagando as cotas. Há assembleias e todos têm diferentes modalidades de pagamento. Algumas cooperativas exigem que tenhas algum dinheiro prévio. Hoje em dia, há muita gente que integra as cooperativas porque ainda é mais barato que comprar uma casa. Mas, claro, o senão do cooperativismo é que são bens coletivos, não são próprios, não podes vender a casa, por exemplo.

Mas pertence-te até que morras, e depois passa para os teus herdeiros?

Sim, claro, depois podem ficar os teus filhos com ela. Passa de geração em geração. Isto é um fenómeno que se estuda no mundo e o caso do Uruguai, especificamente, porque é enorme. Não sei exatamente quantas cooperativas há, mas são imensas. Já foram representantes de cooperativas a vários países dar conferências sobre este fenómeno, por exemplo à Suiça, ao evento do Habitat 3 também, que se realizou agora no Peru. É um movimento muito forte e envolve muitos aspetos, porque gerir um bem coletivo, num mundo como o de hoje, não é muito fácil.

É muito interessante a ideia, mas estares a ceder o teu tempo para também ajudar um coletivo de pessoas, sem saber quando terás a «tua» casa, é um conceito que pode ser difícil de assimilar.

Por exemplo, eu perguntava sempre aos voluntários quando estes se frustravam já que os "vecinos" não iam às assembleias ou às mesas de trabalho: se no teu bairro fizessem uma reunião, para falar de algum problema, tu irias?! E a realidade é que muita gente não iria. E, às vezes, estamos a exigir coisas aos outros que não fazemos na nossa vida quotidiana, e estamos a exigi-lo a pessoas que por vezes têm necessidades mais emergentes que as nossas, por exemplo comer. Não sei.... Nota-se, no entanto, muita participação e interesse quando se passa algo, fora do normal, no bairro. Por exemplo,

quando há inundações ou algum roubo.

Sim, é natural, as pessoas tendem a juntar-se muito mais quando há alguma "calamidade". E as reuniões normalmente realizavam-se uma vez por semana? E dentro dos asentamientos?

Sim, normalmente eram reuniões semanais, ao fim de semana, que é quando os vecinos e os voluntários têm mais disponibilidade. Quase sempre ao sábado às 4 da tarde. Usualmente realizavam-se num "centro comunal", que é um espaço formado por duas vivendas de emergência juntas. Alguns "asentamientos" já têm algum lugar designado de "centro comunal" e aí reúnem-se os coordenadores dos bairros, que normalmente são dois, e os "vecinos" para debater problemas. Mas dependia muito dos bairros. Em alguns reuniam-se de 15 em 15 dias, noutros, ao sábado eram as reuniões e aos domingos havia alguma actividade. Dependia muito da realidade de cada bairro; ia-se adaptando conforme era necessário.

Houve um "asentamiento" que conseguiu comprar o terreno onde estava situado. Era um terreno que passou a pertencer ao banco BBUVA. Os habitantes conseguiram negociar com o banco, geraram uma cooperativa e, atualmente, pagam cotas para ser donos do terreno. Noutro, o chamado "7 de diciembre", também aconteceu o mesmo e, neste caso, os habitantes já são donos dos terrenos. São casos excecionais, mas existem. Ainda que as reuniões sejam conflituosas entre as pessoas do bairro, conseguiu-se esta proeza.

E nesse caso entra-se num novo nível de trabalho. Porque as pessoas já são proprietárias, deixa de ser uma ocupação efémera... E a Techo tem algum plano a longo prazo, para os bairros? Os planos vão-se fazendo de ano a ano, de acordo com as necessidades que vão surgindo, ou há alguém responsável por estudar e delinear um plano a longo prazo, objetivos...?

Vai-se vendo sempre ano a ano. Eu, como ex-directora, posso dizer-te que era uma das falhas que via. Às vezes, começavam-se as intervenções, nos "asentamientos", sem planos concretos e, passado uns meses, as pessoas abandonavam os bairros. Como profissional da área social, acho que se precisa de ter metas a curto, médio e longo prazo, mas o longo prazo, nestes casos, era um ano. Havia uma área da oganização que se chamava "desarrollo del habitat" que, de alguma forma, tentava projetar a longo prazo, mas só se fazia esse projeto para determinados asentamientos.

No que concerne à organização estrutural dos bairros, pelo que vi no Uruguai e na Ar-

gentina, senti que não havia qualquer tipo de organização. Creio que esta desorganização foi mais sentida na Argentina até, do que no Uruguai. Organização no que diz respeito ao lugar de construção das vivendas de emergência, que me pareceram construídas um pouco arbitrariamente, não existência de caminhos nos bairros, infraestruturas... A Techo não trabalha tão afincadamente sobre essas questões, pois não? Lembro-me de uns processos de instalação de saneamento que foram feitos, mas não pareceram ser iniciativas frequentes.

Nesse asentamiento do qual te falei, o "7 de diciembre", conseguiu fazer-se o saneamento. No departameto do "desarrollo do habitat" trabalha uma engenheira e uma estudante de arquitetura e vão estudando essas questões. A questão do construir/desenvolver urbanismo nestes locais é difícil. Eu não sou das pessoas que pensa que se deve tentar gerar urbanismo onde ele não existe. Em bairros em que passa um só autocarro na zona e a escola mais próxima fica a 3 kilómetros, não sei até que ponto se pode pensar em gerar urbanismo. Requeriria muitissímo investimento e uma ONG como a Techo não o pode fazer. Por parte do estado sim, seria possível fazer projetos desse calibre, mas, para uma ONG, este género de projetos não está dentro das suas possibilidades. Em alguns lugares sim, pode ser que seja possível e é viável, depende muito do sítio em que o bairro está inserido. O "asentamiento" em que trabalhei contigo, por exemplo, é um lugar que está a 4 quarteirões de uma avenida, tem escolas perto, centros de apoio às crianças, uma "policlínica", um terminal de autocarros novo a 15 quarteirões, ou seja, tem potencial. E tem saneamento próximo e rede lumínica também. Então, tem potencial para se poder chegar a gerar algo... A maior parte dos "asentamientos" está muito mais longe de qualquer uma destas infraestruturas e, para mim, não têm possibilidades. Isto é uma discussão que se tem vindo a popularizar. Há um arquiteto que fez uma tese de mestrado muito boa que discute a fragmentação social e urbana do Uruguai. Viste que Montevideo se divide em três: a zona central e urbana, a zona intermédia onde estão os bairros de classe média e a zona periférica, onde estão todos os "asentamientos". O que propõe, a tese dele, é que se têm que povoar sobretudo as zonas intermédias, as zonas onde ainda há urbanismo e onde há mais possibilidade de se continuar a gerar cidade. Eu concordo em parte com a teoria dele, conhecendo o que é o caso de Montevideo. Muitos programas do estado basearam-se nessa tese, em alguns aspectos, nem todos, porque é uma tese que tem muito peso aqui. Pelo menos, todos os que estudamos toda a parte de urbanismo e habitat e vivenda, conhecemo-la.

É da FADU? Como se chama o arquiteto?

Sim é, chama-se Jack Uriel! Não é fácil gerar urbanismo quando há coisas mais básicas que estão em falta. Na parte do "desarrollo de habitat", o Uruguai foi bastante pioneiro; a Argentina recentemente começou com esse programa. Por isso se calhar notaste a diferença entre os bairros.

Também creio que fui para os asentamientos na Argentina com muito mais perceção daquilo que iria ver, porque já não era a primeira vez que me deparava com aquela realidade, e estive muito mais atenta a este tipo de questões. Existe algum estudo dos resultados destas intervenções? Há alguém responsável por estudar as melhorias conseguidas com o trabalho feito pela Techo? Algum tempo de reflexão/estudo, reunião dos voluntários, ponto de situação do que se vai fazendo, durante o ano...?

Há uma reunião a meio do ano, onde se faz uma espécie de avaliação do trabalho feito até então e depois, em dezembro, avalia-se todo o ano para se fazer a planificação do seguinte. O que fazíamos enquanto diretores de zona, era avaliar com os "vecinos" e com os voluntários o ano, pelo menos essa era a minha forma de trabalho. E, depois, nessas reuniões levava essas avaliações, juntamente com a minha perspetiva para a discussão. Obviamente que, para mim, era super necessário que estivessem reunidas as opiniões de todos, tanto dos "vecinos", como dos voluntários. Claro que este processo se foi construíndo. No início, não se faziam avaliações e reflexões dessa forma e hoje em dia não sei se continua a funcionar da mesma maneira. Estas reuniões tinham muitos aspetos positivos, mas também alguns negativos porque se propunham, geralmente, ideias e projetos que eram, para mim, muito idealistas e que nunca se conseguiam alcançar. Por isso, era frustrante porque nunca se superava a meta. Na minha opinião, faltava um pouco de preparação relativamente à avaliação. Sei que continuam a fazer as reuniões em dezembro, mas não sei se mudaram a metodologia, se continuam a fazer as reuniões com os "vecinos" no fim do ano... Mas as minhas reuniões chegavam a demorar 4 horas e havia ideias muito boas, por vezes.

Como era feita a eleição das famílias com prioridade para receber uma vivenda de emergência? Fazia-se um estudo prévio das necessidades e condições de cada família suponho, mas como funcionava o processo?

Fazia-se um inquérito primeiro, chamado "encuesta de asignación", coordenado pela área de investigação social e perguntava-se sobre aspectos socio-económicos, composição do agregado familiar, quanto gastavam por semana, se tinham algum problema de saúde.... Havia certos requisitos base para poderem ser selecionados: ser maior de 18

anos e viver há mais de 6 meses no "asentamiento". O inquérito funcionava por pontuação, mas claro que se tinha sempre em conta a opinião do voluntário que tinha feito o inquérito e fazia-se uma síntese dos dois factores para a escolha das famílias prioritárias.

Disseste que o modo de atuar da Techo foi mudando ao longo do tempo, que deixou de existir toda a área do trabalho com a saúde, mas os programas de capacitação dos habitantes num determinado ofício não terminaram ou sim? Como funciona, há cursos que são dados no local, formadores?

Não, isso era um dos programas que havia, mas que deixou de existir. Techo associava-se com alguma academia que quisesse participar e lecionar os cursos; as pessoas increviam-se e ficavam especialistas numa determinada área. Depois, algumas começavam os seus próprios empreendimentos, outros faziam os cursos e ficavam por aí, mas foi decidido fechar-se esse programa. O argumento que a organização teve para terminar com esse programa foi que não havia, a partir dos cursos, inserção no mercado de trabalho. Para mim era um projeto muito bom, este. Techo está sempre a mudar, pode ser que o programa volte a ser implementado. Agora, os enfoques de trabalho são a construção das vivendas de emergência e o desenvolvimento comunitário, com as reuniões e mesas de trabalho.

É pena, que tenha terminado esse programa. Poderia ter muito potencial.

Sim, mas pelos estudos feitos, não haveria um contributo efetivo para a melhoria da situação das pessoas porque a maior parte delas não fazia nada com os cursos quando os terminava. Há, igualmente, programas deste género, iniciativas do estado que oferecem cursos, mas são para um público específico, por exemplo, para pessoas que estão desempregadas. No "seguro de paro", (nos seis meses depois de alguém que trabalhe no mercado formal perder o emprego), o estado atribui um subsídio, que vai diminuindo de mês para mês à medida que o meio ano termina, para incentivar a procura de um novo trabalho, ou então para gente que trabalha em empresas que estejam associadas a academias/escolas. Esta informação tem de ir casa por casa, é a forma como se chega às pessoas. Neste momento, muita gente não sabe como chegar a essas e outras oportunidades.

À Conversa com Maxim Malhado

conversa datada da primeira semana de setembro de 2018

Esta conversa, realizada num formato bastante informal, num período de tempo que se prolongou por vários dias da primeira semana de setembro de 2018, foi fundamental para perceber como surgiu a Esteio e as alterações da qual foi sendo alvo, ao longo dos anos. Maxim Malhado é um artista brasileiro que eu conheci quando participei na construção da Esteio, no Uruguai, em 2016, inserida na Bienal de Arte de Montevideu.

A Esteio surge num contexto diferente daquele em que eu a conheci, na Bienal de Arte de Montevideu. Tinha lido alguns artigos sobre o projeto e a experiência da Esteio na Bienal da Bahia pareceu-me distinta, quase que um museu, com exposições e intervenções de outros artistas… diferente daquilo que se apresentou em Montevideu.

Como é que surgiu a ideia de fundar esta galeria de arte? Porque a Esteio era uma ideia que já vinha de trás? Como é que surgiu a ideia inicial e depois como é que progrediu para a forma como foi apresentada na Bienal da Bahia e nas Bienais seguintes? Fale-me um bocadinho dessa evolução. O Maxim sempre esteve envolvido nestas dinâmicas? E também gostaria que partilhasse como foi a participação das pessoas no processo. No Uruguai, sei que esteve mais relacionada com a construção, levada a cabo pelos estudantes, da estrutura da Esteio mas, pelo que eu vi, na Bahia, foi um acontecimento muito mais dinâmico, envolveu a comunidade, outros artistas e outros projetos… Gostava que me falasse um pouco dessa parte. Como é que o projeto se foi adaptando às diferentes circunstâncias e aos lugares em que foi exibido ao longo destes últimos anos.

A Esteio existe, como espaço, sem o nome Esteio, desde 1994. Nasceu na década de 90, no interior da Bahia, aqui no Recôncavo, numa vila de menos de 2000 habitantes, chamada Sítio Novo que pertence ao Município de Catu. Eu apropriei-me de uma casa que o meu pai estava a construir, para receber amigos e parentes quando viessem para as festas no interior. Transformei essa casa criando um espaço para a arte, para expor umas ideias que eu tinha. Porque aqui era difícil, na época, e continua a ser difícil e escasso, encontrar um espaço para materializarmos as nossas ideias. Então, eu organizei esse lugar para expor os meus trabalhos. Expus lá em 94, 95, e em 96 não fiz nada. Em 1997 voltei a inaugurar o espaço, com o nome Esteio: Galeria de Arte. Na verdade, a Esteio fazia parte de um projeto maior que era o projeto "Arte na Vila". Dessa forma, a galeria sobreviveu até 2005.

Em 2013, com a chegada de um novo diretor ao Museu de Arte Moderna da Bahia, o Marcelo Resende - porque ele tinha um historial em São Paulo e já tinha organizado bie-



Abertura da Relicários do Paraíso, de Luiz Ramos, Galeria Esteio, VILLA, Gillian







Memorial Esteio – Lançamento do Catálogo e Samba de Roda de Massarandupió, VILLA, Gillian

nais - surgiu a ideia de ele fazer uma Bienal aqui. Foi nesse momento que o Marcelo teve conhecimento da Esteio. Alguém lhe deve ter chamado a atenção para esse lugar que eu tinha criado e ele, querendo fazer uma bienal diferente, fora desse modelo de Bienal que conhecemos, convidou-me para levar a Esteio para dentro da Bienal e organizar eventos durante 90 dias. Isso era tudo o que eu queria! Levar a Esteio aos outros, a que as pessoas conhecessem o meu pensamento, as minhas ideias e mostrar-lhes o modo como eu concebia a arte… Com a ausência do entrave financeiro, aceitei de imediato o convite do Marcelo.

Na Bienal, a ideia seria então construir essas três casas. Numa das casas, eu expus um pequeno acervo, e para as outras duas casas, convidei mais de dez artistas para fazerem intervenções, lançamentos de livros, exposições…. sempre à espera que os artistas produzissem algo que não se limitasse só à questão visual. Eu queria mexer com outros sentidos do ser humano. É dessa forma que surge a Esteio dentro da Bienal da Bahia de 2014. Ela abrigou muita coisa, teve muitos eventos. A própria organização da Bienal apoiou-nos muito para que as coisas fossem realizadas.

Nessa altura, nas duas casas da Esteio, havia sempre eventos a decorrer; de 15 em 15 dias, havia um novo evento. Foram 90 dias de muita festa, muita discussão, porque eu propus também encontros com artistas, exposições, samba… O curador, o Marcelo, deixou-me bastante livre para fazer o que queria e eu quis partilhar, convidar esses artistas, que gostaram da ideia de expor. A Esteio foi quase uma bienal dentro da bienal. Foi vista dessa forma também.

Quando a Esteio passou, da Bahia para Montevideu, ela mudou completamente. O curador, o Alfonso, que me chamou para a Bienal de Montevideu, também me convidou agora para a bienal do Mercosul, em abril de 2018, realizada em Porto Alegre. O formato da Esteio nas duas últimas bienais foi o mesmo. Não havia essa intervenção de artistas, não havia essa participação do público, tal como houve na Bahia. Houve participação de outros só na construção da obra. Aí foi outra discussão.

Todo o contexto da Esteio, mudou completamente, quando ela se instalou naquele prédio neoclássico aqui em Porto Alegre e, em Montevideu, no palácio legislativo. A Esteio entra nesse espaço sumptuoso, para fazer um confronto.

A Esteio torna-se assim uma casa de taipa, que perpassa por vários lugares, que se propõe discutir a ideia da coletividade, a ideia do outro e, principalmente, a ideia da simplicidade.

Viste que a construção no palácio legislativo é no formato que é, e a Esteio é muito simples. E muda completamente desde a ideia inicial. Eu também gosto disso, também me preenche, essa discussão da arquitetura, esse universo da arquitetura e da casa acompanha-me.



Memorial Esteio – Lançamento do Catálogo e Samba de Roda de Massarandupio, VILLA, Gillian



Abertura da exposição "Pratos Para Serem Lidos", da artista alagoana Ediane do Monte, na Casa da Palavra, da Esteio Galeria de Arte - Escola de Belas Artes - UFBA, CARVALHO, Lara

Discute outras questões que eu também gosto: essa questão do morar, da moradia, do que a casa representa como corpo, como nosso lugar, que deslocamos o tempo inteiro. É mais silenciosa, a Esteio. Ela tem um silêncio, porque aqui na Bahia ela cria movimento e de certa forma ela silencia – é uma questão poético-filosófica do trabalho; é uma questão antropológica... Foi isso que ela ganhou com este novo formato. Não o vejo como uma perda, só muda todo o contexto.

Parece-me muito interessante esta metamorfose que o projeto sofreu, porque levanta questões distintas em cada lugar. Na Bienal da Bahia, como é que as pessoas reagiram à Esteio, ao espaço em que foi colocada? Pelos vídeos que eu estive a rever, parece estar no meio da cidade, numa praça… Como é que foi a dinâmica com as pessoas da cidade? Houve muitas visitas à bienal e à Esteio? As pessoas eram recetivas ao projeto? Houve visitantes de fora de Salvador?

A Esteio foi montada na escola de Belas Artes, bem no centro de Salvador, e foi construída mesmo dentro da escola, que também tem um prédio antigo e que está rodeado de prédios com uma arquitetura mais atual. Também aí existiu esse contraste, assim como nos dois palácios das outras Bienais, do Mercosul e de Montevideu. Houve esse contraste sempre, esse diálogo…

A recetividade foi muito grande, tivemos muitas visitas à Esteio e à Bienal, quer das pessoas da comunidade, da cidade de Salvador, quer de gente de fora e do interior também. E as pessoas, quando viam a casa instalada ali no centro de Salvador, na escola de Belas Artes, ficavam bastante surpreendidas com o que estavam a ver: uma casa de taipa… Algumas pessoas não conheciam essas construções, outras conhecem e, se têm raízes no interior da Bahia, ficavam emocionadas por verem de novo aquela natureza a ser representada. Havia reações de todos os tipos. Houve uma senhora índia que não teve uma reação boa, porque ela não gostou de ver aquilo da forma como estava construída. Eu não cheguei a vê-la, mas contaram-me a sua reação. Houve reações de todo o tipo e muitas pessoas emocionadas. Os artistas também gostaram de toda a dinâmica, assim como os estudantes de belas artes. Porque havia muitos eventos, várias vertentes, os encontros teóricos… E houve música, literatura...Teve os gostos, os sabores, os sentidos…

O facto de a construção das casas ter sido no meio de uma escola de Belas Artes foi um choque, para algumas pessoas. No entanto, outras pediram para que as casas se mantivessem naquele espaço. Não foi possível já que os professores da escola se queixaram da manutenção e porque há uma discussão muito grande em relação às construções em taipa, aqui na Bahia. Muitos preconceitos também. A questão do bichinho do barbeiro, assusta muito as pessoas. Mas isso é uma questão muito extensa, que não vale a pena desenvolver aqui.



A construção da Esteio Galeria de Arte, do artista Maxim Malhado, MASCARENHAS, Alfredo





Sem título, Bienal da Bahia

Como é que a Esteio passa deste formato de galeria na casa do seu pai, (que suponho que não fosse construída em taipa), para o registo das três casas em taipa, e agora só uma? Uma casa que não deixa de ser uma galeria e que se transformou quase num museu ambulante, que anda por vários lugares? Como é que surgiu a ideia de construir as casas nesse registo: com a terra, com a madeira, com o bambu?

E a ideia de incluir a participação dos estudantes na construção da estrutura da casa de taipa em Montevideo, como é que surgiu? Não sei se em Porto Alegre também funcionou da mesma forma… Porque para nós, alunos da disciplina de Arquitetura com Terra, participar na construção da Esteio, foi uma experiência muito positiva. E na Bahia, como foram construídas as três casas em taipa? Foram voluntários, ou eram trabalhadores pagos?

De facto, como disseste, a casa construída para abrigar convidados, pelo meu pai, não era de taipa. Mas esse universo da casa de taipa é um universo do qual eu gosto muito. Já vivi muito essa realidade e, esteticamente, plasticamente, é algo que me atrai. E não só… também funcionalmente. Porque ela funciona. A casa em taipa conserva a temperatura ambiente. É quente, no sentido de propor encontros; é um lugar que abriga. A casa de taipa abriga, em todos os sentidos, não só como morada, mas por ser também muito confortável. Então acaba por abrigar o corpo inteiro: a alma, o espírito, o corpo, o físico… tudo o resto... A questão poética para mim é muito importante. Essa coisa de integrar os sentidos e o humano. A casa de taipa possibilita esse lugar.

Acabaram por ser três casas, já que eu pretendia convidar muitas pessoas para estarem dentro da bienal, pessoas que talvez não tivessem a oportunidade de expor uma ideia, de outra forma. Porque isso foi o princípio da Esteio. Não existia um espaço para eu expor o que eu pensava, as minhas ideias, a minha obra…. Então, eu quis chamar as pessoas em quem eu acreditava para expor. Pessoas que poderiam acrescentar algo à Esteio e a quem a Esteio pudesse fornecer espaço para que estas apresentassem as suas ideias. Foi por isto que eu propus esse formato das três casas. Eu fiz uma maquete, uma escultura com as três casas, que se organizariam umas ao lado das outras mas, no processo de elaboração do projeto, as casas acabaram por separar-se e surgiu uma praça. Esta praça é uma coisa que eu gosto muito, uma coisa que remete para a vila, para o conjunto. Isso é outra coisa que me atrai muito. E a obra terminou por ser tudo isso. As três casas e, no centro do espaço que elas criavam, uma praça, uma grande praça, onde se realizaram vários eventos. Terminou por abrigar muitos desejos e sonhos meus.

Espero estar a conseguir clarificar as coisas e responder às tuas questões. Eu prezo muitas coisas, condutas, diante da vida das coisas do mundo, de várias maneiras… Eu nunca sou rígido com as coisas, nunca é nada muito bem definido para mim. Nunca nada é absoluto e resolvido. Na construção, em Salvador, houve uma equipa que eu trouxe do interior. Gente



Sem título, Bienal da Bahia



Sexta-feira, dia 9 de maio, Bienal da Bahia



Terça-feira, dia 13 de maio, Bienal da Bahia

que faz casas de taipa. Eles vieram comigo, seriam umas 10 pessoas, porque na Bienal da Bahia teria de ser muito rápida a construção e, como seriam três casas em pouco tempo, eu procurei pessoas que já tinham experiência e agilidade naquele género de construção. E as coisas mudam, como mudaram de Bienal para Bienal também.

A Esteio muda ao ir para Montevideu, por várias circunstâncias, que são somatórias, e a galeria vai acumulando saberes. O contacto com o Julio Demicheli, que eu não conhecia, foi possibilitado pela própria bienal. A organização é que me apresentou o Julio. Ele trabalhava muito com a construção em bambu, e mudou as varas das casas aqui da Bahia para bambu. Para mim isso foi algo novo: o bambu não é um material fácil de conjugar com a construção em taipa. Pelo menos, não na forma como se constrói aqui na Bahia. Foi preciso inovar a técnica para segurar o barro, porque o bambu é muito liso. Isso foi uma das questões que não estavam em causa na Bahia e que em Montevideu se tiveram que resolver. Também teve de começar a construir-se pelo chão porque não se podia cavar, nem usar pregos…. Toda a conceção mudou e eu propus um diálogo, se fosse possível, com estudantes de arquitetura ou não, porque eu gosto de falar sobre o trabalho, de discutir, de trocar ideias com as pessoas do lugar. Foi assim que eu propus integrar os estudantes na construção. Ter essa participação de estudantes de arquitetura e de arte pertinho de mim foi muito bom, porque eu gosto das experiências coletivas. A Esteio também é construída dentro de uma visão coletiva. A relação com as pessoas, com a vila. Eu faço muitas obras em torno da vila, em torno dessa conceção, dessa coletividade.

A galeria mudou, no melhor sentido possível, porque ela ganhou muitos parceiros e outra conotação, em Montevideo. Já em Porto Alegre, não contou com a presença de estudantes, mas a Bienal convidou vários jovens, que eram assistentes na construção. E eu tive a oportunidade de aprender muito com eles.

Para mim, essa mudança é só ganho, porque eu não tenho nada como fixo e rígido. A felicidade não é e não está no passado, no presente, e muito menos no futuro; ela não está num lugar fixo no espaço. A felicidade, para mim, apenas é.

É assim que eu vejo a vida e só agradeço essas inúmeras formas em que é possível construir a Esteio. Conversando contigo, eu já pensei em inúmeras outras possibilidades de construir a Esteio.

No Mercosul, este ano, um curador Do Museu de Arte Contemporânea da Califórnia ficou muito interessado na Esteio. Quem sabe, talvez exista a possibilidade de levar a galeria para lá…

À Conversa com Alejandra Hernández
conversa datada de 6 de setembro de 2018

A conversa com a Alejandra justifica-se pela necessidade de compreender o projeto Adobe for Women, através de um ponto de vista mais pessoal. Tendo seguido o projeto à distância, a perspetiva que tenho sobre ele é meramente a de uma espectadora externa. Daí a vontade de acrescentar, neste trabalho, a visão de alguém que nele participou como voluntária. É deste modo que se fundamenta a introdução, neste documento, de uma curta conversa com a arquiteta Alejandra.

Gostava que me falasses brevemente da tua experiência como participante no projeto. Em que ano é que integraste esta iniciativa e durante quanto tempo? Como se organizava o voluntariado? Como descobriste que estavam a desenvolvê-lo em Oaxaca? Quando o integraste estavas a estudar na Unam, pelo que me recordo de me contares. Como é que funcionavam as construções? Vocês, voluntários, tinham ajuda de profissionais, à parte dos arquitetos envolvidos? Fala-me um bocadinho desses pontos e do modo como iniciaste este desafio do Adobe for Women.

Sim, eu estudei na UNAM e conheci o João em 2012, mas, quando o conheci, já tinha terminado o curso, já era arquiteta. Conheci-o num workshop (taller) que ele organizou sobre a construção com bambu. Foi o seu primeiro taller. Eu vi um cartaz que ele tinha feito relativo ao taller, num café, e inscrevi-me, paguei o workshop e aí foi onde conheci o João e o Fluvio, que trabalhava com ele. Nessa altura, eu estava a trabalhar no Distrito Federal. Conheci o João, ele viu como eu trabalhava, e fez-me o convite para ir a Oaxaca para participar no projeto do Adobe for Women.

Explicou-me que o voluntariado era de quinze em quinze dias e eu alinhei. Portanto comecei a ir quase no último ano do projeto, eles já estavam quase a terminar, faltavam umas últimas 5/6 casas. Eu cheguei precisamente na etapa em que os muros de adobe já estavam quase ao nível do teto. Pelo que me contaram, o projeto tinha quase três anos de atividade, bom, dois anos. E nessa altura ainda estava envolvido o arquiteto Santibáñez que foi com quem também se trabalhou. Fui, penso, três vezes desde o Estado do México até à Mixteca com eles. Foi na Mixteca, em Ayuquillila e em San Juan de Mixtepec, onde se fizeram as 21 casas de adobe.

Fez-se o projeto em colaboração com a fundação Harp e foi-se juntando dinheiro doado e recursos. O João, na realidade, pôs muito do seu dinheiro e outros recursos ao dispor:



Casa da Elena, Oaxaca, México



Casa da Rosa, Oaxaca, México

a camioneta, ferramentas, outras coisas…. Normalmente, era ele quem dava o dinheiro para que nós fôssemos construir. Quando vim viver para Oaxaca, já eram mais seguidas as idas à Mixteca e íamos normalmente a cada 15 dias. A mim calhou-me a parte de pôr os tetos e as telhas.

Fazia-se uma convocatória pela internet, por Facebook, para chamar os voluntários. Saíamos aos sábados de madrugada para chegar à Mixteca às 10 da manhã, já que eram 3/4 horas de caminho. Normalmente íamos sempre mais de cinco ou seis. Houve ocasiões em que fomos 20 pessoas e de todo o tipo: estudantes, estrangeiros, com distintas profissões, não só arquitetos ou estudantes de arquitetura.

Quando eu cheguei, já as construções estavam muito adiantadas e julgo que tiveram, no princípio, profissionais que ajudaram a fabricar os adobes, mas, quando eu integrei o projeto, já toda a gente sabia trabalhar com o adobe e sabia as técnicas de construção. O João já tinha experiência nisso e, então, ele fazia a proporção. Éramos nós, praticamente, os pedreiros (mestres albañiles). Não tínhamos pedreiros verdadeiros em nenhuma casa. Nós é que fazíamos tudo. Eu estive em quatro casas, cinco aliás, e era um pouco difícil a construção porque em algumas a terra não estava tão perto, a água também não…Tínhamos de transportar as coisas para poder pegar nos adobes. O transporte também não era suficiente e batalhamos um bocadinho contra esses entraves.

Acabaram-se as casas, começamos a etapa de pisos e aí foi onde eu colaborei mais, com o João, na construção dos pisos. Por último, fizeram-se as portas de madeira para as 21 casas.

Foi um projeto muito bom: durou 3 anos, concretizaram-se 21 casas de adobe e trabalhou-se de 15 em 15 dias. Às vezes, os voluntários iam todas as semanas. Da parte do João havia sempre muita disposição. Quando ele não podia ir, mandava-me a mim ou ao arquiteto Jorge -o outro encarregado- ou o arquiteto Josué que era o que geria toda a logística….

Definitivamente, estar nessa experiência do Adobe For Women, foi algo muito bom. e a mim apaixonou-me. Fiquei fascinada com o trabalho do João e foi a partir daí que decidi continuar com esse voluntariado. Decidi também que queria trabalhar com ele e continuar a aprender.

E ainda continuo a trabalhar com ele…

BIBLIOGRAFIA

amereida, Volumen Primero, Valparaíso, Taller de Ediciones Escuela de Arquitectura y Diseño Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, 2006.

ANDRADE, Maria Isabel Sousa Cardoso de, Lugar, Memória E Corpo – Nostalgia Da Casa Sonhada, Porto, Tese de Mestrado apresentada à FAUP, 2011.

ARAVENA MORI, Alejandro, El lugar de la arquitectura, Santiago de Chile: ARQ, 2002.

ARAVENA MORI, Alejandro, IACOBELLI, Andres, "ELEMENTAL: Manual de Vivienda Incremental y Diseño Participativo", S.L., Osfildern: Hatje Cantz, 2012.

ARTIGAS, Vilanova, "A função Social do Arquitecto", "Caminhos da Arquitectura", São Paulo, Gosacnaify, 2004.

AUGÉ, Marc, Não-Lugares, Introdução a uma antropologia da sobremodernidade, Venda Nova, Bertrand Editora, 1994.

BACHELARD, Gaston, A poética do Espaço, São Paulo, Martins Fontes, 1989.

BAEZA, Alberto Campo, La idea construida. La arquitectura a la luz de las palabras, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1998.

BANDEIRINHA, José António, "O processo SAAL: arquitectura e participação, 1974-1976", Porto, Serralves, 2014.

BARBOSA, Ana Gómez Cortez Acciainoli, A Alma Dos Espaços – Construções De Lugar, Porto, Tese de Mestrado apresentada à FAUP, 2011.

BLUNDER JONES, Peter, PETRESCU, Doina, TILL, Jeremy, [editores], Architecture & participation. 1st ed. London: Spon Press, 2005.

CALVINO, Italo, As Cidades Invisíveis, Alfragide, teorema, [primeira edição 1972], 2011.

CALVINO, Italo, O Barão Trepador, Espanha, Bárbara Palla e Carmo, 2000.

CALVINO, Italo, Seis propostas para o próximo milénio, Lisboa, Editorial Teorema, 2002.

CARLO, Giancarlo de, "L' Architettura della Partecipazione", Macerata, Quodlibet, 2015.

CARNEIRO, Patrícia, "Rumo ao mar, corpo em terra: projectar um lugar no território", Porto, Tese de Mestrado apresentada à Faup, 2014.

CERTEAU, Michel de, A Invenção do Cotidiano, 1.Artes de fazer, RJ, Editora Vozes Ltda., 1994 [primeira edição 1990].

CHILLIDA, Eduardo, Escritos, Madrid, La Fabrica Editorial, 2005.

CORTÁZAR, Julio, A volta ao dia em 80 mundos, Cavalo de Ferro Editores, 2009.

COUTINHO, Pedro Stattmiller Albuquerque - Memória participada: um lugar público para a escarpa das Fontainhas. Porto, Tese de Mestrado apresentada à Faup, 2015.

DAMÁSIO, António, O Sentimento de Si, O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência, Sintra, Publicações Europa-América, 2000.

DOMINGUES, Álvaro, Volta a Portugal, Lisboa, Contraponto, 2018.

ECO, Humberto, Como se faz uma tese em Ciências Humanas, Lisboa, Editorial Presença, 2010.

FATHY, Hassan, Arquitectura para os pobres: uma experiência no Egipto rural, Lisboa, Argumentum, 2009.

FERNANDES, Ana Luísa da Silva - Entre remediar e solucionar: a estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza : São Tomé e Príncipe como laboratório, Porto, Tese de Doutoramento apresentada à Faup, 2015.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa, Da função social do arquitecto, Para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada, 2ª Edição (E.S.B.A.P.- Arquitectura), 1985.

FOCILLON, Henri, A vida das formas seguido de Elogio da mão, Lisboa, Edições 70, 2016.

FRANKE, Lisa Nathalie, Arquitetura Contemporânea em Terra: modos de ver e de fazer, Porto, Tese de Mestrado apresentada à FAUP, 2017.

FREITAG, Michel - Arquitectura e sociedade. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

GALEANO, Eduardo, Las venas abiertas de América latina, siglo veintiuno editores.

GALEANO, Eduardo, El Libro de Los Abrazos, Madrid, Siglo XXI de España Editores, 1999.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, Cem anos de solidão, Madrid, Publicações Dom Quixote, 1988,1997.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, Relato de um Náufrago, Rio de Janeiro, Record.

GIDDENS, Anthony, Modernidade e identidade pessoal, Oeiras, Celta Editora, 2001.

GUERRA, Fernando - Mundo perfeito. Porto: Faup publicações, 2008.

HENRIQUES, Raquel Martins, Da planificação e da gestão urbana: políticas de intervenção e urgência no terceiro mundo: o novo bairro de Magoanine. Porto, Tese de Mestrado apresentada à Faup, 2010.

HESSE, Hermann, Siddhartha, um poema indiano, Alfragide, Leya, SA, 2015

HUGHES, Jonathan, SADLER, Simon [editores], Non-Plan Essays on Freedom participation and change in modern architecture and urbanism, Oxford, Butterworth-Heinemann, 2000.

JACOBS, Jane, Morte e vida de grandes cidades, São Paulo, Martins Fontes, 2000.

JENKINS, Paul, FORSYTH, Leslie[editores], Architecture, participation and society. London: Routledge, 2010.

JORGE, Filipe [Direção Editorial] Terra em seminário: IV seminário Ibero-Americano de construção com terra : III seminário arquitectura de terra em Portugal. Lisboa: Argumentum, 2005Vila Nova de Cerveira: Escola Superior Gallaecia, 2005.

KEROUAC, Jack, Viajante Solitário, Lisboa, Editorial Minerva, 1975.

KUNDERA, Milan, A insustentável leveza do ser, Alfragide,Leya, 2011.

LE CORBUSIER; Les Voyages d'Allemagne: Carnets, Milão, Electa, 2002.

LEITÃO, Ricardo Manuel Coelho - Viagem a outro oriente, por entre lugares de silêncio, um mapa. Porto, Tese de Mestrado apresentada à FAUP, 2015.

LEITE, Vitório Ribeiro Tavares de Vasconcelos, Arquitectura da participação: o debate sobre o habitat participado entre o primeiro e o terceiro mundo, 1960-2010, Porto, Tese de Mestrado apresentada à Faup, 2010

LEFEBVRE, Henri, Critique de la Vie Quotidienne, I Introduction, Paris, l'Arche Éditeur, 1958.

LEFEBVRE, Henri, O Direito à cidade, Lisboa, Estúdio e Livraria Letra Livre, 2012, [primeira edição 1968].

MANSILLA, Luis Moreno, Apuntes de viaje al interior del tiempo, Barcelona, Fundación Caja de Arquitectos, 2002.

MORE, Thomas, Utopia, Mira-Sintra, Europa-América, 3ª edição.

NEVES, Célia, BORGES FARIA, Obede, Técnicas de construcción con tierra, São Paulo, FEB-UNESP/PROTERRA, 2011.

OLIVER, Paul, Dwellings, China, Phaidon Press Limited, 200.

ORTEGA Y GASSET, A rebelião das massas, Lisboa, Relógio de Água Editores.

ORTEGA Y GASSET, José, Notas de andar e ver: Viagens, gentes e países, Lisboa, Fim de Século, 2007.

PALLASMAA, Juhani, Habitar, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2017

PALLASMAA, Juhani, Los ojos de la piel, Barcelona, Editorial Gustavo Gili SL, 2017

PINTO DA SILVA, Maria Madalena, Forma e Circunstância- A Praça Na Cidade Portuguesa Contemporânea", Porto, Tese de Doutoramento apresentada à Faup ,2009.

POLO, Marco, Viagens, Porto, Porto Editora, 2018

PORTAS, Nuno, a arquitectura para hoje 1964, seguido de, evolução da arquitectura moderna em Portugal 1973, Lisboa, Livros Horizonte, 2008

PORTAS, Nuno, A cidade como arquitectura, apontamentos de método e crítica, prefácio de Fernando Távora, Lisboa, Livros Horizonte, 2007, 1ª edição de 1969

PORTAS, Nuno, A Habitação Social, Proposta para a metodologia da sua arquitectura, Porto, Faup publicações, 2004

PORTAS, Nuno, Os Tempos das Formas, vol. I: A Cidade Feita e Refeita, Prefácio de Manuel de Solà-Morales, Guimarães, Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho (DAAUM), 2005

QUEIROZ, Eça de, A cidade e as serras, «Livros do Brasil», Lisboa

RODRIGUES, Sérgio Fazenda - A casa dos sentidos: crónicas de arquitectura. [S.L] : Arqcoop, 2009.

ROSA, Sofia de Melo - Espaço urbano informal: a arquitectura da participação nos países de economia emergente. Porto, Tese de Mestrado apresentada à Faup, 2012

ROSSI, Aldo, A Arquitectura da Cidade, Lisboa, Edições Cosmo, 2001

ROSSI, Aldo, Autobiografia Científica, Barcelona,Editorial Gustavo Gili, 1984.

RUDOFSKY, Bernard, Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture, Albuquerque: University of New Mexico, 1995

SAIT-EXUPÉRY, Antoine de, O Principezinho, Lisboa, Editorial Presença, 2009

SANTOS, Maria Benedita Almeida Campos Coelho e, Materialização De Uma Atmosfera – Um Lugar Entre O Céu E A Terra, Porto, Tese de Mestrado apresentada à FAUP, 2015.

SARAMAGO, José, A Viagem do Elefante, Editorial Caminho, 2008

SARAMAGO, José, Ensaio sobre a Cegueira, Lisboa, Editorial Caminho, 1995

SERAGELDIN, Ismaïl, The architecture of empowerment: people, shelter and livable cities, prefácio de Muhammad Yunus, London, Academic, 1997.

SERRANO, Sónia, Mulheres Viajantes, Lisboa, Edições tinta-da-china, 2017

SIZA VIEIRA, Álvaro, Imaginar a evidência / Álvaro Siza; pref. Vittorio Gregotti. - Lisboa: Edições 70, 2000

SIZA VIEIRA, Álvaro, 01 textos, Porto, Civilização Editora, 2009

SIZA VIEIRA, Álvaro, 02Textos, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2018

SMITH, Cynthia, By the people: Designing a Better America, New York, Cooper Hewitt, 2016.

SOARES, Bernardo, Livro do Desassossego, Lisboa, Assírio e Alvim, 1998

STEELE, James, An Architecture for people, The complete works of Hassan Fathy, London, New York, Whitney Library of Design, Watson-Guptill Publications, 1997

TANIZAKI, Junichiró, Elogio da Sombra, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2016

TAVARES, André, As pernas não servem só para andar, Opúsculo 4, Porto, Dafne Editora, 2006

TAVARES, Gonçalo M., Arquitectura, Natureza e Amor, Opúsculo 14, Porto, Dafne Editora, 2008

TÁVORA, Fernando, Da organização do espaço, prefácio de Nuno Portas, Porto, Edições do Curso de Arquitectura da E. S. B. A. P., 1982

TURNER, John, Housing by people, Marion Boyars Publishers, 1991, [primeira edição 1974].

VERLAG, Jovis [edit.], Handmade urbanism: from community initiatives to participatory models. Berlin: Jovis Verlag, 2013

ZUMTHOR, Peter, Atmosferas: entornos arquitectónicos : as coisas que me rodeiam. Barcelona, Gustavo Gili, 2006.

PERIÓDICOS

Astragalo, Cultura de la Arquitectura y la ciudad, *Ecología del Ambiente Artificial*, Revista Cuatrimestral Iberoamericana Nº 16. Espanha, Celeste Ediciones S. A. Dezembro 2000.

Astragalo, Cultura de la arquitectura y la ciudad, *Espacios, Migraciones, Alteridades*, Revista Cuatrimestral Iberoamericana Nº 18. Espanha, Cesleste Ediciones S.A. Setembro 2001

SITES CONSULTADOS

http://www.adobeforwomen.pt/p/doacoes.html

http://arquitectosartesanos.org/site/obras/

https://ingesudmaroc.wixsite.com/maroc2017

http://www.bienaldemontevideo.com/

https://issuu.com/bienaldabahia/docs/livreto_esteio_smallest

https://parlamento.gub.uy/noticiasyeventos/noticias/node/86149

https://shifter.pt/2016/06/documentario-sobre-siza-vieira/

https://player.sicnoticias.pt/2016-05-28-Vizinhos-A-revolucao-e-as-casas-de-Siza-na--Bouca#

https://www.archdaily.com.br/br/891447/um-mergulho-na-triste-historia-da-escola-flutuante-de-makoko-projetada-por-nle-architects

https://magazine.atavist.com/things-fall-apart-makoko-floating-school

https://www.buildupnepal.com/

http://www.opp.org.pk/

http://www.architectureindevelopment.org/project.php?id=401

http://www.akdn.org/architecture/project/khuda-ki-basti-incremental-development-scheme

https://archnet.org/sites/658/publications/882

http://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK100551/your-rainbow-panorama

http://www.arquine.com/destileria-los-amantes/

http://planosamericanos.com/pepe-mujica-ahora-cumplir-papel-viejo/

https://vimeo.com/112724691

https://vimeo.com/112849622

https://vimeo.com/152644018

https://marcelataboada.com/black-and-white/women-of-clay-mujeres-de-arcilla

http://arquitectosartesanos.org/site/obras/

https://www.facebook.com/pg/BienaldaBahia2014/photos/?ref=page_internal.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Capa: AEDO, NAVARRO, Fernanda, fotografia cedida à autora

1| *Belvedere para observação das estrelas na Ciudad Abierta*, Ritoque, Chile, abril 2017, fotografia da autora

PARTE I
Sobre a memória e (in)definição do ser

2| *Visita a Innsbruck*, Austria, 1999, AZEVEDO, João
3| *Aqueduto*, Segóvia, 1999, AZEVEDO, João
4| *Das utopias concebidas*, desenho da autora
5| *Dos desejos extravagantes*, desenho da autora
6| *Salinas Grandes*, Argentina, fevereiro 2017, fotografia da autora
7| *A utopia está no horizonte*, Salar de Uyuni, Bolívia, março 2017, fotografia da autora
8| *Profundidade*, Mesquita de Córdoba, Córdoba, Espanha, 2015, fotografia da autora
9| *Espacialidade*, Mesquita de Córdoba, Córdoba, Espanha, 2015, fotografia da autora
10| *Janelas que abrigam o sonho*, Ferreira do Zêzere, 2016, AZEVEDO, João

Sobre o sentir

11| *Isla de La Luna*, Lago Titicaca, Bolívia, maio 2017, fotografia da autora
12| *Hierve el Agua I*, Oaxaca, México, junho 2017, fotografia da autora
13| *Hierve el Agua II*, Oaxaca, México, junho 2017, fotografia da autora
14| *Os pés pisam sal*, Salinas Grandes, Argentina, fevereiro 2017, fotografia da autora
15| *Individualismo*, Mc Donalds, Tóquio, Japão, setembro 2015, fotografia da autora
16| *Addiction no metro*, Nova Iorque, setembro 2015, fotografia da autora
17| *Mãos ao ar*, Oslo, agosto 2014, fotografia da autora

Sobre o diário

18| *"Mashrabiya, or wooden latticework screen. The wooden elements are rounded to deflect glare, providing no reflective flat surfaces. The wood absorbs moisture, creating a cooling effect as the airp passes through.*" em STEELE, James, An Architecture for people, The complete works of Hassan Fathy, London, New York, Whitney Library of Design, Watson-Guptill Publications, 1997, p.84.
19 e 20| *Olafur Eliasson no ARoS Aarhus Art Museum*, Aarhus, Dinamarca, agosto, 2015, fotografias da autora

PARTE II
A materialidade das coisas comuns

21| *"Dá a um pedreiro tijolos e argamassa", escreve Jamshid Kooros, um arquiteto Persa formado no M. I. T, "e diz-lhe para cobrir um espaço e deixar entrar a luz, os resultados são surpreendentes. O pedreiro, dentro das suas limitações, encontra intermináveis possibilidades, existe variedade e harmonia; enquanto que o arquiteto moderno, com todos os materiais e sistemas estruturais disponíveis, produz monotonia e dissonância, e isso em grande abundância."*, KOOROS, Jamshid em RUDOFSKY, Bernard, Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture
22| *"Estruturas de cidades. Marraquexe é o arquétipo de uma cidade islâmica com as suas casas quadrangulares organizadas em redor de pátios interiores. Não existem artérias de tráfico que valha a pena mencionar; as fascinantes e estreiras ruelas regularmente levam a becos sem saída."* E. Vogel, Collection Musée de l'Homme em RUDOFSKY, Bernard, Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture
23-26| "*Arquitetura móvel. Muitos povos chamados primitivos deploram o nosso hábito de mudança (com todos os nossos pertences) de uma casa, ou apartamento, para outro. Aliás, o pensamento de terem de*

*viver em quartos que já foram habitados por estranhos parece-lhes tão humilhante quanto comprar roupas em segunda mão. Quando se movem, preferem construir novas casas ou levar com eles as antigas."*Montagem de fotografias retiradas de 23-Dr. Pales, Collection Musée de l'Homme; 24 e 25- oppi Untracht; 26- Peter Schmid, *Paradies im Drachenschlund*. Deutsche Verlags-Anstalt em RUDOFSKY, Bernard, Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture

ADOBE FOR WOMEN
primeiros passos no refletir

27| *Será um portal no tempo?*, Stonehenge, Reino Unido, 1999, AZEVEDO, João
28| *Verona Revisitada*, Verona, Itália, AZEVEDO, João
29| *Piazza del campo, luz e contraluz*, Siena, Itália, MOTA, Aurélia
30| *Casas num canal*, Milão em ROSSI, Aldo, Autobiografia Científica, Barcelona,Editorial Gustavo Gili, 1984.
31| *Vista para Cattedrale di Sant'Agata*, Catânia, Itália, 2018, desenho da autora
32-36| Fotografias retiradas de http://eng-adobeforwomen.blogspot.com/p/progress.html
37| *"Rainha Hatshepsut a fazer um tijolo de terra"*, FATHY, Hassan, Arquitectura para os pobres: uma experiência no Egipto rural, Lisboa, Argumentum, 2009, p. 8.
38| *Carmela*, Projeto Mujeres de Arcilla, TABOADA, Marcela, imagem disponibilizada em https://marcelataboada.com/black-and-white/women-of-clay-mujeres-de-arcilla
39| *La Construcción*, Projeto Mujeres de Arcilla, TABOADA, Marcela, imagem disponibilizada em https://marcelataboada.com/black-and-white/women-of-clay-mujeres-de-arcilla

FERREIRA DO ZÊZERE
ponte para uma aprendizagem informal

40| *Aprender a ouvir*, Ferreira do Zêzere, Portugal, 2016, SÃO MARCOS, Joana
41| *Primeiros passos do visitar*, Ville Savoye, Poissy, França, 2014, fotografia da autora
42| *Alinhar o percurso*, Caja Granada Savings Bank, Projeto do arquiteto Alberto Campo Baeza, fotografia da autora.
43| *Desenhar de olhos fechados, a memória da mão*, Aulas de desenho II, Faup, 2013, desenhos da autora.
44| *O ser curioso*, Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas, Ribeira Grande, São Miguel, fotografia da autora.
45| *Povoar o espaço*, Museu nacional de Arte Romana de Mérida, Mérida, Espanha, fotografia da autora.
46| *Continuar a viver, Índios da meia praia*, imagens retiradas do Documentário de António da Cunha Teles de 1976, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qE0NlsQTs_k.
47| *Vista aérea do aglomerado de casas onde se insere a propriedade do senhor Manuel e da dona Aida*, imagem retirada do googlemaps.
48| *Mãos à obra*, Fases de construção do projeto em Ferreira do Zêzere, arquivo da Associação Just a Change.
49 e 50| *Mãos à obra*, Fases de construção do projeto em Ferreira do Zêzere, SÃO MARCOS, Joana.
51-60| *Processo de construção*, Ferreira do Zêzere, SÃO MARCOS, Joana.
61|Arquivo da Associação *Just a Change*.

ESTEIO, URUGUAI
as mãos na terra

62| *Confronto*, Montagem da Esteio na Bienal de Arte de Montevideu, Palácio Legislativo, Montevideu, Uruguai, 2016, imagem disponibilizada em http://www.fadu.edu.uy/patio/novedades/3era-bienal-de-montevideo.html
63| *ESTEIO na Bienal de Arte da Bahia*, Salvador, Brasil, 2014, MASCARENHAS, Alfredo, https://www.facebook.com/pg/BienaldaBahia2014/photos/?ref=page_internal
64| As mãos na terra, Montagem da Esteio na Bienal de Arte de Montevideu, Palácio Legislativo, Montevideu, Uruguai, 2016, imagem disponibilizada em http://www.fadu.edu.uy/patio/novedades/3era-bienal-de--montevideo.html
65| Contrastes, Montagem da Esteio na Bienal de Arte de Montevideu, Palácio Legislativo, Montevideu, Uruguai, 2016, imagem disponibilizada em http://www.fadu.edu.uy/patio/novedades/3era-bienal-de-montevideo.html
66| Futurospective Arquitecture, Centro Cultural de Belém, Sou Fugimoto. Arquitetura como Floresta –

Textos, maquetas, fotografias: uma exposição concebida, projetada, documentada e comentada por Sou Fujimoto. 2013, fotografia da autora
67| *Inacabado, Montagem da Esteio na Bienal de Arte de Montevideu*, Palácio Legislativo, Montevideu, Uruguai, 2016
68| Processo e progresso, Montagem da Esteio na Bienal de Arte de Montevideu, imagem disponibilizada em http://www.fadu.edu.uy/patio/novedades/3era-bienal-de-montevideo.html

TECHO, URUGUAI
enfrentar realidades

69| *Construção de Vivendas de Emergência*, Asentamiento nos arredores de Montevideu, Uruguai, setembro de 2016, fotografia da autora
70| *Silêncio acima do tumulto*, Carnaval, Purmamarca, Argentina, Fevereiro de 2017, desenho da autora
71| *Purmamarca,* Argentina, fevereiro de 2017, fotografia da autora
72-74| *Construção de Vivendas de Emergência II,* Asentamiento nos arredores de Montevideu, Uruguai, setembro de 2016, fotografias da autora
75 e 76| *Exemplos do Interior e exterior das habitações num asentamiento nas periferias de Montevideu*, Uruguai, setembro de 2016, GRZEBALSKA, Alicja
77| *Senhor a tomar Mate na cidade velha*, Montevideu, Uruguai, 2016, fotografia da autora
78| *Domingo de feira em Tristán Navarra*, Montevideu, Uruguai, 2016, fotografia da autora
79| *Domingo de feira em Tristán Navarra II*, Montevideu, Uruguai, 2016, fotografia da autora
80| *Descanso ao fim da tarde num miradouro,* Sucre, Bolívia, desenho da autora
81| *Pescar en los atardeceres*, Montevideu, Uruguai, 2016, fotografia da autora
82 e 83| *Iniciativas da "Un Techo para mi País" no terramoto de 2010*, Chile, imagens disponibilizadas em https://utpmp.wordpress.com/category/breve/
84| *Untitled (Ghardaia*) 2009, ATTIA, Kader, exposição na Tate Modern, em Londres, inserida no tema Living Cities

MARROCOS E O CHANTIER
os pés na terra

85|*"Recordo a ausência de ansiedade.",* Kasbah Taourirt- Ouarzazate, GRADE, José, em ALVES COSTA, Alexandre, SIZA, Álvaro, *1967 Marrocos,* circodeideias, 2011
86|*"---e uma curiosidade recíproca...",* Boulmane do Dadés, GRADE, José em ALVES COSTA, Alexandre, SIZA, Álvaro, *1967 Marrocos,* circodeideias, 2011
87| *Desenho de memória da Medina de Marraquexe*, Marrocos, desenho da autora
88|| *Percurso até ao Centro Fiers et Forts*, Tamesloht, Marraquexe, Marrocos, fotografia da autora
89| *Kasbah abandonado da Vila*, Tamesloth, Marraquexe, Marrocos, fotografia da autora
90| *Vista para as montanhas do alto Atlas*, Centro Fiers et Fors, Tamesloth, Marraquexe, Marrocos, fotografia da autora
91| *Marraquexe e os seus contrastes*, Marraquexe, Marrocos, desenho da autora
92| *Primeiros esboços*, Tamesloth, Marraquexe, Marrocos, desenho da autora
93-95| *Decorrer da obra*, Tamesloth, Marraquexe, Marrocos, fotografias e desenhos da autora
96-101| *Decorrer da obra II*, Tamesloth, Marraquexe, Marrocos, fotografias e desenhos da autora
102-105| *Decorrer da obra III*, Tamesloth, Marraquexe, Marrocos, fotografias e desenhos da autora
106 e 107| *Finalização do espaço*, Tamesloth, Marraquexe, Marrocos, ARBATYA, Amine

PORTO
ponto de situação

108| *Movimento #preenchervazios, criado para alertar a população da Invicta para fenómenos tais como o roubo ou desaparecimento de azulejos das fachadas das casas* Rua de Cedofeita, Porto, Fevereiro de 2018*,* fotografia da autora
109| *Gente de todas as cores*, Macchu Picchu, Cuzco, Peru, maio de 2017, fotografia da autora
110| *A cidade em tons pastel*, Breslávia, Polónia, 2018, fotografia da autora
111| *Castell ou uma torre de vontades*, Barcelona, 2014, AZEVEDO, João
112-115| Vários desenhos, SIZA, Álvaro, Esquissos de Viagem/Travel Sketches, Porto, Simão Gumarães, Filgos, Limitada, 1988
116|| *Hortas da Lada*, Porto, 2018, fotografia da autora
117| *Igrejas do Carmo e das Carmelitas,* Porto, 2018, fotografia da autora

118| *Paços do Concelho,* Porto, 2018, fotografia da autora
119| Cadeia da Relação, BELO, Duarte, 1997 em O Porto e os seus Fotógrafos, Porto Editora, Porto 2001, Capital Europeia da Cultura, p.303.
120| *ANIKI-BÓBÓ 50 ANOS* em NEVES, Jorge[organização], *Aniki Bóbó 50 anos*, Livro comemorativo do cinquentenário do filme Aniki Bóbó de Manoel de Oliveira, Porto, Delegação Regional da Cultura do Norte, Câmara Municipal do Porto, Cinemateca Portuguesa, Cineclube do Porto

Parte III
Não é só de sonhos, mas também de mãos, esta Utopia

121| *Vislumbre para uma selva diferente*, Empire State Buiding, Nova Iorque, 2015, fotografia da autora
122| *Retrato de um regresso a casa*, Tóquio, Japão, 2015, fotografia da autora
123| *La Paz*, Bolívia, Maio de 2017, fotografia da autora
124| *Miradouro do Empire State Building*, Nova Iorque, setembro 2015, fotografia da autora
125 e 126| *Manifestações na Avenida Paulista*, São Paulo, julho 2016, fotografias da autora
127| *"A Torre de Samarra no Iraque, construída há onze séculos atrás. A subida de 140 pés tem de ser feita sem a ajuda de corrimões*.", National Geographic Society em RUDOFSKY, Bernard, Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture

notas de viagem ao interior do ser

128| *"Virtude vernacular. Efeitos verdadeiramente mágicos são várias vezes conseguidos com meios modestos. A cúpula de uma casa de banhos Turca-um turbilhão de estrelas brilhantes, presas,por assim dizer, no seu movimento. Os discos luminosos embutidos na cúpula são grossos blocos de vidro semelhantes a lentes. Iznic, Turkey. Othmanli period.*", Direction Générale de la Presse au Ministère de l'Interieur, Ankara, Courtesy Dr. Myron B. Smith, Islamic Archives em RUDOFSKY, Bernard, Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture

anexos

À Conversa com Viviana Lugo Alonso,

Grupo da construção em setembro de 2016, Montevideu, Uruguai, LUGO ALONSO, Viviana

À Conversa com Maxim Malhado

Todas as fotografias foram retiradas de https://www.facebook.com/pg/BienaldaBahia2014/photos/?ref=page_internal.

À Conversa com Alejandra

As fotografias foram retiradas de http://eng-adobeforwomen.blogspot.com/p/progress.html

Recordar:
Del latín re-cordis,
volver a passar por el corazón.

Eduardo Galeano, *El libro de los abrazos*